

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Ana Beatriz Nascimento Clauss



**ENTRE AS MONTANHAS E O MAR: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS ILHAS E
TERRAS-ALTAS DA ESCÓCIA**

Belo Horizonte

2018

Ana Beatriz Nascimento Clauss

**Entre as montanhas e o mar:
um estudo etnográfico das ilhas e Terras-Altas da Escócia**

Monografia apresentada à disciplina de MONOGRAFIA do Curso de Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Aderval Costa Filho.

Belo Horizonte

2018

Dedico este trabalho a este local que, com suas pessoas, hospitalidade, montanhas, música, bebidas, danças, ovelhas, comidas, intempéries, *pints* e *whisky*, sorrisos e conversas vespertinas regadas a chá, com suas diferenças, pluralidades, peculiaridades e ensejos, me recebeu como minha segunda casa; as *Highlands* escocesas.

**Entre as montanhas e o mar:
um estudo etnográfico das ilhas e Terras-Altas da Escócia**

Dissertação apresentada ao Programa de Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Antropologia Social.

Prof. Dr. Aderval Costa Filho (Orientador)

FAFICH/UFMG

Prof. Dr. Marco Julián Martínez-Moreno

MN/UFRJ

Belo Horizonte - Minas Gerais

Dezembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a todos os envolvidos, diretamente e indiretamente, em fazer esse trabalho possível.

Prof. Aderval, obrigada pela orientação, força e voto de confiança.

Prof. Marco Martínez, pelas emoções, diálogos e aulas.

Profa. Karenina, pelas inspirações literárias.

Agradeço ao Colegiado e a inúmeros professoras/es e profissionais que me possibilitaram escrever e apresentar essa dissertação. Ângela e Viviane, obrigada pela paciência, gentilezas e auxílios eternos.

Agradeço a todos os meus interlocutores das Terras-Altas escocesas, pelo carinho, receptividade e inclusão.

Agradeço a Ernst, meu companheiro de parede de escudos, pela jornada e pelo amor.

Agradeço a Xande, pela revisão e pelo amor de irmão.

Agradeço à Marlene, Ernestina, Jacobina, Cora, Milka, Jezir e Pretinho, meus companheiros felinos, pelas noites em claro em que me rodearam ininterruptamente, cedendo carinho e força incondicionais, sem exceção, até o encerramento deste trabalho.

Agradeço à minha família, meus amigos e amigas que tanto colaboraram e me deram sanidade nessa jornada. Sem vocês, este trabalho nem sequer teria começado.

Obrigada pela *deutsche Reinheitsgebot* pela vívida inspiração.

E, por fim, obrigada a você, que se aventura por essas páginas.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo etnográfico nas Terras-Altas e ilhas da Escócia, onde foi realizado um deslocamento itinerante, sobre uma bicicleta, entre diversas comunidades rurais, onde pude vivenciar, experienciar e contemplar diversos aspectos e camadas musicais, climáticas, culinárias, geográficas e sociais, identitárias e plurais, constituintes de diversas comunidades rurais escocesas das Terras-Altas com as quais convivi. Aflorando de inúmeras diferenças por este vasto, plural, heterogêneo e montanhoso território, a partir de trabalhos em equipe, tópicos constantes com o severo clima, a troca e reciprocidade invisível e dadivosa que permeiam as relações sociais, que associadas a raízes históricas inegáveis de dominação inglesa, que ainda hoje permeiam aquelas terras, denotam a força e confraternidade escocesa, que desabrocham como uma unidade na diferença: o sentimento de resistência, de nacionalismo escocês, de identidade nas Terras-Altas, que se manifesta de diversas formas, demonstrando modos distintos mas complementares de vivências. Os *pubs*, que abrigam as *music sessions*, são os principais centros de convivência entre locais isolados, e é também onde essas diferenças são colocadas de lado e vizinhos, família e conhecidos se reúnem, em um rito social semanal, corroborando a sociabilidade e reforçando o conceito de identidade entre os escoceses das Terras-Altas, criando uma unidade em sua diversidade, que foi essencial para identificar e determinar o sentimento de resistência e o nacionalismo escocês.

Palavras-chave: Escócia, Terras-Altas, identidade, troca-reciprocidade, nação.

ABSTRACT

This work presents an ethnographic work on the Highlands and Islands of Scotland, where a traveling bicycle tour was carried out between several rural communities, where I was able to experience and contemplate various musical, climatic, culinary, geographical and social, identity and plural, constituents of several Scottish rural communities of the Highlands of which I lived. Out of innumerable differences by this vast, plural, heterogeneous and mountainous territory, from teamwork, constant topics about the harsh climate, the invisible exchange and reciprocity that permeates social relations, which associated with undeniable historical roots of domination of Scottish, the strength and fellowship blossom as a unity in their difference: the sense of resistance, of Scottish nationalism, of identity in the Highlands which manifests itself in various forms, demonstrating different but complementary ways of experiences. The pubs, which host the music sessions, are the main centres of coexistence between isolated places, and it is also where these differences are set aside and neighbours, family and acquaintances make gatherings in a weekly social ritual, corroborating sociability and reinforcing the concept of identity among the Highland Scots, creating a unity in their diversity that was essential to identify and to determine the sentiment of resistance and Scottish nationalism.

Keywords: Scotland, Highlands, identity, exchange-reciprocity, nation.

Alba an Àigh (A valente Escócia)

*“Towering in gallant fame,
Scotland, my mountain hame,
High may your proud standards gloriously wave.
Land of my high endeavour,
Land of the shining river,
Land of my heart forever,
Scotland the brave.”*

Cliff Hanley

(Elevando-se em galante fama,
Escócia, minha montanha-natal,
Seu orgulho se estenderá gloriosamente nas alturas
Terra de meu grande empenho,
Terra de rios brilhantes,
Terra do meu coração, para sempre,
Corajosa Escócia)
(tradução livre, feita pela autora)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa para localização do Reino Unido e seus países constituintes.	14
Figura 2: Mapa da Escócia para distinção entre <i>Highlands</i> e <i>Lowlands</i> , Terras-Altas e Terras-Baixas, respectivamente.	14
Figura 3: A <i>tandem</i> , o meio de locomoção utilizado nas Terras-altas escocesas em minha imersão. Momento de chegada em <i>John O’Groats</i> , vila mais ao norte da Escócia continental.	18
Figura 4: Trajeto realizado com a <i>tandem</i> , totalizando seis meses e 2030 km, deslocando-me entre comunidades rurais.	21
Figura 5: Mapa ampliado da ilha de <i>Skye</i> , traçado nosso percurso pela ilha.	24
Figura 6: Paisagem de <i>Vatten</i> , na ilha de <i>Skye</i> , com os galpões e cercas de metal à vista, e montanhas ao fundo.	26
Figura 7: Reunião de um pequeno rebanho de ovelhas para tosa — 170, em média — após reuni-las todas circundando as montanhas próximas, na ilha de <i>Skye</i> , em <i>Vatten</i>	28
Figura 8: Competição de vegetais (categorias variadas) em <i>Black Isle</i>	30
Figura 9: Mapa ampliado das ilhas de <i>Orkney</i> , traçando nosso percurso pela ilha.	31
Figura 10: Mapa ampliado das Terras-Altas continental, traçando nosso percurso pela ilha.	40
Figura 11: O interior de um <i>polytunnel</i>	42
Figura 12: Insulação das paredes de uma casa em construção com lã de ovelha, isolando a casa do frio, dos ventos, das chuvas, e bruscas mudanças climáticas.	43
Figura 13: Túmulo do clã Fraser, situado no campo de batalha <i>Culloden</i>	53
Figura 14: “ <i>I shall die at last strong in my pride and free</i> ”, Irei ao menos morrer convicto de meu orgulho, e livre. Cravado em um painel de pedra.	54
Figura 15: A primeira geada do ano, em Newtonmore, <i>Highlands</i>	79
Figura 16: Trajeto, e caminho ao pico <i>Ben Lawers</i> , na região de <i>Loch Tay</i>	82
Figura 17: Banda de <i>pipes and drums</i> , em <i>Strathpeffer</i>	89

SUMÁRIO:

1. A JORNADA	11
1.1 Caledonia	12
1.2 Tríade	14
1.3 Narrações e movimento	16
1.4 Tandem	20
2. STRENGTH	23
2.1 Ilha de Skye	24
2.2 Ilhas de Orkney	31
2.2.1 A resistência dos orcadianos	33
2.2.2 A vivência em pubs	37
2.3 Terras-Altas: Loch Tay	39
3. STRUGGLE	48
3.1 Levantes de '15 e '45	48
3.2 Highland Clearances	56
3.3 Brexit	62
3.3.1 O presente	64
4. LONGING	67
4.1 Redes comunitárias	68
4.2 Music Sessions	69
4.3 O acolhimento	74
4.4 Interações	77
4.5 Canções escocesas e natureza	80
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
6. GLOSSÁRIO	95
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

1. A JORNADA

Nada ou ninguém poderia me preparar para o que ia sentir.

Nenhuma montanha(s) antes me desafiou assim.

Nenhuma caminhada com solo escorregadio, úmido, pantanoso e traiçoeiro.

Nenhuma chuva antes era tão contínua a ponto de permanecer intermitente por dias ou até semanas a fio, desafiando a sanidade de todo e qualquer indivíduo.

Nenhum lago era tão gelado e hipnotizante.

Nenhum *pub* nunca me foi tão convidativo, aconchegante e musical.

Nenhum música me arrepiou tão por completo e levou lágrimas aos olhos.

Até agora.

O trabalho do antropólogo lhe apresenta uma nova casa, ao mesmo tempo em que se estranha a sua própria. As divisórias tornam-se irrisórias, flutuantes, tons de cinza. Não saber de onde veio, por onde andou e para aonde vai. E reside realmente um problema nestes questionamentos? Talvez eles próprios contenham a resposta.

A partir de retalhos — de diferentes densidades, tamanhos, cores e texturas — costuro este trabalho, do qual inúmeras pessoas participaram. Aliar meu amor pelo cultivo, trabalho e cuidado com a terra com uma experiência antropológica mostrou-se possível, conjuntamente à minha curiosa paixão pelo estridente, agudo e poderoso som da gaita-de-fole escocesa.

Preparei-me para uma viagem atravessando o oceano Atlântico, apenas com passagem de ida. Adentrar o desconhecido, distante e misterioso com uma mochila nas costas, o meu companheiro Ernst Kurt Clauss e um instrumento musical cada. Adentrava as Terras-Altas na Escócia — as *Highlands*, com toda a dimensão da palavra, mais destrinchada a seguir —, propondo-me a uma experiência de imersão a partir de um programa de voluntariado em comunidades rurais orgânicas: *WWOOFing* — *worldwide opportunities on organic farms*¹, uma fundação global de trabalho voluntário que visa o intercâmbio internacional com imersão no país estrangeiro, com bases, websites e estruturas diferentes em cada país. A organização do Reino Unido, a que utilizei como fonte primária de uma rede de contatos com comunidades rurais, foi fundada em 1971 e ramifica-se até hoje com contatos entre interessados e as comunidades rurais.

¹ Oportunidades mundiais em fazendas orgânicas. Tradução livre da autora.

A partir de uma breve inscrição no programa, o que requer certa quantia para assegurar a continuidade do mesmo, somos habilitados a entrar em contato direto — *emails*, telefone e até cartas — com as comunidades rurais orgânicas, das quais cada uma possui um perfil estabelecendo suas tarefas, expectativas, localidades, especificidades e detalhes diversos.

A minha vinculação com o local — Escócia — deu-se desde pequena por uma série de fatores, muitos conhecidos e muitos (ainda) desconhecidos, como um curioso e interessante chamado que apenas se intensificava com o tempo, e que culmina nesse trabalho, produto de vivências imersas na cultura escocesa das Terras-Altas.

Retomando a ideia de retalhos, deste estudo teço uma colcha de vivências, de peculiaridades, de sentimentos percebidos, vividos e derramados. De excessos e escassez, aventuras e desventuras, desenrolar musicais e letras que fazem uma nação inteira tremer. Dos ventos que cortam sem pedir licença e chuvas que adentram, ora como agulhas perfurantes, ora como gentis suspiros de gotas. Da umidade que nunca nos deixa, e o sol que raramente se espreita.

De uma inteira percepção do exercício de observar, escutar e documentar o discurso do outro. De permear a tênue linha entre o familiar e o desconhecido, e brincar entre ambas. Brincando, me entregando e estudando, chego à *Caledonia* — terra-mãe escocesa.

1.1 *Caledonia*

A Escócia, país constituinte do Reino Unido, conta com 5 milhões e 300 mil habitantes, dos quais quase 90% da população concentrando-se nas *Lowlands*, as terras-baixas, populosas, e, em contrapartida, há uma escassa distribuição do restante da população pelas *Highlands*, as Terras-Altas. Cabe aqui diferenciar as *Highlands* das *Lowlands*, sendo elas as duas grandes divisões de um mesmo país. As *Lowlands*, ou Terras-Baixas, que abrigam indubitavelmente a maior parte da população escocesa, se situa em um polo de cidades, centros urbanos e mais industrializados, como *Glasgow*, *Edinburgh* e *Aberdeen*, grandes estradas e rodovias, universidades. Além disso, trata-se de terras baixas, apesar de contar com algumas montanhas em suas paisagens.

A polarização entre essas duas macro regiões fez grandes diferenças surgirem entre ambas, apesar de tão próximas entre si. O que aqui retratarei das Terras-Altas se diferencia em inúmeros aspectos das Terras-Baixas, onde inclusive o significado de vivência no norte, nas montanhas, nesses locais inóspitos tem uma conotação de imensidão e isolamento, atraso, remetendo a uma tradicionalidade e costumes muitas vezes mais diluídos nas *Lowlands*. Considero importante também ressaltar os inúmeros recortes de regiões dentro das próprias *Highlands*, e como esta região

não é, de forma alguma, única, com peculiaridades necessariamente semelhantes e coesas em toda sua extensão. Trato inclusive, nessas páginas, desse grande conjunto de diferenças que vivenciei nas Terras-Altas, e não almejo tratar essa plural e vasta região com um discurso homogêneo ou homogeneizante — procuro discutir justamente sobre esse não-consenso da “unidade” que permeia as Terras-Altas.

Retomando para a Escócia como um todo, o país conta com o inglês e o gaélico escocês como línguas oficiais, mas, anteriormente, precedendo à invasão e dominação inglesa, a vivência existia apenas em gaélico. Poucas são as pessoas que preservaram essas redes gaélicas e, quando as preservaram, permaneciam em ciclos fechados em famílias. Por gerações a fio, quem manifestasse qualquer expressão em gaélico ou qualquer alusão à pátria escocesa era rapidamente enforcado, por isso, a dominação pela supressão da língua, cultura, música, e ambientes de socialização foi a questão chave durante esse processo.

Durante meu trabalho de campo, foram poucas as pessoas que conheci que conversavam, eram fluentes em gaélico, e efetivamente utilizavam a língua em seu dia-a-dia. E, quando estas pessoas existiam, com quem conversavam? Os falantes são raros, e os falantes nativos mais ainda. Conheci um senhor que dizia conversar gaélico apenas com as árvores... Me condoí e desejei ter as habilidades de me comunicar nessa língua, que parece tão mística e secreta. Atualmente, o gaélico ainda é ensinado em escolas, mas segue cada vez mais como uma língua que desempenha um papel coadjuvante no dia-a-dia da nação, sendo desnecessário em termos oficiais ou empregatícios, relegada, então, a um estudo mais de enriquecimento cultural, mas que não se apresenta de forma ativa atualmente.

A língua inglesa, portanto, é a que dá a voz a esses ricos interlocutores, em um sotaque bastante singular e, inicialmente, de difícil compreensão, mas, com um ouvido atento e sedento, o dito pode ser intuitivamente entendido e absorvido. A região conta, em locais singulares, também com dialetos que surgem da híbrida combinação do inglês e do gaélico — que também possui diferenças regionais —, mas não me atrevo, neste momento, a adentrar nessa rica e vasta discussão linguística — que também pode ser uma importante ferramenta para o controle político.

A partir da língua inglesa, pude perceber vários termos que se mostraram marcantes e reincidentes — muitas vezes, apareciam, mesmo que em contextos diferentes, imbuídos de fortes significados e conceitos, frequentemente trazidos à tona pelos escoceses com quem convivi. Traduzi-los aqui simplesmente por uma palavra equivalente seria um desperdício e uma significativa perda, a perda desse contexto tão ricamente utilizado. Lentamente, durante minhas descrições, esses distintos termos emocionais aparecerão, conjuntamente com seus respectivos

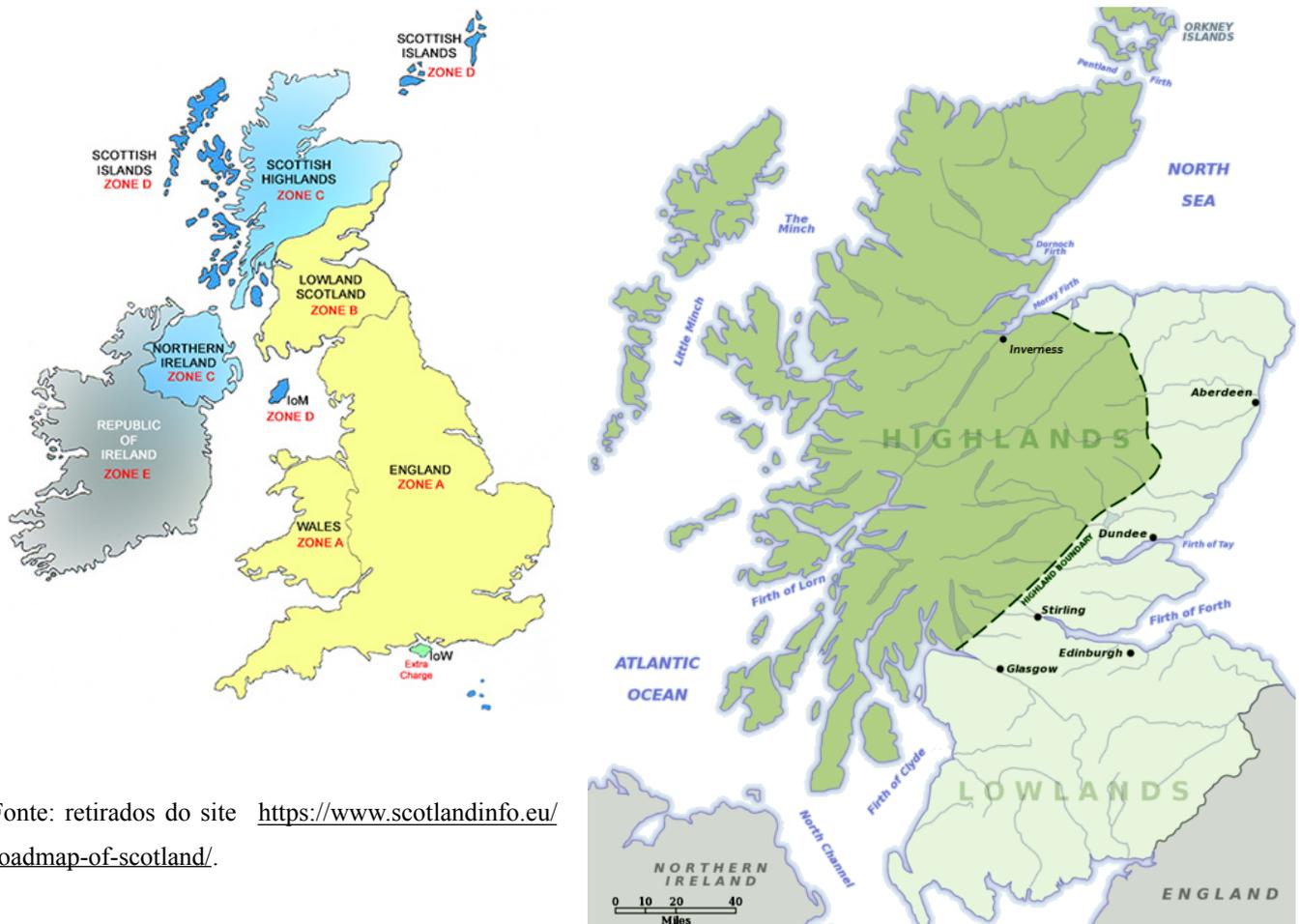
contextos e discussões teóricas, para a menor perda possível de significado nas traduções literais, incluindo também traduções de minha autoria de entrevistas, músicas, poemas e citações, a maioria em inglês, devido à praticamente ausência de material na língua portuguesa do tema.

Estes termos fundamentais que aqui trato, seriam, em ordem, *Strength*, *Struggle*, e *Longing*, que serão desmembrados nas páginas seguintes. Um não existe isoladamente do outro; atrevo-me a dizer que esta tríade se complementa e apenas funciona coesamente como opera, pela existência, presença e simultaneidade desses elementos. A força não se dá sem luta, que se reforça pelo sentimento de saudade bucólica de um país que se orgulha de ser, o que o escocês sobrepõe às dificuldades e se dispõe a lutar, não importando as intempéries. Constitui-se, então, uma tríade embebida em conceitos e discussões antropológicas que serão desenvolvidas a seguir.

1.2 Tríade

Figura 1: mapa para localização do Reino Unido e seus países constituintes.

Figura 2: mapa da Escócia para distinção entre Highlands e Lowlands, Terras-Altas e Terras-Baixas, respectivamente.



Fonte: retirados do site <https://www.scotlandinfo.eu/roadmap-of-scotland/>.

Dialogando com a ideia de interdependência entre os termos, aventuro-me em conceitos que acredito não estarem dissociados um do outro. Em *Strength*, que poderia ser literalmente traduzido como força, resistência, procuro situar o leitor das *Highlands* escocesas, situada no eixo norte do chamado Reino Unido, situado na Europa. Foi importante apresentar este eixo central como não homogêneo, tanto em si quanto em relação aos outros. Considerar o “Ocidente” como homogêneo segue como algo errôneo, e vemos uma pequena amostra disto aqui, nessa etnografia das Terras-Altas da Escócia. Além disso, dialogando com a ideia de que a Europa segue como o pólo dominante em relação aos outros países, periféricos, quebra-se este paradigma com o caso escocês. Eis um país, situado no eixo norte desta grande ilha, que é dominado pelo país do sul, ambos situados na Europa. Percebemos então, relações existentes dentro deste mesmo continente que atinge de forma distinta os países que o constituem.

Continuando o trabalho de campo, somos apresentados a um mundo completamente novo, com suas próprias dinâmicas e regras: as *Highlands* escocesas. Como o nome do capítulo, dialogarei a força contida neste povo, especificamente situado ao norte do país, onde as condições são inóspitas, isoladas e acentuadas, proporcionando dificuldades de vivência diária, relação com o mundo externo e deslocamentos. Como, tanto nas Terras-Altas quanto nas ilhas, a oeste e ao norte, vemos e caracterizamos estas diferenças, em diferentes vivências, situações e locais, além de vívidas relações de troca, reciprocidade e dúvidas que permeiam seu dia-a-dia. Para dar suporte a esta discussão, citarei autores como Appadurai (1986), Mauss (1974) e Polanyi (1980).

Em *Struggle*, traduzido para luta, ímpeto para libertar-se, apresento uma contextualização histórica que se mostra imprescindível para compreendermos as raízes profundas do que aqui tratamos. Segundo Toren (2012), nossos processos históricos são partes ativas constituintes do eu e do coletivo, sendo, portanto, imprescindíveis para a trajetória que aqui perpassamos. Os levantes jacobitas de 1715 e 1745, interligados com questões políticas das dinastias inglesas, juntamente com as *Highland Clearances*, que ainda é visível em suas ruínas pelas Terras-Altas, nos mostram a importância dessa contextualização, que se atualiza com conflitos e acontecimentos do presente, como o *Brexit*, a votação que acarretou na recente saída do Reino Unido da União Europeia.

Caminhando conjuntamente com essa resistência que vem a partir da repressão, chegamos ao *Longing*, que carrega em si uma nostalgia, uma melancolia de um tempo passado, que talvez não retorne jamais, declamada ora em voz alta por meio de *music sessions* nos *pubs*, ora silenciosamente com o contato das inóspitas montanhas, lagos e vales das Terras-Altas, que tanto encantam e remetem a essa Escócia mescla de imaginação, heranças históricas e reciprocidades.

Em meio a estas discussões e exposições de experiências vividas em diferentes localidades, percebi algo em comum. Dos mais diversos ocorridos e locais pedalados, encontrei inúmeras diferenças entre as pessoas, seus modos de falar, de fazer música, de plantar, de dialogar com os vizinhos e comigo, de reclamar e/ou discutir sobre o clima. Mas, sem buscar uma homogeneização destas experiências vividas por extensas localidades nas Terras-Altas, uno-as em todas as suas diferenças, ao mesmo tempo em que almejam algo em comum, que aflora: a identidade do povo escocês das Terras-Altas, e o não-consenso dessa ‘unidade’ identitária, e ambos caminham juntos, apesar de, inicialmente, se contradizerem.

Algo que se mistura na tradicionalidade — não vinculado a algo atrasado, passado, mas a raízes identitárias que se manifestam de distintas formas no presente —, nas trocas, na reciprocidade invisível nas relações sociais, na luta contra a repressão e nos ritos sociais que ocorrem em *pubs* nas Terras-Altas; os locais em que todas as diferenças são postas de lado e cria-se um ambiente de confraternização, leveza, de partilha do dia-a-dia e músicas, que reforçam o seu nacionalismo, por uma Escócia nas Terras-Altas que se enaltece pelo seu povo, pela sua natureza, pelas canções e pelo sentimento que ebule desta combinação. A partir deste borbulhar, teço, com autores como Hall (1998), Gupta & Ferguson (2000) e Anderson (2008), diálogos sobre a questão identitária nas Terras-Altas, que, inevitavelmente, se desdobra para o tema do nacionalismo no país, este não independente, e quais polêmicas isso suscita.

1.3 Narrações e movimento

Procuro, através de uma antropologia itinerante, escutar e reproduzir discursos. Considerando a natureza não estática dos locais, de paisagens, das pessoas e das culturas, tudo está em constante movimento, com incorporações externas, internas e transformações; sigo também uma cadência de locomoção. Este ato de locomover, que, quando articulado, não está desvinculado a narrações das pessoas, de histórias e paisagens. Segundo Tim Ingold (2008), o que as pessoas dizem — suas narrações — continua e estende-se no tempo simultaneamente com seu ritmo, de viver, de andar. Um ato não está desvinculado do outro; o processo de escutar, de reconhecimento e suas próprias vivências do dia-a-dia estão ritmicamente conectados.

A partir dessas percepções, me locomovi por extensas áreas — muitas vezes inóspitas — para alcançar outros locais. Para esse objetivo, que se monta no ambicioso desejo de, além de viver e conviver com os habitantes, sentir, e me deixar afetar. Sem a afetação, este trabalho não seria possível; foi a partir do afetar-se e do deixar-se afetar que as percepções deste desenvolvimento se

mostraram possíveis. Sem a afetação, não vejo em que medida e/ou intensidade a vivência nos *pubs*, as músicas e as interações me transformariam do modo como transformaram; o clima me atingiria e tangeria as relações que construí; sem os ventos e as chuvas e as intempéries, o ser afetado, citado por Favret-Saada (1990), não estaria em contato com estas alteridades que deixam de ser: a alteridade torna o seu familiar, e você torna-se parte do que interage, e estas porosas barreiras trespassam o entendimento comum e passam a ingressar a intensa vivência cotidiana.

Os temas que aqui desenvolvo são frutos do tempo em que transitei e vivi nas Terras-Altas, e confesso que não conseguiria aqui retratá-los sem ter me entregado completamente ao que me rodeava. Se não sentisse todos os pelos do meu corpo se arrepiarem ao brandir as letras de músicas nos *pubs*, em conjunto com os residentes locais, se não sentisse a inclusão no grupo em meio às *music sessions* e se não tivesse participado das mesmas, se não houvesse conversado no dia-a-dia com escoceses, que me contavam sobre o tempo e a história da Escócia, e como isso é refletido e sentido hoje em dia, e se não tivesse experimentado a dificuldade do clima por mim mesma, trabalhando ao ar livre e transitando entre locais sem maiores proteções, não sei o que e sobre o que escreveria. Os registros e reflexões que constam desse trabalho monográfico são frutos de convivência, de afetações, de experiências sensoriais e emotivas, que, normalmente, acabam por deixar a nós, antropólogas e antropólogos, transitando entre lares, referências e emoções, no árduo ofício de traduzir essa grande carga em páginas como estas. Mas como transferir em palavras, e, ainda, academicamente, muitos sentimentos, sensações e pensamentos que nos assolam em campo? Onde não sabemos nosso limite como antropólogos, como locais, como tentamos desesperadamente afilar a ponte entre alteridades, mas nos vemos entre as difusas e cinzas tonalidades dessa simbiose entre o próximo e o distante?

Como discute Favret-Saada, “se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”” (1990, p. 157). Como ela, creio que realizei de minha participação ativa minha maior ferramenta em campo, e os desdobramentos dessa participação a floraram, seja de forma literária, lírica, e acadêmica, como aqui apresento.

Seguindo a concepção de participação, um exemplo de discurso que escutei intermitentemente entre conversas, e que nunca deixou de possuir uma importante pauta em discussões, era o efeito do clima escocês presente no dia-a-dia. Passar, muitas vezes, por dias a fio pedalando e não avistar nenhuma casa habitada, observando apenas inóspitas paisagens de herbáceas roxas e cervos nos encarando com curiosidade a uma segura distância. Muitas vezes, o trânsito limitava-se a ovelhas, que, ao nos avistar, corriam de nós, mas teimavam em permanecer na

rota da estrada, correndo junto de seu rebanho por quase dez minutos, seguindo o sentido da estrada, o qual também seguíamos, para maior desespero delas.

Estas paisagens, muitas vezes habitadas apenas por vidas passadas, através de ruínas que se estruturavam no caminho, com a força dos antepassados escoceses, de casas abandonadas na distância ou esquecidas pelo tempo, exaltam o sentimento de pedalar indefinidamente com a companhia de ventos, chuvas, estradas escorregadias e sinuosas, sempre circundadas por montanhas preenchidas por herbáceas e ocasionais florestas replantadas, além de curiosos animais que se intrigavam com novos seres de passagem na região. Esse contundente isolamento se estendeu por entre comunidades, centros comunitários, *pubs*, vilarejos e ilhas que, temporariamente, foram meu lar.

A partir dessa pauta, propus-me, juntamente com meu companheiro, de modo quase intuitivo, a percorrer as Terras-Altas em um moderno meio de locomoção — a bicicleta. Mais especificamente, a *tandem*, uma bicicleta dupla, que suporta duas pessoas, sendo mais longa e robusta, que foi meu meio primário de locomoção pela Escócia.

Figura 3: a *tandem*, o meio de locomoção utilizado nas Terras-altas escocesas em minha imersão. Momento de chegada em *John O'Groats*, vila mais ao norte da Escócia continental.



Fonte: a autora.

Apresento também, por estas páginas, mapas que contam com nosso trajeto trilhado pelas Terras-Altas e ilhas, de modo a identificar nossa rota itinerante, e a extensão da mesma; de onde falo no trabalho, por onde passei, vivi e me desloquei.

Ao pedalar por estas extensas e inóspitas paisagens, sem saber quem encontrar no caminho ou qual o clima seria, aflorei, inconscientemente, o exercício etnográfico sensorial. Segundo Pink (2009), da mesma forma como não se pode apreender como realizar uma etnografia apenas com o ofício da leitura, não se pode aprender uma abordagem sensorial sem o engajamento do/a etnógrafo/a e o envolvimento no ambiente e com seus interlocutores. Em uma tentativa de sentir, viver, e perceber meus interlocutores e o local onde me encontro, alcanço muito além de minha percepção visual: além de ver montanhas, estradas, o notável isolamento, também sinto os diferentes cheiros de diferentes árvores e vegetações, distintos pratos culinários que dançam com seus diferentes temperos e ingredientes locais, produzidos por aqueles com quem conversamos, e valorizar cada refeição; escuto vozes com línguas maternas e sotaques diferentes, escuto músicas que desafiam minha capacidade de imersão cultural e musical; sinto distintos gostos no ar e na comida, na bebida e no labor. O gosto e o tato do meu suor ao me entregar em trabalhos de construções de cercas — função extremamente necessária por toda a Escócia —, o toque, textura e cheiro de diferentes madeiras e árvores, de diferentes plantas e práticas de jardinagem. O infantil primeiro toque da geada e da neve, do descongelar em contato com a mão quente. A pele que se enrijece contra o clima e relaxa com um agasalho. Por fim, o olhar que percebe visualmente um conjunto de mudanças, climáticas, culturais, espaciais, sensoriais. Essas mudanças que se desmembram por toda a vivência etnográfica, que permeiam e adentram este trabalho, quase que sem querer, dando vazão à imersão que excede, em muito, os cinco sentidos humanos.

A luta escocesa pelas dominações que assolaram seu território também envolviam uma luta para manterem-se fortes contra o clima, extremamente impiedoso e retaliante. Da mesma forma que explicarei e desmembrarei uma forte herança histórica escocesa que permeia até hoje suas ações e anseios, essa herança também se pauta na questão do clima, este que encontra-se inevitavelmente presente como tópico incidente em várias conversas, em inúmeros momentos. Fui questionada, em diversos momentos, como brasileira convivendo na Escócia, o quanto deveria considerar o clima escocês como miserável — *miserable*, em suas palavras, e sofrer com o mesmo. Uma pessoa vinda de terras com sol praticamente diário, com ondas de calor constante e clima seco, antagônicos à Escócia fria, úmida, com raros dias de sol, e com dias ainda mais escassos de (relativo) calor. Explicava calmamente o quanto aproveitava e apreciava o clima, e recebia risadas de incompreensão, pois muitos imaginavam que o clima de calor brasileiro seria uma dinâmica

maravilhosa, pensamento devido à escassez de dias ensolarados nas Terras-Altas. Perdi a conta de quantas vezes ouvi “bem, se o clima aqui tem alguma vantagem é que podemos ver as quatro estações do ano em menos de meia hora”.

Tratando-se de uma etnografia baseada na locomoção entre várias localidades, encontrei, em meio a diversos emaranhados, fios em comum (e em distinções) que conectavam as comunidades em que passei e vivi, e não me parece mais que justo sentir também, além do dia-a-dia das vivências nas comunidades, a também locomoção até estes locais. Do mesmo modo que o *anthropological blues* se manifesta sem ser esperado ou convidado, segundo DaMatta, “seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção.” (1974: 6). Viver na pele a descrita surpresa do etnógrafo ao deparar-se com as emoções tão intrinsecamente ligadas às pesquisas, às experiências e conversas, músicas, entregas e envolvimentos. Afinal, a experiência etnográfica não é exercida em um local vazio, e, tanto do ‘nosso’ lado quanto do lado de lá, escutamos o *anthropological blues*, essa música que martela entre pensamentos, que nos faz pensar no nosso ofício e em nossas vivências, essa música que ganha melodia e corpo ao mesmo passo em que (con)vivemos, afetamos e nos deixamos afetar pelos meandros do campo, dançando, transitando entre os lados e brincando com nossas percepções, mistas pelo envolvimento, pelo familiar transformado no distante e pelo distante transformado no familiar.

1.4 Tandem

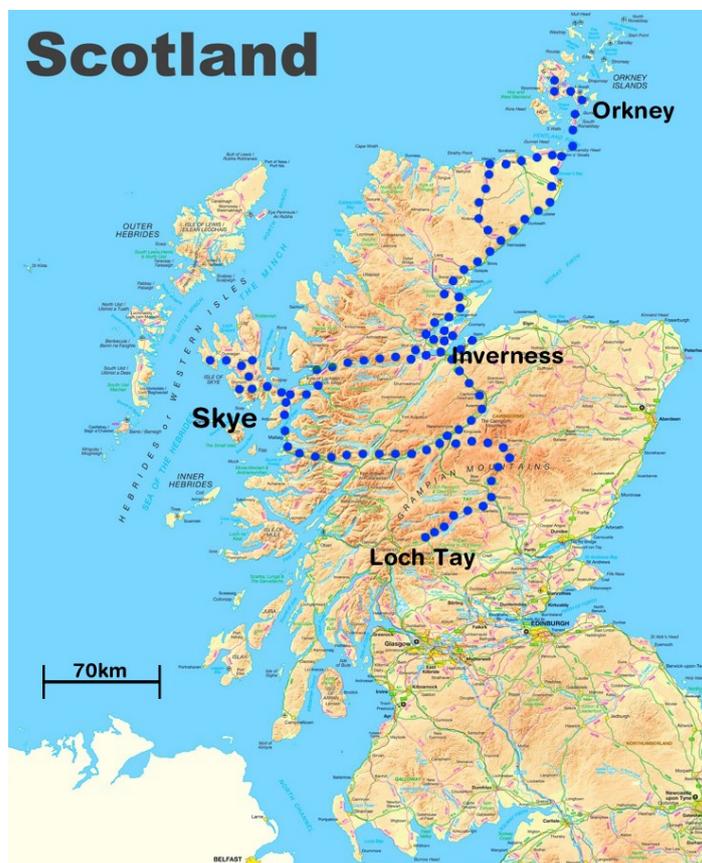
Várias foram as vicissitudes que permearam essa grande jornada, que totalizou seis meses. Equipada pela *tandem*, bicicleta para duas pessoas, adentrando as estradas nas Terras-Altas escocesas, que, excetuando poucas grandes rodovias que ligam as grandes cidades ao sul da Escócia, como *Edinburgh* e *Glasgow*, as estradas são chamadas *single track roads*, estradas pavimentadas que comportam apenas o fluxo de um único carro por vez, e, na hipótese de dois carros em vias contrárias, existem os *passing places*, protuberâncias arredondadas externas às estradas, destinados à manobra de um dos carros. Há todo um código silencioso em relação à complexidade dessas estradas, muitas vezes sendo as únicas como via de acesso de um local ao outro:

Geralmente, quando um carro vê outro na *Single track road*, existe um hierarquia de tamanho, e o carro maior passa primeiro, com o outro encostado no *Passing place*. Isso é entre os escoceses, que entendem e viveram a vida toda nestas confusas e pequenas estradas. Quando vemos uma placa estrangeira vindo, e geralmente eles vêm rápido por

não saberem como as estradas funcionam, nós temos uma fração de segundo para decidir para qual lado desviar, já que aqui temos o trânsito no sentido contrário do resto da Europa, a famosa mão inglesa.

Tarde de chá do dia 26/09/2016, por Andrew Warwick, tradução livre pela autora.

Figura 4: trajeto realizado com a *tandem*, totalizando seis meses e 2030 km, deslocando-me entre comunidades rurais.



Fonte: editado pela autora, a partir de imagem extraída de <https://www.scotlandinfo.eu/roadmap-of-scotland/>.

Além do funcionamento da mão inglesa (inversa ao praticado pelo restante da Europa, excetuando a República da Irlanda) e das *single track roads*, as estradas em si possuíam elevações que desafiavam permanentemente o percurso. Existem montanhas, estradas, percursos e vilas que nunca esquecerei, muitas vezes pelo esforço e trabalho em equipe envolvido para chegar nelas. A *tandem*, em seu funcionamento, adquire uma força de pedalada dupla, baseada em duas pessoas, estando numa relação de dependência de ambos os usuários. Requer, conseqüentemente, uma resistência de ambos, que pedalam juntos — possuindo um peso muito maior, com duas pessoas, além de nossas bagagens — para alcançar seu objetivo. Outra característica peculiar da *tandem* enquadra-se em seu trabalho de equipe. Quem pedala em sua traseira não tem nenhum controle da direção ou dos freios da bicicleta, reservados apenas à quem pedala à frente, exercitando um grande trabalho em equipe e confiança mútua.

Recordo-me das *Cuillin Hills*, um conjunto montanhoso na ilha de *Skye*, a qual possui o único acesso à ilha por uma estrada que circunda seu trecho montanhoso. Foram cerca de duas horas de pedaladas intensas, sem interrupções, com um inclinado constante até chegar ao seu cume, em meio a vários carros buzinando e gritando, nos encorajando nessa hercúlea tarefa, nem um pouco habitual de ser vista em uma *tandem*.

O trabalho, assim como a *tandem*, em generosas descidas, por muitas vezes, guiou-se sozinho. Sugeri meandros, vales e montanhas por onde eu deveria passar, e quais categorias deveria utilizar para cumprir o que queria documentar. O formato que aqui se apresenta não foi o inicialmente pensado ao se iniciar a pesquisa — mas, submersa na osmótica intersecção entre a realidade e os livros teóricos, deparei-me por este — por vezes — poético caminho, que oscila entre o diálogo entre duas culturas, que aparecem, ora antagônicas, ora complementares, e por vezes como contações de histórias. Tendo o importante e responsável papel de dar a voz a essa singular e musical cultura, a esse povo tão particular e às pessoas com as quais interagi, espero aflorar nestas páginas fiéis relatos e exposições das experiências vividas, tanto emocionais, sensoriais, expositivas, sensitivas e objetivas.

2. *STRENGTH*

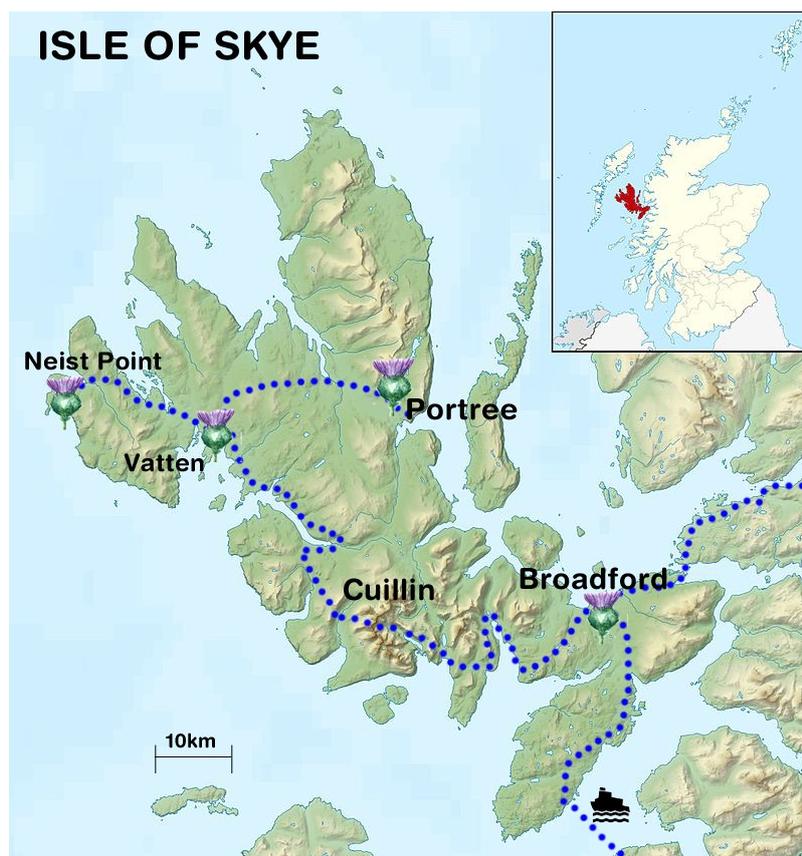
O primeiro termo, *Strength*, traduzido literalmente e simplesmente para força, carrega meandros bem mais complexos do que uma única definição. A tradução literal pode fazer-se entender bem, mas o que explícito e tento descrever por estas folhas possui raízes bem mais profundas do que apenas um significado de uma tradução para o inglês.

Quando trato da força do escocês das Terras-Altas, trato de um conjunto de variáveis externas e internas, recentes e antigas, que moldam o estilo de vida que estes possuem e se adequaram a ele. Segundo Bhabha (2001), a diferença cultural representa inicialmente, como determinados enunciados são criados, promovendo a afirmação e legitimação de determinadas culturas em relação a outras. Ao falar de *strength*, falo das categorias nativas que presenciei nas Terras-Altas escocesas, as *Highlands*, em contraponto, no caso, com as Terras-Baixas, as *Lowlands*. A legitimidade que aqui cito dialoga muito com a dicotomia entre Escócia e Inglaterra, em termos de dominação histórica, mas estendo a legitimidade da diferença às distintas identidades, vivências e geografias experienciadas e vivenciadas, pertencentes a essas duas grandes regiões escocesas, respectivamente.

A força se mostra presente no dia-a-dia nas *Highlands*, pela resistência física ao clima e à geografia dos escoceses, dois fatores determinantes em toda a Escócia, especialmente reincidindo nas Terras-Altas. Sendo as quatro estações bem delimitadas — exceto o verão, diziam todos, extremamente curto, quando existente — é possível ver de forma clara a passagem de tempo e estações durante o ano.

Durante esta passagem de tempo, os ventos e chuvas intermitentes fazem parte de todas as estações do ano, sem exceções. Essa incerteza de um clima ‘bom’ e de súbitas mudanças de tempo — sendo o meu recorde, a súbita passagem de sol, chuva, ventanias, neve e sol novamente, em menos de quinze minutos — se consolidam como um dos tópicos preferidos de conversa na Escócia. Seus habitantes realmente se programam para os dias de acordo com a previsão de tempo; uma tarefa imprescindível, seguindo a lógica da imprevisibilidade climática e os raros dias considerados de ‘dias bons’: consistem em dias sem chuva, quentes, e com uma leve brisa para afastar os *midgies* — infernais minúsculos mosquitos que aparecem em centenas para morder a quem vier, mas que vivem apenas nos dias quentes de verão, sendo facilmente soprados para longe por uma leve brisa, tão pequenos e leves que são.

Figura 5: mapa ampliado da ilha de Skye, traçado nosso percurso pela ilha.



Fonte: editado pela autora, a partir de mapa do *Wikipedia*.

2.1 Ilha de Skye

Para iniciar o destrinchamento desta colcha de retalhos que aqui apresento, inicio pela ilha de *Skye*, situada na costa oeste, acessível por uma barca ao sul e também por um ponte artificialmente construída na parte leste; ressalta-se como forte exemplo dessa resistência ao clima.

Majoritariamente conhecida pelo turismo local, pelas chamativas e únicas montanhas e apelo mágico imbuído à paisagem nua e impactante que se destrincha por milhas, a ilha de *Skye* também é conhecida pela inclemente previsão de tempo, dependente em grande medida do fator sorte.

O tempo permaneceu chuvoso durante todo o período de minha estadia na parte oeste desta ilha, em um minúsculo assentamento² chamado *Vatten*, perto de *Dunvegan*, a maior vila no lado oeste da ilha (214 habitantes). Lembro-me bem, principalmente por me utilizar da bicicleta, meio de transporte que não conta com maiores proteções contra intempéries. O trajeto, de 305km (o

² *Settlement*, segundo os moradores me esclareceram, ainda menor que uma vila, consistindo de um conjunto de casas que partilhavam uma certa proximidade geográfica e se configuravam perto de uma vila que os abasteceria do necessário.

equivalente a 190 milhas) de três dias consecutivos até o destino, acampando em pequenas clareiras e bosques no caminho, alimentados por refeições frugais mas substanciosas, foi carregado de muita chuva, vento, umidade, frio, e por muita claridade, por se tratar do verão, chegando a escurecer apenas meia-noite, e com o sol nascendo desde as 4 da manhã.

Por três semanas consecutivas, choveu, intermitentemente, com raras pausas. Para mim segue-se uma grande mudança, até pelo teor de nosso trabalho, o qual era sempre externo, mas os moradores da casa apenas comentaram que se passavam os piores ventos fortes e chuvas constantes do verão da última década, e que teríamos que fazer algum trabalho dentro de casa, pois não poderíamos sair durante o dia, e que no dia seguinte já estaria mais esparso, segundo suas minuciosas e constantes buscas à previsão de tempo. Nos contaram, com pesar, que a sua horta não havia sobrevivido a esse verão, pela maior incidência do que o normal de chuvas e umidade, e o seu usual suprimento cultivado em casa de batatas, cenouras, pepinos e abobrinha não estariam presentes naquele ano.

A partir das previsões de tempo, encontrei um item que seria imprescindível para qualquer escocês — as galochas, ou carinhosamente apelidadas por eles, as *wellies*. Essas botas emborrachadas de cano longo são cruciais e fazem toda a diferença ao se trabalhar no ambiente externo evitando-se que se molhem os pés, ponto fraco de qualquer um. Na maioria das vezes, fui agraciada com a oportunidade de utilizar *wellies* emprestadas, chegando inclusive a usar, no outono, as *wellies* acolchoadas por dentro, contando com a borracha impermeável por fora e, de acordo com a estação fria do ano, uma pele sintética acolchoada por dentro, mantendo os pés protegidos contra a friagem constante, o que poderia acarretar sérias consequências, especialmente para as extremidades do corpo, se não cobertas propriamente.

Esta pequena fazenda rural, situada no oeste da ilha, conta com uma criação principalmente de ovelhas, que se mostram em abundância pelos pastos e montanhas, e, para este modelo de pastoreio de ovelhas funcionar busca-se geralmente certo isolamento geográfico, o que não é um problema por lá — esses animais se espalham por milhas³ e milhas entre montanhas, picos, penhascos e amplas pastagens, circulando livremente. Mantendo-se isolados geograficamente, não há nenhuma confusão de que as próprias ovelhas se misturem com as de outro proprietário, ou, quando coexistem com vizinhos que também partilham o extenso pasto e região, geralmente marcam-se as ovelhas com sprays de tintas com distintas cores, para mais facilmente reconhecer as suas de acordo com o seu padrão.

³ A título de compreensão da unidade de medida de distância utilizada na Escócia (e no Reino Unido), uma milha equivale a aproximadamente 1.6 quilômetros.

No local onde residi, na aconchegante e úmida casa em *Vatten*, por causa de sua escassez de vizinhos, e os que existiam não eram criadores de ovelhas; os animais não eram marcados no intuito de se identificar o dono, mas sim, para indicar quais já haviam sido vacinadas ou não, inspecionadas ou não, como precaução. Após meses a fio com estes animais vivendo de forma independente e distante, existe apenas uma data para o controle próximo da saúde desses animais, e de averiguações gerais do estado do animal, como o desenvolvimento de certas doenças, ou patas quebradas ou subdesenvolvimento, que poderiam ser revertidos ou amenizados nesses dias, sempre no verão, onde se constitui uma ‘força-tarefa’ (que consiste de vizinhos, parentes, conhecidos e quem mais se disponha) para recolher todas as ovelhas situadas à distância, entre montanhas e pastagens, o que culmina nos dias mais atarefados do ano: tosquiar, inspecionar, pesar e medir todas as ovelhas. Pelo fato de serem poucos dias ao ano em que isso ocorre, e com a necessidade de uma intensa ajuda e labor, cria-se um grande intervalo entre trocas, como cita Bordieu (1977), ao desenvolver sobre a dinâmica temporal do ato de trocar e presentear, imbuindo a este ato uma generosidade que será recuperada não instantaneamente, mas em seu devido tempo.

Figura 6: Paisagem de *Vatten*, na ilha de *Skye*, com os galpões e cercas de metal à vista, e montanhas ao fundo.



Fonte: a autora.

Cheguei, por pura sorte, no dia que antecede essa tarefa anual. Isso incluiu acordar quatro da manhã no dia seguinte, colocar toda nossa indumentária contra a chuva (gorro contra o frio, cachecol, casaco impermeável, calça impermeável por cima de calças grossas, *wellies* e luvas) e partir com o quadriciclo, acompanhados de dois cães-pastores (chamados *Border Collies*), previamente treinados desde filhotes, montanha acima. O trajeto seria impraticável, extremamente custoso e longo para se alcançar a pé, entremeado de áreas alagadas, morros e pequenos pântanos que afundam facilmente, muitas vezes, até quase o seu quadril, mas eventualmente chegamos ao topo com o corajoso quadriciclo, a *quad*, diminutivo de *quadbike*, meio de transporte frequentemente encontrado nas Terras-Altas, por mais facilmente se deslocar por entre as áreas alagadas e montanhosas.

Do topo de um morro, de onde alcançamos uma ampla visão de até onde as ovelhas se espalhavam, fragmentamos nosso grupo em dois e iniciamos a busca e redirecionamento de todas as ovelhas nas montanhas, em um laborioso exercício de horas de duração até circundarmos os animais dos extensos vales e montanhas, liderando-os até a área cercada onde foram feitas a triagem das ovelhas, os mutirões de vacinações diversas e a tosa de mais de duzentas ovelhas, sequencialmente. Como estes curiosos animais começam a seguir seus companheiros em fila quando os percebem em movimento, os direcionar para o galpão onde seria feita a triagem e a tosa envolveu pressionar um grupo a seguir determinada direção, com constantes barreiras visuais dos lados (nós, abrindo amplamente os braços com galhos para aumentar nosso tamanho a seus olhos; o quadriciclo atrás, e os cães dos lados, contendo as ovelhas que se aventurassem a escapar para outras direções), até alcançar o fim do descampado pantanoso e recomeçarmos a liderá-las até o galpão, que envolve caminhar por um trajeto da estrada, onde metade das pessoas envolvidas na tarefa usam coletes fosforescentes de luminosidade para desacelerar possíveis automóveis que passem na estrada naquele momento específico; o que, para os locais, mostra-se algo compreensível e de ordem natural no campo e, para os eventuais turistas que passem de carro por essas estradas, um belo momento para tirar fotos de duas centenas de ovelhas sendo ordenadas para um local comum.

Durante a tosa, cada animal é individualmente manuseado, com a tosa de seu pelo sendo feita rapidamente por uma máquina semelhante a uma tesoura elétrica, que, com o treino e habilidade de quem o faz, tira os pelos na profundidade correta, sem cortar sua pele ou machucar o animal de qualquer forma. Para prender o animal na hora deste delicado procedimento, há uma técnica específica de imobilização do animal em uma determinada posição, chamada *grip*. Esta que

se altera, entre as pernas do indivíduo que o tosa, até que tire todo o pelo do animal, que crescerá e já estará grande no próximo verão.

Enquanto duas pessoas se revezam em um palanque de madeira manejando a máquina de tosa, segurando cada uma das ovelhas com as pernas e realizando a tosa, mais duas pessoas se situam abaixo do palanque, prontas para manusear o ‘tapete’ de lã recém-tosado do animal, enrolando-o com um nó e ensacando os casacos de lã em um grande saco, que será vendido posteriormente.

A cada ovelha tosada, esta é enviada para um campo cercado onde ficam também as ovelhas já tosadas. Quando todas passam pelo processo, mandam-se elas novamente para o pasto.

Figura 6: reunião de um pequeno rebanho de ovelhas para tosa — 170, em média — após reuni-las todas circundando as montanhas próximas, na ilha de *Skye*, em *Vatten*.



Fonte: a autora.

Esse extenso trabalho dura de cinco da manhã até as onze da noite, sendo um episódio anual de labor intenso, que tive o privilégio de vivenciar e experimentar. Existe uma intensa preocupação referente ao clima; é necessário escolher, segundo a previsão do tempo, no período do alto verão, entre julho e agosto, um dia (provavelmente) não-chuvoso e que se mantenha assim por pelo menos dois dias consecutivos. Se chove durante o processo, as ovelhas tosadas não poderão ficar do lado de fora, devido ao frio úmido intenso e sua pelagem recém cortada, podendo, assim, adoecer. Para

prevenir situações como esta, articula-se uma área interna para elas, de acordo com cercas de metal removíveis, mas não costumam suportar todos os animais, sendo geralmente locais pequenos.

Para esta árdua tarefa, os reforços de toda a vizinhança são requeridos. Por sorte, estávamos lá no dia. Além de toda a família ajudar, Glenys, Alistair e suas duas filhas, de 10 e 12 anos, mais dois vizinhos também fizeram parte desta força-tarefa. Segundo Leach (1996), os sistemas sociais comportam por vezes modos de viver culturalmente totalmente distintos entre si; e aqui, estabeleceu-se uma ponte em comum entre eles; a ponte da cooperação, da ajuda, da dádiva silenciosa e invisível que será ativada no momento em que se necessite de algo em retorno; da mesma forma em que você ajudou, será ajudado (MAUSS, 1974).

Perceber que todos os inúmeros pontinhos brancos que se viam à distância naquela paisagem específica da ilha de *Skye*, nas montanhas, foram recolhidas por nós, totalizando cerca de duzentos animais; e que precisam de um cuidado específico, vacinas preventivas tendo em vista as escassas vezes ao ano em que se recolhem as ovelhas e as inspeciona, a tosa tão laboriosa do animal, o cheiro característico de sebo oleoso que gruda em seus dedos após manusear o animal e sua pele, a pesagem e qualidade do animal que são essenciais aos donos que os repassarão em breve para a venda, a separação das ovelhas, dos carneiros e dos cordeiros, e a marcação de todos segundo uma lógica de cores. As paisagens bucólicas e montanhosas com ovelhas ao fundo nunca mais seriam as mesmas. Toda a paisagem se alterou de acordo com as lógicas que agora vivenciava, percebendo lentamente o funcionamento de diferentes dinâmicas e cenários em que agora me inseria.

O relativo isolamento dessas e de várias outras comunidades rurais na Escócia se coaduna com comportamentos de troca e reciprocidade. Os moradores desenvolvem uma série de contatos, que muitas vezes se configuram como uma rede local de mútua ajuda. Um exemplo desta rede na ilha de *Skye* é a feira local semanal no extremo oeste da ilha, poucas milhas de *Neist Point*, o ponto mais ao oeste da ilha, e que abriga, em meio a rochedos e um grande penhasco, um suntuoso farol que ainda hoje funciona, auxiliando inúmeros pescadores, profissão extremamente arriscada, e velejadores na ativa durante a noite.

Esta feira, que conta com inúmeros contribuintes espalhados pela ilha, juntou-se a partir da necessidade de promover um encontro local e de estimular o comércio e troca. Lá, instalam-se pessoas que vendem bolos caseiros, vegetais e frutas de suas hortas, geleias, pães, frangos temperados, como no caso de nossos anfitriões, Glenys e Alistair, além de roupas de tricô, brinquedos de crochê, e uma infinidade surpreendente de produtos, todos produzidos localmente. Não era incomum ver trocas entre seus participantes também, onde se estipulava instintivamente o

valor de troca desses produtos. Esses diferentes contextos de troca enriquecem o vínculo entre seus participantes, além de trazer a “variedade entre tais contextos, no interior e através de sociedades, produzindo o vínculo entre o ambiente social da mercadoria e seu estado simbólico e temporal” (APPADURAI, 2008, p. 29), acionando a necessidade do movimento da troca, tanto pelo objeto trocado ou comercializado, quanto pelo próprio movimento dessa mercadoria e dos envolvidos em seu processo, geralmente produzida ou manufaturada por essas comunidades que se congregam nestes locais para tal.

Outro momento em que estas feiras locais também funcionam é em arrecadações beneficentes. Tive a honra de atuar como voluntária em uma, situada em *Fortrose*, na *Black Isle*, perto da capital das *Highlands*, *Inverness*. A ação beneficente arrecadava, no outono, a temporada mais abundante e diversa de legumes, frutas e saladas, para ter fundos para as escolas locais se manterem e adicionar novas estruturas e atividades para os alunos. Houve competições de melhor e mais bonitos vegetais, rifas, brincadeiras, sorteios e brinquedos, para incentivar famílias desta região chamada *Black Isle* e arredores, a aproveitarem estes eventos agregadores, em um miraculoso dia seco e ensolarado.

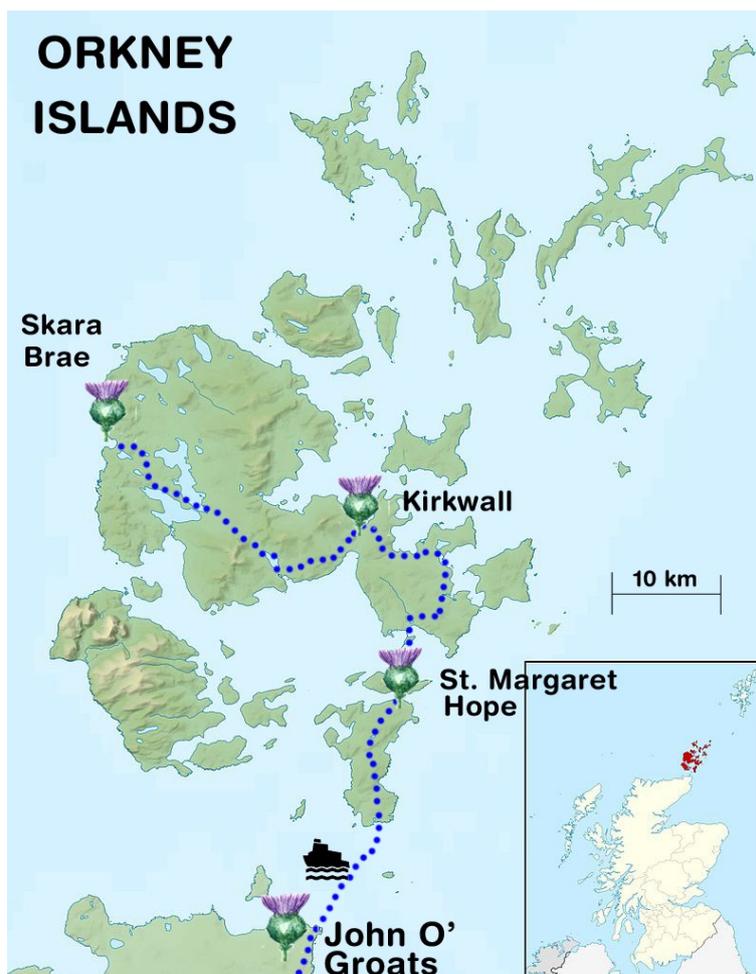
Figura 8: Competição de vegetais (categorias variadas) em *Black Isle*.



Fonte: a autora.

Essa rede de vizinhanças, pequenos comércios e encontros em locais tão isolados, cria uma relação de segurança e ajuda mútua que se estende muito além da troca e da retribuição, sendo essa, na maioria das vezes, não imediata. Como essa relação mútua se perpetua indefinidamente, permanece sem sentido a obrigatoriedade de uma troca imediata, pois sabe-se que, em algum momento, ela irá ocorrer.

Figura 5: mapa ampliado das ilhas de Orkney, traçado nosso percurso pela ilha.



Fonte: editado pela autora, a partir de imagem do *Wikipedia*.

2.2 Ilhas de *Orkney*

Seguindo a direção nordeste desde a ilha de *Skye*, temos as ilhas de *Orkney*, — situadas a 16 quilômetros da Escócia continental. Seus moradores, assim como em *Skye*, buscam regularmente a previsão de tempo como condicionante para a realização de tarefas, reparos e atividades ao ar livre — que conta com bufadas de vento e frequentes bufões de vento que sopram a mais de 100 quilômetros por hora, dando a esse arquipélago na parte norte escocesa uma aparência inóspita,

isolada e, se permitido um apelo visual, a uma grande árvore frondosa que pode se curvar contra o vento, chuva e as intempéries, mas que nunca se quebra, e apenas se fortalece.

Neste retalho procuro realizar uma conexão entre o espírito de colaboração entre vizinhos nas ilhas *Orkney*, tendo em base sua situação isolada e marcada pelo já dito clima severo. A troca e a reciprocidade envolve todos os moradores da ilha, excedendo sua conotação comercial, criando uma coesão entre os moradores da ilha e reforçando o espírito de resistência conjunta necessário para o convívio e sobrevivência na mesma.

Essas características coletivas afloram em diversas esferas, desde o meio de locomoção para adentrar a ilha, até a produção interna da mesma, baseada em autossuficiência energética renovável por meio de turbinas de vento, e também na produção agrícola devido ao seu solo fértil, o que resulta em trocas internas e, também, têm-se que esses bens sejam significados como “fios de um véu que disfarça as relações sociais que cobre” (DOUGLAS, 2004, p. 102).

De mais de 70 ilhas, sendo, destas, 20 habitadas, surge como um local marcado pelas intempéries climáticas e pela herança nórdica, devido a invasões *vikings* nos séculos passados. Esse arquipélago conta com aproximadamente 20 mil habitantes, estes se considerando primeiramente ‘Orcadianos’, e, em segundo, escoceses, como ressalta Moore (2005). A população também conta com um ‘dialeto’ próprio bastante pronunciado e amplamente utilizado, com um sotaque e termos próprios.

Devido à proximidade com o Mar do Norte e sua latitude, o clima por muitas vezes mostra-se severo, apesar de ameno ao comparar-se com os países escandinavos, bem próximos geograficamente da ilha. Raramente conta-se com neve, não chegando a tão baixas temperaturas, mas, em compensação, ventos são quase constantes, com vendavais soprando gentilmente entre 60 e 90 quilômetros por hora não sendo uma grande surpresa para seus conterrâneos, além de uma constante umidade no ar que, por muitas vezes, atravessa os ossos.

Para conseguir adentrar as ilhas, é necessário tomar uma barca. Esta constitui o único meio de transporte interno e externo com a movimentação de automóveis e eventuais caminhões de abastecimento, sendo de constância duvidável, pois depende exclusivamente da previsão do tempo. Em seu funcionamento normal, ocorrem saídas duas vezes por dia, sendo este serviço cobrado apenas uma fração para os moradores das ilhas, enquanto que as passagens turísticas valem em torno de quatro vezes mais.

Para evidenciar o isolamento dessas ilhas e entender um pouco como o clima pode atuar de modo impiedoso e/ou restritivo para com quem o enfrenta sem extremo conforto à disposição,

além de dialogar com meios de transporte limpos para o meio ambiente, desloquei-me entre comunidades rurais na Escócia com a *tandem*, como já dito anteriormente. Para as ilhas de *Orkney* não foi diferente, mas o trajeto foi com certeza o mais árduo. Chuvas cortantes e geladas; ventos que, quando a favor, te cediam leveza e, quando contrários, te atribuem mais peso que chumbo. Subindo a costa leste, em setembro outonal, reflito considerando o quão resistentes esses espíritos são, desde gerações atrás, e precisam ser, para viver e continuar vivendo por gerações nestes locais. De acordo com o censo britânico sobre as ilhas *Orkney* (2014), a população se mantém estável por gerações desde o início do século XIX, o que demonstra o desejo dessas populações em permanecer nesses locais, suas raízes, por séculos e se estendendo até hoje.

Ao subir de bicicleta a costa leste da Escócia para chegar à vila da barca que iria utilizar — em *Gills*, precisamente —, conseguia visivelmente e sensivelmente perceber a diferença climática. Os ventos se tornavam cada vez mais impiedosos, atravessando meus ossos, o ar se adensava e umedecia, gelado; o sol se escondia por detrás de várias camadas de nuvens. A paisagem se mostrava mais esparsa; as árvores eram escassas; a distância entre vilas era crescente. Não eram muitas pessoas que adentravam e permaneciam nesses ambientes. Um fenômeno muito ocorrente é a população jovem crescer nesses locais e, logo que alcançada a maioridade, movem-se para as grandes capitais e centros urbanos, mais ao sul do país, mas o contrário também ocorre, o que cria um equilíbrio móvel na população das ilhas.

Durante os seis meses de duração do trabalho de campo, em minhas estadias, em diferentes comunidades rurais, as mudanças climáticas, às vezes súbitas, às vezes sutis, sempre acarretavam diferentes sentimentos, além de um insistente esforço consciente de resistir e me adaptar.

2.2.1 A resistência dos orcadianos

Em *Orkney*, situei-me nos arredores da vila de *St. Margaret's Hope*, localizada na parte sul da ilha principal do arquipélago. Hospedei-me com Mike, um gentil senhor em seus 70 anos que viveu sua vida inteira na ilha e possuía seu pequeno negócio lá instalado — um aluguel de bangalôs para acampamentos, chamado *Wheems Organic Farm Holidays*, onde recebia eventuais turistas, além de sua produção praticamente autossuficiente em sua horta orgânica. Como veremos a seguir, a economia costuma estar submersa e contida em suas relações sociais (POLANYI, 1980), como a interdependência das relações de troca com os vizinhos, não sabendo qual está contida primeiramente em qual.

É importante ressaltar que as ilhas de *Orkney*, como também as Terras-Altas e toda a Escócia, não estão em situação de isolamento total político ou econômico, estando, assim, paralelamente passíveis de interação com atividades como turismo, em casas de férias, os famosos *B&B*⁴, e locais de acampamento, por mais que se situam em locais isolados muitas vezes.

Ofereci minha disponibilidade como voluntária, trabalhando então um horário estipulado em média de seis horas diárias, recebendo em troca a hospedagem em um dos bangalôs, alimentação, e extensas horas sentada em sua confortável e aquecida cozinha, dividindo uma xícara de chá e incontáveis histórias. Uma de suas primeiras histórias contadas, a meu pedido, sobre qual seria o pior marco climático já vivenciado em *Orkney* — pois já chegara no outono e sentia ventos assustadores de mais de 90 milhas por hora, dizia o rádio, o equivalente a 144 quilômetros por hora, a ponto de não pedalar mais em segurança em uma bicicleta, e, portanto, imaginei a magnitude do inverno —, e eis sua resposta:

“Na década de 50, *Orkney* era extremamente famosa pela sua produção de ovos e a criação de galinhas num geral. Todo residente tinha vários galinheiros, e costumava-se fazer acordos e trocas com ovos. Até que um dia chegou em que, numa noite escura de inverno, todos na ilha escutaram grandes estrondos do lado de fora. Ninguém tinha coragem de ir no lado de fora. No dia seguinte, vimos que não existia mais nenhum galinheiro na maioria das casas. O vento e a tempestade levaram todos para os penhascos, e além para o mar, e com as galinhas dentro, conseguindo ver apenas as casinhas flutuando na distância, e esse foi o fim da época dos famosos ovos de *Orkney*, na chamada grande tempestade de 1953.”

(Tarde de chá do dia 24/09/2016, por Mike, tradução livre da autora).

Pela resposta, podemos compreender inicialmente a necessidade da coesão dos habitantes das ilhas, para sobreviver e conviver com harmonia diante dos desafios naturais engendrados na própria ilha e seus arredores. Como Sahlins (1974) cita, as famílias também podem produzir para troca, assim conseguindo indiretamente o que precisam. Assim, é “o que eles precisam” que governa a produção, e não o lucro que possam ter (SAHLINS, 1974, p. 118).

Mike, após saber das minhas habilidades em matar e preparar galinhas, gentilmente pediu-me para preparar algumas da criação dele para uma troca elaborada entre seus vizinhos — que em contrapartida, retribuiriam com outro tipo de alimento, no caso em questão, com doces variados e o

⁴ Literalmente, *Bed and Breakfast*, ‘casa e café-da-manhã’, são pousadas onde se hospeda e se recebe também o café da manhã. Comum em toda a Escócia, mas muito frequente nas Terras-Altas, tendo em vista a falta de hotéis e a disponibilidade das casas em ceder um quarto para hospedar eventuais turistas. Tendem a ser acomodações com um toque mais pessoal, geralmente são na casa da pessoa que disponibiliza a hospedagem.

famoso *flapjack*, doce feito em grandes bandejas, que envolve basicamente aveia e mel no processo, doce típico da Escócia. Este é um bom exemplo de como o uso dos bens é social; o próprio bem tem vida social (APPADURAI, 1986). Este excede quem o produz ou o troca, e revela relações interacionais a partir do movimento dos bens. Ainda maravilho-me lembrando do teto da cozinha da casa-principal de Mike: cabeças e cabeças de alho, presas por uma grade de madeira conectada ao teto. Bastava esticar a mão para tocá-los.

Em outro momento de conversa, Mike contou-me sobre as dificuldades gerais de fazer reparos e afazeres no exterior que, a princípio podem parecer banais e desnecessários, mas que basta uma experiência ruim para compreender realmente os cuidados necessários para com o clima.

Assim quando chegamos ao *Wheems*, encontramos com Mike e ele disse com pesar o fato de já estar escuro, pois aquele dia era o único dia da meteorologia que indicava bons presságios para consertar seu *polytunnel* — as longas estufas de plástico, utilizadas para cultivar vegetais que precisam de uma temperatura mais elevada para crescerem e desenvolverem, e lastimamos não termos chegado mais cedo. Como era uma tarefa que envolvia várias pessoas, não poderia ser feita sem nós. Após essa dramática introdução, Mike nos explicou a importância de ouvir a previsão do tempo várias vezes ao dia para se trabalhar no ambiente externo, devido à alternância de ventos.

“Para fazer reparos no telhado ou no exterior, precisamos sempre ligar para as estações de previsão de tempo. Com algumas exceções, eles quase sempre acertam. Uma vez precisei consertar o telhado, a previsão estava boa, mas veio uma ventania surpresa, o que não é incomum por aqui. Tive que entrar pra casa no meio do conserto, e, do lado de dentro da casa, fiquei assistindo com tristeza as peças de ardósia do telhado caindo como lanças pontudas no chão e quebrando a minha estufa de vidro, e você não pode fazer nada, só assistir.”

(Entrevista cedida no dia 26/09/2016, por Mike, tradução livre da autora).

Devido a essas características das ilhas, os moradores aprenderam a flexibilizar suas atividades e contar com o senso de comunidade e colaboração crescente dentre eles. Sousa (2009) observa que o cooperativismo ocorre quando sociedades de pessoas trabalham de forma recíproca, contribuindo com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetivo de lucro. Ocorre, normalmente, como uma reação a uma situação econômica desfavorável e sucede para que todos os comunitários passem a adquirir o capital e os meios de produção necessários à sua própria sobrevivência.

Por ora, um vizinho poderia produzir mais batatas e tubérculos, enquanto o outro concentraria seus esforços em saladas em geral, e o excedente seria vendido para o mercado central

orgânico das ilhas, apesar de raramente existir excedentes, pois “a abundância não traz mais que o desperdício” (MENDRAS, 1978, p. 46). Isto ocorre por que o principal foco dessas comunidades é a manutenção de seu estilo de vida e não a valorização e propagação do acúmulo, mas a cooperação entre os indivíduos. Apesar da “modernidade” oferecer traços de uma economia capitalista, a lógica da organização social não levou obrigatoriamente à individualização, os camponeses não foram transformados pela racionalização do capitalismo, não deixaram seu modo de vida original (MANHEIM, 1986, p. 94).

Uma das mais impressionantes mudanças compreendidas com o ato do trabalho em comunidades rurais na Escócia foi o diferente peso dos mais diferentes vegetais na vida cotidiana. Com o que pude experienciar, a batata está a mais próxima disso: cada morador que conheci facilmente nomeava mais de seis tipos de batatas, suas diferenças de sabores, texturas, e usos culinários. Além disso, é preciso conjugar diferentes legumes, apoiando-se também na sazonalidade, tanto na produção quanto no consumo e conservação dos mesmos. As estufas de vidro e *polytunnels* auxiliam nisso, conferindo um clima mais ameno para plantas que necessitam de mais calor e estabilidade climática.

Mike, em sua produção, possuía uma impressionante rotatividade funcional, claramente o resultado de várias tentativas e esforços durante anos. Plantava-se com uma rotatividade respeitando as necessidades, fraquezas de nutrientes e mudanças da terra, com seis amplos terrenos que se alternavam na produção, além de dois grandes *polytunnels*. Um dos seis terrenos sempre permanecia vazio, para o descanso — o terreno mais pobre de nutrientes devido a um vegetal que sugue e exija muito do solo —, e os outros cinco sempre se alternavam: um deles permanecia para as batatas, outro para saladas, outro para cenouras, cebolas, alho, hortaliças, e a lista se estende.

Bloch e Parry (1989) reiteram a ideia da vasta diferença cultural envolvida no processo de como o dinheiro é simbolizado e como essa simbolização reflete e demonstra as noções construídas e consolidadas em um determinado local: de produção, consumo, circulação e troca. Nos momentos em que vivenciei essas trocas, entre os moradores locais, raramente presenciei o envolvimento físico do dinheiro, o qual, por vezes, atua encerrando um ciclo no ato de seu uso, de modo objetivo e taxativo, o que não é o objetivo destas trocas e, sim, a manutenção intermitente destas.

Com o desenvolvimento da constante troca, o ciclo de interação e rede de favores oferecidos e cobrados raramente se interrompe por si mesmo, conquistando uma extensa (des)contínua relação interdependente que se consolida e expande entre os participantes.

“Começando pela análise da troca de dádivas (...) Mauss descreveu a troca de dádivas como sequência descontínua de atos generosos; Levi-Strauss definiu-a como uma estrutura de reciprocidade que transcendia os atos de troca, nos quais a dádiva remete a sua retribuição. (...) o que faltava nessas duas análises era o papel determinante do intervalo temporal entre a dádiva e a retribuição (...) Por que é preciso que a retribuição seja diferida e diferente? E mostrei que o intervalo tinha como função colocar um véu entre a dádiva e a retribuição, permitindo que dois atos perfeitamente simétricos parecessem atos singulares, sem relação.”
(BOURDIEU, 1996, p. 159)

2.2.2. A vivência em pubs e centros comunitários

Outro fator fundamental, mas em toda a Escócia e não apenas em *Orkney*, mas atentemo-nos agora no cenário da ilha, é o convívio da comunidade, que se encontra em centros comunitários e nos *pubs* locais. Estes se localizam mais centralmente em *Kirkwall*, a capital, mas que, para ser acessada, passamos pela conturbada discussão das barreiras *Churchill*.

As barreiras *Churchill*, construídas de forma artificial, que conectam três pequenas ilhas do sul à ilha principal, a que contém *Kirkwall*, a capital, foram construídas entre os anos 1940 e 1945, e, desde então, utilizadas para um trânsito amplo e frequente de veículos entre essas ilhas, sendo o maior fluxo de entrada e saída da capital, onde, inevitavelmente, encontra-se o maior fluxo de trabalhos formais e assalariados. Cabe ressaltar a fala de Woortmann, quando diz que o trabalho familiar é, muitas vezes, visto em oposição ao trabalho assalariado, ainda que, objetivamente, não haja uma contradição necessária entre ambos (1990, p. 25).

Wolf (1990), ainda que situando sua pesquisa no campesinato latino-americano, pode nos auxiliar a compreender o senso do indivíduo escocês e a relação com sua herança cultural — inerente às terras e às relações de troca e resistência entre comunidades que se mantêm e se equilibram de forma coesa. “O indivíduo não carrega a essência de seu grupo de forma passiva, ao contrário, ele a vivencia e absorve esta herança cultural que permite o equilíbrio de relações que sustentam a comunidade” (WOLF, 1990, p. 129).

A polêmica existente sobre as barreiras *Churchill* respalda-se no fato da insegurança que as mesmas trazem — em meio a tempestades, mostra-se impossível ver o outro lado da barreira, e, sendo esta uma mão de via única, torna-se um ato bastante arriscado atravessá-la sem nenhuma visão. Uma discussão ainda presente seria se, durante as tempestades onde se mostrasse uma situação de risco, inclusive com ondas se chocando de um lado da barreira ao outro, e acertando os carros na travessia, a polícia deveria interferir, impedindo a passagem por completo. Mike ainda

disse que, sem a interferência da polícia, muitos carros decidiam se arriscar, por conta própria, passando pelas barreiras, e os que não se arriscassem, eram prejudicados no trabalho, por exemplo; apesar da travessia utilizar muito o fator sorte, sendo um risco bastante elevado atravessá-la sem orientação e visibilidade.

Muitas opiniões foram controversas, mas optou-se por possuir intervenção policial para a não-utilização das barreiras, para se evitar prejuízo, tanto moral quanto físico, e equilibrando a teia de relações da ilha, como citado por Wolf (1990).

A convivência social nos *pubs* locais possui nas Terras-Altas um papel fundamental para a articulação e consolidação do espírito de comunidade, e isso inclui também em *Orkney*. A estrutura física dos *pubs* geralmente se manifesta em pequenos cômodos, contando com um bar oferecendo a cerveja fresca do barril, além de outras bebidas e, normalmente, uma vez por semana, seja maior ou menor o intervalo de tempo, as *music sessions* no local, o que será mais explorado nos capítulos a seguir. Isso reúne praticamente toda a população local — de todas as vilas próximas, a um local em comum, não importa o quão afastado seja.

Bourdieu (1989, p. 77) demonstra como as propriedades simbólicas são articuladas tendo em vista interesses que vão muito além da materialidade dos objetos, desenvolvendo assim as tradições que nascem e perduram, atravessando gerações, tendo como bastião muitas vezes o imaterial contido no material, como nos *pubs* escoceses. A real interação, troca e reciprocidade desses atos interacionais inicia-se no material, e estende-se ao imaterial, conectando e expandindo seu contato por todos os moradores da famigerada região.

O ponto mais comum utilizado na parte da ilha em que ficamos — a parte sul —, consistia de encontros baseados em *Kirkwall*, no *pub The Reel*, que carrega em seu nome um estilo musical tradicionalmente escocês. Excepcionalmente, na primeira vez que visitei o local, um grupo de músicos das ilhas de *Shetland*, as quais foram tema etnográfico desenvolvido por Goffman (1959), situadas a 100 quilômetros mais ao norte de *Orkney*, encontrava-se na capital, realizando um concerto musical. No fim do dia, todos vieram para a sessão musical tradicional no *The Reel*, o que, em seu ápice naquela noite resultou em mais de vinte violinistas, todos tocando em uníssono as músicas tradicionais escocesas, o que também demonstra a competição musical entre as ilhas — tópico no qual não me atrevo adentrar agora nesse trabalho monográfico, mas que perpetua a colaboração e saudável competição musical entre os conjuntos de ilhas.

Esse momento de confraternização, junto com o sentimento de colaboração para a existência do mesmo, percebe-se a resiliência do local, e como esta se estende a todas/os, pela música. O sentimento causado une a todos/as como um fio indelével ou invisível que, como coesão, cria um momento tangível de confraternização e dispersa quaisquer animosidades possíveis.

Mauss demonstra claramente como as dádivas perpassam e organizam diferentes esferas sociais, bem como seu poder de gerar valores sociais. Por outro lado, não havendo trocas, há uma associação explícita à rivalidade, sendo tais tendências bastante generalizadas nas sociedades humanas – não só porque dar frequentemente significa obter prestígio, mas também por que a indisposição para a troca incorpora nela mesma algo conflituoso. Para usar a terminologia da teoria da hierarquia de L. Dumont (1992), é como se o dar fosse encompassante, englobasse.

Esse fio invisível excede o ambiente, as bebidas, as músicas, somando e criando o desejo do escocês, especificamente citando aqui, em *Orkney*, de trocar também muito além de itens materiais, e, como Appadurai explicita, a cultura material participa, ativamente, das relações interpessoais, tendo, por si mesma, vida social que resulta em um significado na vida das pessoas (APPADURAI, 1986, p. 54).

As relações de troca e reciprocidade nas ilhas de *Orkney*, portanto, são uma porta de entrada para as relações interpessoais na ilha, que também se estendem além-mar. A resiliência necessária para viver por gerações a fio nesses locais inóspitos, acessíveis por barcas, conecta-se diretamente com a dádiva e retribuição intermitentes. O senso de comunidade e união, que ultrapassa dificuldades climáticas e tempestades, tanto figurativas quanto literais, abarca toda uma rede de relações que se complementam e se enriquecem com o tempo, apenas fortalecendo cada elo que forma essa corrente; da qual se ramifica a pluralidade de cada ser.

2.3 Terras-Altas: *Loch Tay*

Após delongar-me sobre as ilhas, sinto-me motivada a integrar também a este trabalho alguns fragmentos que provêm diretamente da parte continental das Terras-Altas, e aqui faço essa necessária diferenciação. Apesar das Terras-Altas englobarem também as inúmeras ilhas, a oeste e a norte, falo agora das referidas Terras-Altas “continental”, delongando-me agora sobre a parte das Terras-Altas comumente conhecida como de “dentro do continente”, apesar de, ironicamente, o próprio Reino Unido ser uma ilha.

Figura 10: Mapa ampliado das Terras-Altas continental, traçando nosso percurso pela ilha.



Fonte: <https://www.scotlandinfo.eu/roadmap-of-scotland/>, editado pela autora.

Vale a pena também ressaltar que o clima nas ilhas, geralmente, é comumente tido entre os habitantes como mais duro do que nas Terras-Altas, com mais frio, chuvas constantes e, sobretudo, ventos arrasadores. Por se situarem sem muita proteção do Oceano Atlântico Norte a oeste, e do Mar do Norte a leste e norte, as ilhas recebem com mais intensidade a umidade e o frio constantes.

Aos pés do *Ben Lawers*, a 10ª maior montanha do Reino Unido, e banhada pelo *Loch Tay*, encontra-se *Tombreck Farm*. Uma comunidade rural que surgiu de uma única propriedade, herança familiar que aos poucos foi se dividindo em pequenos terrenos, multiplicando seus moradores e fortalecendo seus vínculos. Hoje, conta com aproximadamente oito casas com moradores fixos, além de eventuais casas de verão.

Fui acolhida na primeira e maior casa da comunidade, dos donos originais da fazenda, Sue e Archibald, conhecido localmente pelo seu nome em gaélico, Tober, que significa poço. Tober foi um dos poucos interlocutores que relatou ser sua mãe como uma fluente falante de gaélico, mas que não repassou essa herança para ele, por não considerar útil o aprendizado. Tober nos contou, com

tristeza, que com o pouco conhecimento de gaélico que adquiriu da mãe, conversava às vezes com as árvores.

Nos hospedamos não em sua casa mas sim em um *yurt*, que consiste em estruturas fortes mas removíveis de madeira, operando como uma casa móvel, sendo facilmente desmontável e remontável, contando ainda com uma espécie de pequena varanda, imprescindível em qualquer casa escocesa, móvel ou não, para trocar e pendurar as vestimentas e calçados molhados, antes de adentrar a casa. O interior segue como de um dormitório bem completo, com uma cama, um pequeno armário, uma improvisada estante de interessantes livros e um pequeno *stove* — uma estrutura metálica que, acesa, mediante madeira ou turfa, aquece todo o ambiente e ainda esquenta um eventual chá ou leite, em sua superfície. O *yurt* segue, portanto, como uma estrutura semi-suficiente e privativa, principalmente porque se situava a aproximadamente 1 quilômetro da casa principal, ao sul da fazenda, mas dentro de seu vasto terreno.

As casas se situavam bem próximas umas das outras, excetuando algumas mais afastadas, que se estendiam até o sul do terreno. Havia também uma loja de produtos orgânicos da própria fazenda, como linguiças, carnes em geral, frutas congeladas; os legumes, vegetais e frutas frescas nem passavam pela lojinha, e já sendo trocados ou negociados direto da/na colheita. O grande e diverso cultivo orgânico do qual fiz parte do cuidado se estruturava por vários canteiros ao ar livre, um *polytunnel* e uma estufa de vidro, a *greenhouse*. Nos canteiros permaneciam os vegetais que eram mais resistentes ao frio, como as batatas, rabanete, abobrinha, cenoura, couve-flor, entre outros. As saladas geralmente permaneciam no *polytunnel*, ou do lado de fora, mas cobertas por uma rede, para proteger minimamente dos ventos. Na estufa de vidro permaneciam sobretudo tomates, bem temperamentais com o clima frio, mas muito apreciados e de versátil uso na culinária.

Para finalizar, a casa principal contava com um telhado baixo e mais charmoso de todos: um telhado onde morangos estavam plantados. Sinto dizer que quando minha tarefa foi colhê-los, passei mais tempo saboreando do que realmente realizando meu trabalho, tamanha a tentação. Após meu questionamento do porquê dos morangos estarem no telhado, no que pensei que receberia uma resposta relacionada mais diretamente ao vento e ao frio, recebi a resposta que, estando acima do chão, o risco dos morangos serem a refeição de diversas lesmas era menor, o que fazia sentido, principalmente quando me lembrei da robustez das lesmas que sempre encontrava pelo caminho. Cheguei à conclusão de que as lesmas escocesas, o pesadelo dos fazendeiros, e eu, tínhamos gostos bastante similares.

Figura 11: O interior de um *polytunnel*.



Fonte: a autora.

Nossas tarefas em *Tombreck* eram mais voltadas para a produção local agrícola para consumo próprio e para a comunidade ali instalada — capinar, plantar, colher, preparar o solo em canteiros, revirar terra de compostagem para virar adubo na próxima estação, além de um diário cuidado com galinhas e porcos — coletar ovos das galinhas, trocar água e alimentar os porcos com ração e eventuais vegetais ou frutas estragados, pois nada se desperdiçava, e produzia-se

primariamente para consumo próprio, o que era necessário para viver (SAHLINS, 1994). As refeições eram feitas quase exclusivamente de ingredientes colhidos do jardim, um verdadeiro privilégio. Um dia ainda me aventurei a tomar a sopa de *nettles*, um tipo de urtiga que castiga a pele ao tocá-la, mas que pode dar uma deliciosa sopa quando bem preparada. Também ajudamos a construir uma casa para os próximos voluntários lá se hospedarem, erguendo as paredes de madeira, o telhado e a insulação, feita com lã de ovelhas, para isolar o frio e manter o calor do lado de dentro da cabana.

Figura 12: Insulação das paredes de uma casa em construção com lã de ovelha, isolando a casa do frio, dos ventos, das chuvas, e bruscas mudanças climáticas.



Fonte: a autora.

Com Andy, um dos moradores da comunidade, guarda-florestal da região de *Ben Lawers*, a montanha vizinha, partilhamos e produzimos bebidas alcoólicas, elemento bastante presente nas interações sociais. Seja cidra, a partir de maçãs coletadas nos pomares próximos, no fim do outono e início do inverno, ou cerveja feita de lúpulo, muitas vezes produzidos por eles próprios, apesar de ser uma exaustiva tarefa, segundo Andy. Fizemos barris e barris, que necessitavam de seu próprio tempo para maturar e tornar-se as prometidas bebidas que geralmente eram partilhadas com quem se dispusesse a bebê-las, pois afinal, geralmente a ajuda em fazê-las era múltipla — a cidra, por exemplo, envolveu inúmeras idas e vindas ao pomar de maçãs de um conhecido da vila vizinha, outra força-tarefa separando e cortando as centenas de maçãs, outra processando-as com um instrumento de pressão e extraíndo o suco, outra envasando os barris e lacrando-os para a maturação... São várias as etapas e os processos, e diversas ajudas são necessárias nessa interessante tarefa, que envolve distintas coletividades, tanto em seu preparo quanto no seu usufruto, excedendo sua materialidade (BOURDIEU, 1989) e alcançando trocas de gestos, necessidades e gentilezas.

Uma outra tarefa muito frequente era a manutenção de cercas, tanto para os porcos quanto para os veados, mas com finalidades distintas. A cerca para os porcos se destinava a delimitá-los em um só local, e precisavam ser reforçadas até o chão com grampos de metal até bem próximo do solo, senão os porcos se aproveitavam do terreno lamacento e fofo, chafurdando no chão e escapando da área. A cerca para os veados necessitava de altura, e geralmente delimitavam terrenos em que tentavam cultivar e crescer florestas nativas escocesas. Os veados, famosos por comerem os brotos de árvores assim que nascem, acabam por matá-las. As cercas funcionam então como um mecanismo de preservação dessas jovens florestas que tentam se reerguer, incansável trabalho de inúmeros guardas florestais espalhados por toda a Escócia, ainda mais se considerarmos que o veado não possui mais predadores naturais na região, o que faz com que sua caça seja regulamentada e necessária para o equilíbrio do meio ambiente.

Aos poucos fui conhecendo as pessoas que compunham aquela pequena comunidade rural. As primeiras experiências me permitindo sentir e perceber a natureza ao meu redor foram uma peça-chave para as vivências que passei a nutrir. Situada ao sopé de uma montanha, a região da fazenda também foi vítima das *Highland clearances*, termo que me aprofundarei mais no próximo capítulo, mas que, para o presente momento, basta dizer que assolou as Terras-Altas e resultou em várias ruínas de pedra, estas que um dia foram moradias, lares, vilas inteiras.

Caminhei com Andy, vidrada enquanto o mesmo apontava e contava um pouco sobre essas histórias fantasmas, histórias que apenas podíamos sofrer e suportar, irreversíveis, histórias que

foram e remanescem na memória dos comunitários. Mas, assim como ocorreram fatos que destituíram e impossibilitaram comunidades, vilas e famílias, existem espacialidades que atualmente corroboram e estimulam a sociabilidade. Em meio às casas, em *Tombreck*, existe o chamado *The Big Shed*⁵, um prédio comunitário construído pelo *Loch Tayside Community Interest Company*, que é uma pequena companhia local, dos arredores do *Loch Tay*, com a finalidade de fomentar a utilização desse espaço para artes, trabalhos manuais e música ao longo do tempo. O espaço comunitário é sustentado por voluntários, os próprios moradores locais, sem envolvimento de transações monetárias. O *Big Shed*, traduzido literalmente para ‘grande galpão’, dá a oportunidade para inúmeras iniciativas ocorrerem em seu interior, sejam aulas de ioga, cursos de permacultura, de artes manuais, apresentações musicais, casamentos, festas, entre outras.

O *Big Shed* também me possibilitou participar, pela primeira vez, de um *cèilidh*, uma reunião social tradicional escocesa, que conta com música e danças tradicionais, que geralmente ocorre em centros comunitários ou nas pequenas prefeituras locais, com a intenção de celebrar algo, seja um casamento, ou reunir a comunidade local em determinadas datas comemorativas.

Como o nome, *cèilidh*, em gaélico, significa encontro, visita, esse evento, bastante comum nas partes rurais da Escócia (especialmente as ainda falantes de gaélico, nas Terras-Altas), visa a congregação e confraternização da comunidade, família, vizinhos e amigos próximos, em um local, onde, além de comidas e bebidas, conta-se com um salão onde uma banda toca músicas tradicionais escocesas para que todos os presentes possam dançar, quando as pessoas procuram ir com roupas tradicionais, como os *kilts*, ou, ainda, com alguma vestimenta com *tartans*, simbolizando as raízes destes antigos costumes que ainda hoje perduram.

Fui gentilmente convidada para um *cèilidh* local de renovação de votos de casamento de um casal de uma das vilas à beira do *Loch Tay*, onde fui, juntamente com todos os moradores de *Tombreck* e outros moradores dos arredores. A minha surpresa, ao me deparar em um evento de dança onde não sabia nem por onde começar foi logo abrandada. A banda, geralmente composta por um violinista, flautista, acordeonista e violonista, mas claro, podendo haver outros instrumentos musicais, tocam em um lado do salão, e um dos instrumentistas dá dinâmicas instruções dos passos de cada dança, sendo chamado de ‘*dance caller*’, como em auxílio aos dançarinos, sempre em pares.

No início, pensei que eu e meu companheiro seríamos os únicos aprendendo os passos das danças, mas minha surpresa foi perceber que várias pessoas muitas vezes não conheciam

⁵ Mais informações disponíveis em: <http://www.bigshed.org.uk/wordpress/>

determinada música e/ou também se embaralhavam ao dançar, o que, devo dizer, faz parte da dinâmica e do charme das danças no *cèilidh*, entre várias risadas, eventuais pisões de pé, encontrões e xingamentos. São sempre movimentos em ‘sets’, que consistem de quatro a oito pares que ficam em formação retangular e, às vezes, circular, se formando e se dissipando conforme a música, algumas danças mais fáceis que outras.

No início do evento, pedi dicas para aprender as danças, e o único conselho que recebi foi para relaxar, pois as músicas eram intuitivas e, geralmente, de auto e rápido aprendizado e com algumas repetições. Seguindo o par vizinho e a cadência da própria música, conferindo o ritmo da dança, isso se provou verossímil, e após dançar ininterruptamente durante todo o evento, até ficar sem fôlego, mas com um grande sorriso no rosto, cheguei até a receber elogios pela dança e disposição. Por fim, a dança carrega um poder de ressignificação da realidade, o que a torna, além de movimentos condicionados a um determinado ritmo, uma apropriação feita pela sociedade e por cada indivíduo (TONIAL, 2007), com cada um carregando suas habilidades, experiências e gostos pessoais à dança, e a esse local.

Conversando durante o evento, descobri que, na realidade, os *cèilidhs* originalmente eram apenas reuniões com propósitos de socialização, e compunham outros elementos que não a dança e música, obrigatoriamente, como recitais de poemas e antigas histórias, muitas delas transmitidas apenas oralmente, sem registros escritos. Nesse *cèilidh* em especial, isso não ocorreu, mas não são práticas incomuns. Não se sabe a origem exata desses eventos, mas é comumente aceito que grande parte de poemas, músicas, danças, canções, histórias, lendas e costumes escoceses foram retidos e passados oralmente por meio dessas reuniões com o propósito de partilha e sociabilidade:

“Men and women able to repeat popular poems and stories have always been greatly thought of in the Gaelic-speaking parts of Scotland. On long, dark winter nights it is still the custom in small villages for friends to collect in a house and hold what they call a ‘ceilidh’. Young and old are entertained by the reciters of old poems and legendary stories which deal with ancient beliefs, the doings of traditional heroes and heroines, and so on. Some sing old and new songs set to old music or new music

composed in the manner of the old. In this way, some of the ancient poems, stories and music of the early inhabitants of Scotland have been preserved till our times."⁶

(MACKENZIE, 2008, p. 14)

Trocam-se memórias, aspirações, superações, rixas e brigas, as previsões de tempo, os próximos projetos pessoais, novidades sobre suas respectivas hortas, risadas, e, por fim, o conjunto de vivências que se fortificam pelo esforço de um pelo outro; pela vontade de alcançar e (con)viver com o outro, seja em um momento de necessidade e de necessária colaboração, ou de uma noite de confraternização no *pub*.

Essas resistências e convivências afloram, tanto para o ambiente externo, quanto para o interno. Para suportar os ventos que atravessam ossos, para atravessar as intempéries e manter o espírito escocês vivo, apesar de também haver repressão histórica para com a língua escocesa, o gaélico, suas vestimentas, os famosos *kilts*⁷, as músicas e a proclamação de seu país, sempre exaltando a falta de inclusão quando se trata de todo o Reino Unido. Se toda a população da Escócia representa menos que a população de Londres sozinha, como estes podem esperar por uma justa escolha e decisões que envolvam e impactem também os escoceses?

A resistência só passa a existir a partir da opressão; exato tema que trato a seguir.

⁶ Homens e mulheres capazes de repetir poemas e histórias populares sempre foram muito bem considerados nas regiões de língua gaélica da Escócia. Em noites de inverno, longas e escuras, ainda é costume em pequenas aldeias, que os amigos se reúnam em uma casa e promovam o que chamam de "*ceilidh*". Jovens e velhos são entretidos pelos recitadores de poemas antigos e histórias lendárias que lidam com crenças antigas, os feitos de tradicionais heróis e heroínas, e assim por diante. Alguns cantam canções antigas e novas ajustadas para músicas antigas, ou novas músicas compostas à maneira antiga. Desta forma, alguns dos antigos poemas, histórias e músicas dos primeiros habitantes da Escócia foram preservados até os nossos tempos. (Tradução livre da autora)

⁷ As saias escocesas com os padrões quadriculados de cada clã.

3. STRUGGLE

O termo *struggle*, literalmente traduzido para luta, ou, ainda, quando pensado no verbo proveniente deste substantivo, o *struggling*, temos definições como “fazer um grande esforço”, “debater-se”, ou, ainda, “procurar libertar-se de algo”.

A Escócia, atualmente um país não independente, constitui um dos quatro países que compõe o Reino Unido — sendo estes, Escócia, Irlanda do Norte, País de Gales e Inglaterra.

Chego ao termo *struggle* não por tendenciosismo de acreditar ou não que a Escócia deva ser um país independente. Não chego a tais conclusões, e nem me atreveria a tanto, nem por uma decisão e nem por outra. Aqui, exponho as vivências, conversas, tardes regadas a chá e trabalho, além de uma contextualização histórica para situar o leitor, pois aqui me adentro em um território onde raízes profundas ainda hoje influenciam o curso do presente, principalmente nas Terras-Altas, as *Highlands*, que, nas localidades onde residi, que mostram marcas de violência, silêncio, repressão, por meios muitas vezes sutis e acobertadas pela política chamada *Union*, termo que deriva de *United Kingdom*⁸.

Apropriando-me do termo resiliência, e ilustrando-o como uma árvore que segue firme, balançando e se curvando perante às intempéries, ventos e tempestades, mas sem nunca se partir, para compreender o cerne dessa árvore que resiste, precisamos visitar seus alicerces, suas raízes. No caso aqui presente, visitaremos um contexto duro e que reaparece ainda no presente, no coração das pessoas, apesar de alguns fatos datarem mais de três séculos, e, citando Freud (2011), revisitando momentos e acontecimentos melancólicos, pois, muitas vezes, nem se sabe o que se perdeu ou o tamanho da perda. Sejam perdas para a morte, ou para a vida, o fato é que a melancolia, e o luto, permeiam constantemente estas próximas páginas.

3.1 Levantes de '15 e '45

Em termos históricos, a dominação inglesa — presente tanto física quanto psicologicamente —, deu-se em vários níveis. Desde à proibição da utilização, do ensino e propagação da língua gaélica, e, quem ousasse a proferir qualquer palavra na língua nativa era imediatamente enforcado,

⁸ Deste nome também se deriva o termo *Union Jack*, nome referente à bandeira que representa oficialmente o Reino Unido. É composta por uma sobreposição das quatro bandeiras dos países supracitados que compõe o Reino Unido. Muitas vezes é referida como uma bandeira opressora, pois pode ser utilizada para substituir as bandeiras individuais dos países.

à proibição da utilização de roupas típicas como os *kilts*⁹, com os *tartans*¹⁰ de cada família e clã, além da abolição de danças ou músicas típicas, entre outras medidas, mais e menos sutis do que as citadas.

Para permear um passado recente e um presente ramificado, retorno a raízes históricas que datam entre os anos 1200 e 1300, com a aristocracia inglesa, mais precisamente, o rei Eduardo I da Inglaterra. Este almejou coroar um rei fantoche, de sua escolha, para governar a Escócia, o que foi contido com uma rebelião da parte escocesa, contando ainda com o surgimento de vários nomes que se tornaram referências ainda hoje a essas resistências, como William Wallace, que liderou em 1297 a Batalha de *Stirling*, resistindo bravamente à dominação dos ingleses, e Robert Bruce, em 1307, que foi temporariamente coroado Rei da Escócia, na batalha de *Bannockburn*, em 1314 (WORMALD, 2005).

Ainda segundo Wormald (2005), uma historiadora da trajetória histórica escocesa e seus desdobramentos, a história de união política entre a Escócia e a Inglaterra começou quando Jaime IV, da Escócia, casou-se com Margarida Tudor, filha de Henrique VII, em 1503. Quando seu irmão Henrique VIII subiu ao trono, Jaime almejou declarar independência, mas foi derrotado e assassinado em 1513. Henrique VIII iniciou uma verdadeira caçada aos descendentes de Jaime IV, mas deixou escapar sua neta, Mary Stuart.

Mary Stuart, que mais tarde seria a Rainha dos Escoceses (*Queen of Scots*¹¹), filha de Jaime V (Rei da Escócia) e da francesa Maria de Guise, casou-se em 1558 com o herdeiro do trono francês para reforçar a aliança entre a Escócia e a França. Aos 18 anos ficou viúva e retornou à Escócia para assumir o trono.

Mary Stuart casou-se novamente em 1565 com seu primo Henrique Stuart, conde de Darnley, também aspirante ao trono inglês, e com ele teve um filho, o futuro Jaime VI, Rei da Escócia, e Jaime I, Rei da Inglaterra. Mary acabou abdicando ao trono da Escócia em favor de seu filho, Jaime VI, refugiando-se na Inglaterra. Como havia grande desconfiança que ela poderia brigar pelo trono inglês, e por ser católica, era vista como um grande perigo aos atuais ideais protestantes da Inglaterra. Por este motivo, A Rainha da Inglaterra, Elizabeth I, sua prima, a manteve prisioneira durante quase 20 anos, e foi julgada e decapitada (WORMALD, 2005).

⁹ As saias escocesas com os padrões quadriculados de cada clã.

¹⁰ Padrão quadriculado de cores variável que identifica e diferencia os diferentes clãs na Escócia, especialmente nas Terras-Altas.

¹¹ Nome pelo qual ficou famosa na história escocesa.

Anos depois da execução de Mary Stuart, morre Elizabeth I, em 1603, e ela não deixa herdeiros diretos ao trono inglês, e com isso, o filho de Mary Stuart, Jaime VI da Escócia, ocupou o trono inglês com o nome de Jaime I. Ele reinou sobre ambos os países, incluindo a Irlanda, e uniu as coroas, mas apenas 100 anos depois, em 1707, os parlamentos escoceses e ingleses foram formalmente unidos, durante o reinado da rainha Ana. É neste momento crucial que a história da Escócia se funde com a história da Inglaterra.

De acordo com Anthony Cooke (1998) em “*Modern Scottish History: 1707 to the present*”, um foco de rebelião se instaurou e perdurou nas Terras-Altas, e quatro tentativas de resistência ocorreram em favor da casa dos *Stuarts*. O parlamento atual não representava realmente o povo, mas uma minoria de nobres e senhores de terras. Após a Revolução Gloriosa, entre 1688 e 1689, em que os Stuart foram substituídos por William of Orange, da casa de Hanover, criou-se um mal estar de que o parlamento atual não teria direito ao trono.

Muitos escoceses ainda eram leais à monarquia Stuart, e isso levou aos levantes Jacobitas (que deriva do nome Jaime, o pretendente do trono escocês por direito, de acordo com os apoiadores do levante), apoiando o Príncipe Charles Edward Stewart, o chamado *Bonnie Prince Charlie*, neto do rei James VII. Os Jacobitas consideravam as políticas do governo atual ilegítimas, não os representando; houve diversas rebeliões e um crescente suporte da causa e movimento Jacobita nas Terras-Altas, principalmente após o Ato de União de 1707, dos quais os escoceses das Terras-Altas foram terminantemente contra, e seguiram implodindo as rebeliões. O movimento cresceu e, a partir de certo momento, os levantes Jacobitas passaram a ser sinônimo de força contra o governo britânico atual, sem necessariamente simbolizar um apoio homogêneo para a casa Stuart ou as famílias britânicas. Surgiu, então, um movimento que pautava-se na retomada da Escócia do governo Inglês. Os franceses, atualmente em guerra com a Inglaterra, auxiliariam o pretense novo rei Jacobita, James III, chamado ‘*The Old Pretender*’ (o Antigo Pretendente), atizando, com o auxílio da França, a força jacobita contra a União da Escócia com a Inglaterra. (COOKE, 1998).

Inicialmente, os levantes que começaram retomando o norte da Escócia, em cidades como Inverness, Aberdeen e Dundee, quando avançaram para o sul, não contiveram as forças do Duque de Argyll, famoso comandante que lutou contra os jacobitas, e a invasão que poderia ter unido a Escócia, se opondo à União com a Inglaterra, não foi bem sucedida. O então ‘pretendente’ ao trono pelos jacobitas, James III, escreve uma carta à Escócia, se despedindo. Por fim, inúmeros jacobitas foram feitos prisioneiros e sentenciados à morte como traidores.

A partir de 1725 em diante, as guarnições comandadas pelos soldados ingleses, referidos pelos escoceses como ‘*redcoats*¹²’, patrulhavam constantemente as *Highlands*, principalmente entre Fort William e Inverness, importantes locais da revolta. Estes *redcoats* patrulhavam toda a região para reprimir toda a oposição que pudesse surgir contra a Inglaterra, e se tornou em um lembrete constante que os clãs das Terras-Altas estariam doravante constantemente sujeitos ao governo inglês, imbuindo também um enorme significado de opressão constante dos ingleses face aos escoceses, como nos remete o historiador Ian Whyte, em seu livro “*Scotland’s Society and Economy in Transition c.1500-c.1760*” (1997).

O ensejo dos levantes, de ir contra a unificação com a Inglaterra, e a luta contra a repressão inglesa culminaram no campo de batalha *Culloden*, o mais sangrento campo de batalha de todos os levantes, e o derradeiro. O ‘novo pretendente’, chamado de *Bonnie Prince Charlie* pelos escoceses do levante, filho de James Stuart, liderava as tropas, representando sua casa Stuart, e ensejando mais um confronto. *Bonnie Prince Charlie* conquistou muito apoio popular, devido a seus decretos que, assim que acabada a revolução que faziam a União estabelecida forçosamente entre Escócia e Inglaterra seria abolida, e assim angariou cada vez mais simpatizantes pelas Terras-Altas, e também pelas Terras-Baixas.

Devido a imprudências, inexperiências e, claro, também ao fator sorte, o governo inglês massacrou as investidas escocesas, que atacaram em um dia chuvoso, em um terreno plano e pantanoso, após dias incessantes de caminhadas encharcadas pela chuva e pelo impiedoso vento. Este foi conhecido como o Levante de 1745, que culminou no fatídico dia 16 de abril de 1746.

Armados com incerteza e cansaço, eram as tropas escocesas, que aderiram ao levante Jacobita, como era chamado os que carregavam o imaginário o estandarte da utópica independência, que angariaram recursos para tropas, armaduras, escudos e armas de modos escusos e silenciosos, pois quem fosse descoberto coercivo desse levante era automaticamente morto. A batalha final, liderada pelo inexperiente *Bonnie Prince Charlie*, que ainda não havia experimentado o amargo gosto da derrota, se deu no dia 16 de abril de 1746 e as tropas restantes, menos de 5000 homens, a maioria exausta e faminta, após longas e vãs caminhadas pelas montanhas, que culminaram no descampado planalto *Culloden*. (SOMMERSET FRY, 2005) Descampados e desprotegidos também eram os escoceses, que, sem armaduras, contavam com roupas e utensílios de couro e o *plaid* — peça inteira xadrez que carrega o *tartan* correspondente de cada clã, e que, a partir de dobraduras feitas no tecido, formavam o *kilt* e uma parte de pano solta que poderia virar ora um bolso para

¹² Literalmente traduzido para ‘casacos vermelhos’, vestimenta utilizada pelos ingleses, que acabou por simbolizar a forte opressão e violência contra os escoceses, após e durante os levantes de 1715 e 1745.

carregar importantes itens, ou um cobertor para noites chuvosas. O tecido era de lã de ovelha e impermeável, após uma laboriosa esfregada com mijo humano, prática desenvolvida para impermeabilização devido ao clima.

Cerca de cem homens em cavalaria e menos de duas dezenas carregando armas de fogo compunham a empreita, contando com uma posição geográfica no campo de batalha extremamente desfavorável, com um terreno plano e alagado, o que impedia a especialidade escocesa — o *Highland charge*, ataque que envolvia impulso, velocidade e súbita força dos escoceses, em uma corrida em linha reta que destruía e desestruturava a linha de frente do inimigo, que muitas vezes resultava em um rápida vitória das batalhas.

Porém, neste fatídico dia, o *Highland charge* mostrava-se impossível, devido ao alagamento do local e ao relevo. As tropas inglesas, com muitos mais recursos e mais tecnologia, e um notável descanso, chegavam a 10 mil homens, cerca de 800 de cavalaria, que causariam um dano devastador ao inimigo (SOMMERSET FRY, 2005:195).

No confronto final,

Both left and right Jacobite wings fought desperately, even hurling stones and clods of earth at the superior forces bearing down upon them, but they were edged slowly backwards. Then the withdrawal quickened. (...) Highlanders were cut down and killed, and so were innocent by-standers in the villages. The main battle was over inside an hour. Prince Charles, once he saw the day was lost, rode away to the south-west, into hiding.

(SOMMERSET FRY, 2005, p. 195-196)¹³

Segundo Zimmermann (2003), as tropas jacobitas foram rechaçadas com violência, e esse massacre tratou de aniquilar o estilo de vida mantido pela formação clânica antes existente; a maioria dos que morreram trucidados no campo de batalha eram integrantes de clãs das Terras-Altas, e os que não foram mortos em batalha, tentaram escapar, mas foram caçados pelo campo e mortos. Alguns prisioneiros foram levados até Londres e executados, incluindo o chefe do clã

¹³ “Ambas as investidas Jacobitas lutaram desesperadamente, até arremessando pedras e torrões de terra às forças superiores sobre eles, mas os Jacobitas foram lentamente encurralados e recuavam. Assim, a retirada acelerou-se. (...) *Highlanders* eram violentamente cortados e mortos, e inocentes moradores de vilarejos próximos não foram poupados. A batalha principal acabou em cerca de uma hora. O príncipe Charles, assim que viu que a batalha estava perdida, escondeu-se nas estradas do sudoeste das terras-altas.” Tradução livre da autora.

Fraser. Inúmeros escoceses foram exilados e perseguidos, e extinguiu-se um poderoso movimento desde então.

Figura 13: Túmulo do clã Fraser, situado no campo de batalha Culloden.



Fonte: a autora.

Configura-se como um bom ponto de apoio encaminhar o pensamento de Benedict Anderson (2008) em meio a esse debate histórico, um antropólogo que discursa sobre a construção do nacionalismo, este se articulando como comunidades imaginadas.

Anderson compreende, em seu livro, que “não existem símbolos mais impressionantes da cultura moderna do nacionalismo do que os cenotáfios e o túmulo do soldado desconhecido. Contudo, estes túmulos vazios estão carregados de imagens nacionais espectrais.” (2008, p. 35). A força com que o campo de batalha de *Culloden* ainda se sustenta claramente carrega o significado destas palavras. *Culloden* agora faz parte de um museu que conta com uma parte interna, que mostra o desenrolar histórico tanto do ponto de vista inglês quanto do escocês; a parte externa é o próprio campo de batalha, que conta sua própria história. Ao atravessá-lo, é possível ver inúmeros túmulos correspondentes aos clãs que foram dizimados em *Culloden*; as perdas foram tantas que muitos participantes das rebeliões permaneceram no anonimato, por terem corpos desaparecidos e/ou não identificados.

Patrick Arley de Rezende (2012) discorre sobre corpos sem nome e nomes sem corpos, o que se evidencia neste caso. Os túmulos e pedras nomeados pelos clãs correspondentes, dizem sobre nomes coletivos, agrupados em uma família, um clã, mas sem corpos. Estes corpos, muitos dos quais se perderam, foram queimados, jogados em rios, ou simplesmente desapareceram perante tantos outros cadáveres.

Evoca-se, a partir destes túmulos representativos de coletivos ligados por parentesco (não necessariamente por sangue), uma localização simbólica dos que ali morreram, defendendo a causa em que acreditavam.

A partir disso, inúmeros (centenas) túmulos de diversos clãs foram erguidos no campo de batalha *Culloden*, simbolizando o coletivo que lutou e se sacrificou neste fatídico dia.

Figura 14: “*I shall die at last strong in my pride and free*”, “Irei ao menos morrer convicto de meu orgulho, e livre”. Cravado em um painel de pedra em *Edinburgh*.



Fonte: a autora.

A força evocada por estes túmulos aciona perguntas referentes aos laços desenvolvidos pela relação clânica de parentesco, e que foram suprimidas após o levante. Mais do que isso, “vale a pena começar a avaliar as raízes do nacionalismo pela morte, o último elemento de uma série de fatalidades” (ANDERSON, 2008, p. 36). O nacionalismo escocês cresce pela resistência que opera

em relação à opressão inglesa, e à morte, seja de indivíduos, seja de significados, clãs e a força da coletividade e o que ela representa. Nacionalismo este que não é homogêneo e similar, em todo seu território. Considerando a complicada dinâmica da vivência entre fronteiras (Escócia e Inglaterra, com a unificação, onde se inicia uma e onde termina a outra?), a disjunção de lugar e cultura é clara, como afirmam Gupta e Ferguson (2000). Falo de um nacionalismo multicultural, identidades plurais, com diferenças entre as *Lowlands* e as *Highlands*, conflitos de interesses e posições políticas.

Desde então, a Escócia segue como um país com unificação inglesa, mantendo-se como membro do Reino Unido. Os levantes jacobitas não possuíam mais força, e a repressão da Inglaterra se manteve forte, atacando e focando-se em destituir o estilo de vida tradicional dos habitantes das Terras-Altas da Escócia, como será explorado no tópico subsequente.

A autora Elizabeth Foster, em seu livro “*A History of Everyday Life in Scotland, 1600 to 1800*” (2010) descreve desde um período que antecede os movimentos de rebelião jacobitas até o desenrolar das duas principais revoltas e seus respectivos acontecimentos, os impactos sociais e econômicos desses acontecimentos históricos. O impacto do processo que sucedeu a investida mal-sucedida jacobita foi enorme perante a sociedade escocesa, sobretudo nas Terras-Altas. Segundo a autora,

“everyday objects, such as food and clothing, could take on a political meaning in this society (...) Tartan, plaid, glasses, medallions, fans and feathers allowed Scots to display their political loyalties and allegiances, as in different ways did songs, broadsheets and books.¹⁴”

(FOYSTER & WHATLEY, 2010, p. 21).

Isso nos aproxima um pouco da percepção que o material possuía para os escoceses das Terras-Altas, e como os Atos de Proibições, como veremos no subitem a seguir, influenciaram diretamente seu modo de viver e de se expressar, de se sentir pertencente a algum lugar e o manifestar. Os próximos anos escoceses das Terras-Baixas se mostraram impiedosos e duros com os escoceses das Terras-Altas, perdendo estes últimos ainda mais seu direito de demonstrar seus costumes, trajes, língua e modo de viver.

¹⁴ “objetos cotidianos, tais como comida e roupas, podiam tomar um sentido político nesta sociedade (...) Tartan, plaid, vidros, medalhões, leques, e penas permitiram os escoceses demonstrar suas lealdades políticas, assim como, de diferentes maneiras, fizeram também as canções, folhetos e livros” (FOYSTER & WHATLEY, 2010, p. 21) Tradução livre da autora.

3.2 *Highland Clearances*

Não são poucas as vezes em que um tema em particular se sobrepõe a outros na trajetória histórica de um lugar ou nação, e aqui não é diferente. Como um acontecimento que ocorre após os famigerados levantes jacobitas de '15 e '45, as *Highland clearances*, com uma tradução literal para remoção, ou ainda, liberação das Terras-Altas, aparece timidamente na história e em debates, apesar de ser fundamental sua importância ainda hoje, historicamente, politicamente e socialmente. “*The Clearances were also connected with the parallel decline of Gaelic culture and with an enduring sense of loss, grievance and desolation.*”¹⁵ (RICHARDS, 2007) Ainda hoje as *Clearances* são associadas a questões sem resposta, um senso amargo de injustiça e perde-se entre muitos debates de quem é a famigerada culpa; são ruínas inegáveis, tanto imaginativas quanto reais.

Benedict Anderson nos diz que “todas as mudanças profundas na consciência, pela sua própria natureza, trazem consigo amnésias típicas.” (2008, p. 278) Creio esta ser uma chave fundamental para se compreender este sombrio período histórico das *Highlands* escocesas, ainda hoje pouco explorado pelos historiadores e pelos próprios moradores. Ou seja, todo exercício de memória é conjuntamente um exercício de esquecimento e, é deles que, segundo o autor, surgem narrativas.

De acordo com Richards (2007), enquanto os levantes jacobitas, principalmente o de '45, possuem um grande destaque na história do país, no momento de ‘quase-independência’, de alguma forma as *Highland clearances* possuem uma sombra, um contorno sinistro como uma aura, o que por fim faz com que seja um tema pouco debatido ou comentado. Entre o fim dos anos 1700 e o meados de 1800, existia uma tangível divisão Norte-Sul na Escócia. Existia uma ideia de que a ‘cultura das Terras-Altas’ e seu estilo de vida era atrasado e antigo, imbuído de ideias que o refreavam, em comparação com as Terras-Baixas, as *Lowlands*, e o resto do Reino Unido.

As pessoas no sul da Escócia (*Lowlands*) publicamente se identificavam como maiores simpatizantes da língua e da cultura mais ‘moderna’ e ‘progressista’ existente no sul, coerente com seus vizinhos próximos, a Inglaterra; em contraponto da antiga cultura e modo de viver das Terras-Altas, *Highlands*, e das ilhas. Aciono, então, a noção de “multiculturalismo” explorada por Gupta e Ferguson, em seu livro “*Mais Além da Cultura: Espaço, Identidade e Política da Diferença*”, onde um conjunto de problemas se desvela ao tentar dar conta das diferenças culturais no interior de uma localidade (2000, p. 33). A Escócia, um país de território político, social e cultural não-homogêneo,

¹⁵ “As *Clearances* também foi algo paralelamente conectado com o declínio da cultura gaélica e com o perduramento de um sentimento de perda, sofrimento e desolação.” (RICHARDS, 2007) Tradução livre da autora.

muito se devendo aos embates contra os ingleses, não é poupada da brutalidade das *clearances*, que assolam, em sua maioria, grandes territórios, vilas e comunidades nas Terras-Altas.

Como eu, entusiasta da história escocesa, cheguei no país com uma avidez de ouvir pensamentos, opiniões e relatos — muitas vezes ligados a uma ancestralidade, como acionar seu sobrenome, seu clã, com um acontecimento do movimento de independência ou de rivalidade com outros clãs — relacionados aos famosos levantes, não ouvi facilmente e/ou corriqueiramente sobre as *clearances*. De modo objetivo, as *clearances* foram a remoção de famílias e comunidades escocesas das Terras-Altas, entre os séculos XVIII e XIX, que sobreviviam do cultivo de vegetais e pequenas criações de animais. Essas remoções, que levaram milhares de famílias inquilinas a abandonarem seu solo nativo, familiar, para darem lugar a ovelhas. Criar áreas de pasto intensivas, com milhões de ovelhas, com o intuito de produzir lã em larga escala, tendo em vista a alta no mercado inglês do referido produto. Eric Richards, em seu livro “*A History of the Highland Clearances*” (1982) é um dos pioneiros a tratar do assunto de forma explícita; assunto tão fundamental na história escocesa e que geralmente, permanece ocultado ou, pelo menos, não destrinchado adequadamente de como realmente ocorreu.

Karl Marx, em seu livro “*A Miséria da Filosofia*” (1847) e n’“*O Capital* (1867)”, é um dos poucos estudiosos a sondar esse obscuro período escocês, que nos expõe uma pequena amostra da crueldade do ato:

*“... in Scotland landed property acquired a new value through the development of English industry. This industry opened up new outlets for wool. In order to produce wool on a large scale, arable land had to be transformed into pastures. To effect this transformation, the estates had to be concentrated. To concentrate the estates, small holdings had first to be abolished, thousands of tenants had to be driven from their native soil and a few shepherds in charge of millions of sheep to be installed in their place. Thus, by successive transformations, landed property in Scotland has resulted in men being driven out by sheep.”*¹⁶ (Marx, 1976, p. 173)

¹⁶ “... Na Escócia, as propriedades de terra adquirem um valor pelo desenvolvimento da indústria inglesa. Esta indústria abre novos canais para lã. Em função de produzir lã em grande escala, solos aráveis tiveram de ser transformado em pastos. Para efetivar esta transformação, as propriedades precisam estar concentradas. Para realizar isto, pequenas propriedades tiveram de ser abolidas, milhares de inquilinos tiveram de ser retirados de seu solo nativo e uns poucos pastores ficaram em cargo de milhares de ovelhas para serem instaladas nestes locais. Portanto, através de sucessivas transformações, propriedades de terras na Escócia resultaram em homens sendo expulsos por causa de ovelhas.” Tradução livre da autora.

Marx nos demonstra como, com o desenvolvimento da indústria inglesa incidiu diretamente sobre comunidades, vilas, assentamentos. Famílias e clãs, que possuíam seu cultivo da terra que habitavam, muitas vezes herdada de seus antepassados. Com o intuito de abastecer a indústria de lã, milhares de escoceses das Terras-Altas foram expulsos, muitas vezes sem outro local para se abrigar ou sobreviver, ou ainda transferidos para áreas costeiras de impraticável cultivo de alimentos.

Marx ainda cita as *clearances* como:

“The last process of wholesale expropriation of the agricultural population from the soil is, finally, the so-called clearing of estates, i.e., the sweeping men off them... But what ‘clearing of estates’ really and properly signifies, we learn only in the promised land of modern romance, the Highlands of Scotland. There the process is distinguished by its systematic character, by the magnitude of the scale on which it is carried out at one blow (...)¹⁷” (1996, p. 718-21)

O autor enaltece o assombroso acontecimento como o último processo de expropriação de população agrícola, e como se caracterizou fortemente pela magnitude do acontecimento, e que se seguiu por mais de um século. Muitas dessas famílias que sobreviveram emigraram para os Estados Unidos, Canadá e Austrália, e outras simplesmente ficaram à deriva, sem um destino claro.

É importante ressaltar que, apesar das *clearances* ocorrerem com mais intensidade pela supervalorização da lã, nos anos 1800, houveram outros diversos motivos secundários para o movimento, que se estendeu por mais de um século. Quando ouvi relatos das *clearances*, de moradores perto de áreas afetadas, que contam ainda com grandes ruínas de casas de pedras, que outrora abrigavam famílias inteiras, ouvi majoritariamente sobre o motivo-mor pastoreiro, a produção de lã. Porém, quanto mais escutava relatos, entre olhares distantes e palavras pesadas, ditas forte e lentamente, percebi, na verdade, um conjunto de circunstâncias e acontecimentos que formaram a expulsão dos escoceses das Terras-Altas.

E, mais que isso, é algo ainda remanescente, são ruínas ainda com vidas, ruínas nas quais andamos sobre, e que, como Toren (2012) nos diz, somos um produto transformador dinâmico do

¹⁷ “O último processo de expropriação em massa de populações agrícolas de seu solo é, finalmente, a chamada ‘limpeza de terras’, ou seja, a remoção de homens das mesmas... Mas o que ‘limpeza de terras’ realmente significa, nós prendemos somente na terra prometida de romances modernos, as Terras-Altas da Escócia. Ali, o processo é caracterizado pelas suas características sistemáticas, pela magnitude da escala em que ocorreu de uma só vez”. Tradução livre da autora.

passado por nós vividos, e situados, no presente, em relação aos outros e às relações sociais que possuímos. A história, então, por si só e para cada indivíduo, é um processo dinâmico que alimenta o presente, imprescindível para o diálogo e compreensão do agora.

Para compreender, então, o contexto histórico das *clearances*, precisamos nos atentar ao contexto pós-levante jacobita, de 1745. No ano seguinte, como resposta à derrota da revolta, e, segundo Foucault, com poder como “algo que se exerce, que se efetua, que funciona” (FOUCAULT, 2002), consolidou-se o Ato da Proscrição de 1746, com o intuito do Parlamento do Reino Unido para segregar, separar e reprimir as Terras-Altas escocesas e exterminar qualquer possibilidade ainda existente de revolta contra a Inglaterra. Este Ato se mostrou severo, com o intuito de abolir o sistema de clãs escoceses nas Terras-Altas, e indicavam prisão, e, em última instância, expulsão do país, para quem vestisse qualquer peça clânica, normais, como o *kilt*, ou qualquer roupa que indicasse seu clã pelo *tartan*. Ou, ainda, que estivesse em posse de armas, além de remover a autoridade feudal que os chefes dos clãs detinham, desmantelando de inúmeros modos o estilo de vida anterior que os moradores das Terras-Altas possuíam, eliminando também expressões únicas e culturais, muitas das quais se dissiparam com o tempo e com a repressão (RICHARDS, 1982). Esse ato chegou a ser abolido apenas em 1782, apesar de impactar ainda hoje a vida dos moradores das Terras-Altas.

Abolition and Proscription of the Highland Dress 19 George II, Chap. 39, Sec. 17, 1746:

That from and after the first day of August, One thousand, seven hundred and forty-six, no man or boy within that part of Britain called Scotland, other than such as shall be employed as Officers and Soldiers in His Majesty's Forces, shall, on any pretext whatever, wear or put on the clothes commonly called Highland clothes (that is to say) the Plaid, Philabeg, or little Kilt, Trowse, Shoulder-belts, or any part whatever of what peculiarly belongs to the Highland Garb; and that no tartan or party-coloured plaid of stuff shall be used for Great Coats or upper coats, and if any such person shall presume after the said first day of August, to wear or put on the aforesaid garment or any part of them, every such person so offending ... For the first offence, shall be liable to be imprisoned for 6 months, and on the second offence, to be transported to any of

*His Majesty's plantations beyond the seas, there to remain for the space of seven years.*¹⁸

Segundo Richards (1982), além do Ato de Proscrição, a dita primeira fase das *Highland clearances*, eliminou em massa inúmeros povoamentos no interior das Terras Altas, o que era o cerne do funcionamento das comunidades e propriedades que lidavam com sua produção de vegetais para sustento. Incontáveis destas comunidades foram dissipadas para a costa, trabalhando, então, com a indústria pesqueira e de algas-marinhas (produto em abundância nas costas, logicamente, e de bom valor para revenda); enquanto isso, os locais que anteriormente possuíam foram transformados nos grandes campos de pasto para ovelhas. Houve também uma intencionalidade por detrás dessa realocação para as costas, pois, visivelmente, a produção de vegetais e o cuidado de poucos animais não seria o suficiente para sustentar as famílias que lá viveriam, e então, estas procurariam empregos formais nas indústrias operantes, como a pesqueira ou a de construção.

A segunda fase consistiu na fase considerada mais cruel e radical do processo, na qual a população crescente das Terras-Altas se choca com a queda do valor dos produtos mais comercializados na região, os supracitados peixe, algas e lã. Isso culminou na expulsão em massa (sem realocação) de famílias das Terras Altas.

Trato, então, inicialmente, de relacionar a localidade dos moradores infortunados desse processo, como um fato social intrinsecamente frágil, como discute também Appadurai (2004). Mesmo em situações mais íntimas, confinadas, isoladas, a localidade precisa se resguardar contra diversos tipos de riscos, como o que tratamos aqui. As localidades estão necessariamente situadas em conjunto para com os sujeitos locais que as constituem; agentes que pertencem efetivamente a uma comunidade situada de parentes, vizinhos, amigos e inimigos. Ritos de passagem, de corroboração, de convivência, de agregação, sejam quais sejam, que ocorrem nestas especialidades,

¹⁸ Abolição e Proscrição da Vestimenta das Terras Altas: “A partir do primeiro dia de agosto, do ano 1746, nenhum homem ou garoto que viva dentro dessa parte do Reino Unido chamada Escócia, exceto empregados como oficiais e soldados integrantes da Força de Sua Majestade, poderão, sob nenhum pretexto, vestir ou colocar roupas comumente referidas como roupas das Terras Altas (o que significa): o *plaid*, o *kilt* e outras versões deste, calças, apoios de ombro ou nenhuma parte que seja que peculiarmente traga referência à vestimenta das Terras-Altas. E que nenhum *tartan* ou qualquer parte de tecido parcialmente colorida será utilizado para casacos ou abrigos, e se alguma pessoa, após o dito dia primeiro de agosto, vestir a vestimenta ou qualquer parte da mesma, toda pessoa a realizar este ato será deliberadamente ofensivo. Para primeira ocorrência, será aprisionada por seis meses, e, na segunda ofensa, será transportada para qualquer plantações intensivas além-mar de Sua Majestade, e lá permanecerá pelo tempo de sete anos.” Tradução livre da autora.

incorporam a localidade, além de localizar os corpos em comunidades definidas social e espacialmente (APPADURAI, 2004, p. 239). Comunidades estas que foram varridas do mapa segundo uma lógica capitalista, que aos poucos mostrava seus efeitos colaterais, nas Terras-Altas escocesas.

Situando-nos nas Guerras Napoleônicas de 1815, a Escócia, neste período, foi diretamente afetada na indústria de algas-marinhas, juntamente com o Reino Unido, as quais eram queimadas e utilizadas intensamente na produção de sabão e vidro. Aliando essa “improdutividade” e prejuízo dos senhores das terras com as famílias ditas como ‘improdutivas’, as batatas, que eram relativamente incomuns na Escócia, no início do século XVI, se tornaram rapidamente fundamentais, constituindo cerca de três quartos da dieta de muitas famílias, principalmente no oeste das Terras-Altas, e nas ilhas, como afirma Wormald (2005). E eis que a escassez de alimentos atinge estas populações, com a praga das batatas, mais famosa pelo acontecimento na Irlanda, em torno de 1850, que fez com que a maior parte da população emigrasse.

De acordo com Richards (2007), o mesmo ocorreu na Escócia, apesar de possuir menos notoriedade, e acabou por deixar cerca de três quartos da população das Terras-Altas em situação de fome extrema, mortes, o que fez com que várias famílias procurassem apoio em pequenos centros urbanos que se formavam, como Dundee, Glasgow e Edinburgh, contra suas vontades.

Os proprietários das terras acabaram por arcar com altos preços para tentar manter os moradores em suas terras, e a maioria foi à falência, ou participaram do movimento das *Clearances*, expulsando os moradores para realizar uma prática mais rentável, no caso, o citado pastoreio.

Um dos anos mais significativos e intensos deste movimento que deu vazão a uma intensa diáspora escocesa foi o referido ‘Ano das Ovelhas’, *Bliadhna Nan Caorach*, em gaélico, que ocorreu em 1792. Foi o ano em que, devido à massificação das *Clearances*, uma grande revolta se instalou na região de *Ross-shire*, região situada a norte de Inverness, a capital das Terras-Altas, onde foi altamente impactada pela destituição de comunidades ali antes presentes. Os antigos proprietários lideraram mais de seis mil ovelhas para fora dos pastos, mas os líderes do movimento foram presos e declarados culpados, apesar de posteriormente terem escapado.

Os efeitos das *Highland Clearances* são visíveis até hoje, com as Terras-Altas contando com uma população bem mais baixa devido a estes ocorridos e com uma distribuição populacional extremamente irregular em seu território. A população nunca chegou a ser a mesma desde aquela época, e existem regiões onde isso ocorreu de modo extremo, como no meio das Terras-Altas, região a qual atravessei, retornando das Ilhas de *Orkney*. Regiões isoladas, que contam apenas com ruínas na beira das estradas, e no topo de pequenos morros. Ruínas que já foram casas, que já

abrigaram famílias, que ali sobreviviam e cultivavam seu sustento, tinham suas riquezas, tanto materiais quanto culturais, e que dali foram removidas, em prol de progresso e desrespeito perante este estilo de vida, tido como atrasado.

Tentava compreender que, as pessoas dali expulsas foram tantas em incontáveis milhares que, em algum momento, os descendentes da diáspora das Terras-Altas eram maior em número do que os próprios residentes atuais da região. Percorri milhas com os olhos, vendo montanhas até perdê-las de vista, e também perdi a conta de quantos escoceses ali sofreram, e lutaram.

Essa contextualização histórica se dá por necessária pela grande influência ainda presente pelo povo escocês das Terras-Altas que cresce com um sentimento que, se necessário, denominaria de ‘nacionalismo’. Neste caso, cito o nacionalismo de Benedict Anderson (2008), que cita “uma comunidade política imaginada — e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.” (ANDERSON, 2008, p. 32). Estendendo seu pensamento, esta ideia de nacionalismo seria imaginada porque seus membros em sua totalidade não se conheceriam e se encontrariam todos, e limitada, pois possuiriam fronteiras finitas, geográficas, e, por fim, soberana por ser laica e independente de uma dinastia.

Os escoceses das *Highlands* se identificaram perante este conceito, mas sem acessá-lo diretamente. Como o próprio Anderson (2008) afirma, diz-se de uma comunidade imaginada, que não se encontra presencialmente (pelo menos não em sua totalidade), mas isso não impede desse conceito existir, quase como que flutuante, pelas Terras-Altas, mas além, ainda, pela Escócia. Um fator determinante para esta construção seria a língua, articulada em comum, no caso, o gaélico, mesmo que com diferenças regionais. A partir do momento em que a língua foi proibida de ser ensinada, falada e utilizada, os alforjes da nacionalidade não se afrouxaram; diria mesmo que se fortaleceram.

3.3 *Brexit*

Para além de uma contextualização histórica, faz-se necessário também uma contextualização do presente. Ao falar de datas que nos remetem a trezentos anos atrás, normalmente consideramos estes dados como superados, passados. O que retrato aqui nestas seguintes páginas contradiz isto, e mostra que, ainda que de formas sutis (ou não), a Escócia ainda

sofre, como membro do Reino Unido, uma subordinação e dominação inglesa. Segundo Weber, “a dominação (‘autoridade’) assim definida pode basear-se nos mais diversos motivos de submissão: desde o hábito inconsciente até considerações puramente racionais” (WEBER, 1999, p. 140), podendo ocorrer na delicadeza de situações cotidianas, corriqueiras.

Excedendo aqui a sutileza, elucido uma questão sobre a situação pós-colonial, ainda que, efetivamente, a Escócia não tenha sido uma colônia da Inglaterra, mas sim integrado seus parlamentos e governabilidade, forçosamente, e que isso tenha ocorrido depois de mais de um século de lutas: “A que lugar pertencem as culturas híbridas do pós-colonialismo? Será que o encontro colonial cria uma ‘cultura nova’ nos países colonizados e colonizadores, ou será que ele desestabiliza a noção de que nações e culturas são isomórficas?” (GUPTA & FERGUSON, 2000, p. 33).

Após os levantes jacobitas, todas as outras guerras e confrontos por independência que ocorrem e foram suplantadas, após as *Highland clearances*, e políticas não inclusivas para com as Terras-Altas, muito do que antes nos referíamos como laços de parentesco, culturais, sociais, políticos, nas Terras-Altas, especificamente, foram destituídos de seu lugar, destruídos, alterados e mascarados, suprimidos e arrancados. A noção de parentesco, clânica, perdeu-se como referencial-mor de relações sociais, inúmeras comunidades e vilas foram destituídas de território, unidade e subsistência. A diáspora escocesa para os Estados Unidos, Canadá e Austrália, além dos países mais próximos, como Irlanda, País de Gales, teve números assombrosos, contando com mais de dois milhões de escoceses emigrando do país, muitas vezes, sem chance de retorno (BUELTMANN, HINSON & MORTON, 2013, p. 57).

Considerando, ainda, a dinâmica rural das *Highlands* antes das *clearances*, como realmente pesar o impacto, a perda e o emocional decorrentes destes acontecimentos, desde sua ocorrência, até os dias de hoje, e como estes perduram? São questões para as quais não possuo respostas, mas aqui

enalteço a importância de elucidá-las, de fazer com que estas questões sejam explicitadas, pois são vivas e presentes no cotidiano dos escoceses das Terras-Altas.¹⁹

3.3.1 O presente

Lentamente, pude perceber — e testemunhar — pequenos grandes gestos que ainda carregam resquícios dessa dominação inglesa. Não é fácil encontrar produtos em supermercados com a bandeira escocesa, ainda que os produtos sejam provenientes da Escócia. Utiliza-se a bandeira do Reino Unido e qualquer utilização da bandeira escocesa atribui ao indivíduo que a utiliza uma conotação de extremista que prega apenas a independência do país; o que não necessariamente se concretiza.

As leis que muitas vezes tramitam no governo britânico não correspondem à realidade escocesa. Já me disseram nas Terras-Altas: — como alguém que vive a realidade cosmopolita de Londres pode remotamente compreender nossas necessidades, demandas e serviços ausentes aqui nas Terras-Altas? A centralização do poder, ainda que o governo escocês possua um parlamento próprio, mas de pouca influência se comparado ao inglês, diminui as possibilidades de melhorias para os locais, principalmente nas regiões mais isoladas, que realmente atendam a demandas e pedidos eficientes da população — a proposta inicial de qualquer governo. Por mais que exista de fato um governo atuante, várias vezes, principalmente as Terras-Altas, não possuíam

¹⁹ A título de conhecimento, citando brevemente, a República da Irlanda, país independente, sofreu processos históricos bastante semelhantes aos da Escócia. A praga das batatas, a forçosa emigração para países além-mar, resultando na diáspora irlandesa, dizimação de vilas e famílias inteiras e a constante repressão inglesa da língua nativa, costumes e conhecimentos denotam uma relação de dominação da Inglaterra. Após inúmeras revoltas e sangrentas insurreições, a República da Irlanda conquistou sua independência na Guerra de Independência Irlandesa (1919-21). Há inúmeros pontos em comum entre a Irlanda e a Escócia, incluindo a língua nativa (gaélico, apesar de serem vertentes distintas), o costume de dança e música tradicionais, *Ceilidhs*, sendo bastante comum ouvir músicas irlandesas em *pubs* escoceses, com o inverso também se aplicando; escutei de ambas as partes, escoceses e irlandeses, que ambas as nações eram como “primas de cultura celta”. Na Irlanda, onde tive o privilégio de também me voluntariar em comunidades rurais, mas aqui não me delongo muito no assunto, a língua *Irish* (o gaélico irlandês) é aprendida como 2ª língua de todo irlandês nas escolas, o ensino musical tradicional e danças são incentivados desde a infância, com festivais musicais ocorrendo em diversas partes da ilha durante todo o ano, e a história irlandesa, os costumes e tradicionalidade locais são mais palpáveis e vivenciados no dia a dia. O nacionalismo irlandês não possui uma conotação política carregada, como no caso da Escócia, apesar da fronteira entre República da Irlanda e Irlanda do Norte ainda guardar rancor por conflitos religiosos. Nessa breve nota de página apenas tento ressaltar, lembrando e considerando suas devidas diferenças e semelhanças, que temos um exemplo bastante próximo geograficamente e similar ao da Escócia, de dominação inglesa, em que a independência permitiu mais livremente a vivência e transmissão de língua, valores, costumes e história irlandeses que, se ainda estivessem anexados à Inglaterra, talvez hoje não fossem experienciados da mesma forma.

representatividade ou ação intensa, muitas vezes retomando o conceito de Clastres (2003) sobre as sociedades sem estado, que se autorregulam. No caso, o Estado existe, mas não alcança efeito majoritário nestas regiões. Segundo Clastres, “para garantir um domínio do meio natural adaptado e relativo às suas necessidades” (CLASTRES, 2003, p. 133) seriam as Terras-Altas adaptadas para sobreviver de acordo com suas próprias regras e modelos, considerando que as leis de Londres seriam díspares e não levariam em conta a realidade vivida nas *Highlands*.

Aliado a isso, existe até hoje marcas profundas das proibições da época — os escoceses usam o *kilt* apenas para ocasiões especiais, quando o usam, e a língua tende à extinção, com mais ou menos 2% da população falante. Articulando essa porcentagem com a falta de escolas que introduzem o gaélico ao dia-a-dia, muitas vezes estuda-se — quando disponível — uma língua que pouca utilidade prática se tem, desmotivando seus falantes.

A identidade cultural de um povo, com suas inúmeras marcas e expressões, permeiam discursos culturais e históricos, e muitas vezes podem ser um item-chave para a dominação política, como no caso dos escoceses e ingleses. Ao mesmo tempo, esses traços culturais mantêm-se fortes, como um forte e rígido punho fechado que opõe e domina, mas que inevitavelmente deixa escapar por entre os dedos as manifestações culturais que tenta abafar, que perduram. Segundo Hall (1998), “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento” (HALL, 1998, p. 70).

Apelando para as mídias, a série recente veiculada na televisão chamada *Outlander*, produzida pela *Sony Pictures Television*, trata de um romance histórico datado na mesma época do Levante Jacobita de 1745, tratando temas bastante pertinentes, além de relatar a crueldade e violência que os ingleses trataram os escoceses durante esse período. Na época de estreia, acontecia simultaneamente o referendo de independência da Escócia, mais precisamente em 2014, no qual a votação acirrada demarcou 55% de votantes para o fim do movimento, devido também a medos e promessas infundadas de perdas de emprego e decadência do país, caso a decisão se firmasse de forma positiva. Em meio a esse tumulto do referendo, a série *Outlander*, que, teoricamente, deveria ter sua estreia em 2014, demorou dois anos até ir ao ar primeira vez nas televisões britânicas, alegando conteúdo inapropriado e tendencioso — sendo que tratou-se fielmente de eventos históricos acontecidos a menos de 300 anos atrás. O *The List UK* (abril de 2015), um jornal de alcance digital no Reino Unido, endossou esse argumento ao lançar uma matéria questionando o atraso de *Outlander* nas televisões britânicas, na coincidente data do referendo de independência.

Como meu período na Escócia deu-se também em uma votação decisiva para todo o Reino Unido, o referido *Brexit*, que indicaria a saída do Reino Unido da União Europeia, este voto resultou em impactos das mais variadas proporções e alcances. Quando cheguei ao país, cerca de um mês antecedendo as votações, todos os escoceses das Terras-Altas, nas comunidades rurais onde vivi, convivi e conversei a respeito, sem exceção, eram contra a saída da Escócia da União Europeia. Os benefícios se encontram muito maiores mantendo-se dentro desse acordo, com abonos comerciais, incentivos a locais isolados, rurais, a produções e regulamentações locais provenientes da União Europeia e a livre circulação de pessoas dentro desse acordo, entre outros aspectos.

Chegando o fatídico dia, em que tornou-se decisiva a saída do Reino Unido da União Europeia, por voto popular, chegou-se também à ira geral do país. De acordo com o site *BBC (British Broadcasting Corporation, 2016)*, os quatro países que constituem o Reino Unido, apenas a Inglaterra e o País de Gales possuíam a maioria de votos para a efetuada saída da União Europeia. A Irlanda do Norte mantinha-se dividida, mas com uma maioria também para permanecer, e a Escócia foi a com o resultado mais díspare — 62% da população votou para permanecer no bloco da UE, sendo o percentual ainda mais alto se considerada apenas a região das Terras-Altas. Porém, esse alto percentual não representa uma voz expressiva na contagem geral, considerando que toda a população da Escócia, 5.2 milhões de habitantes, não engloba nem ao menos a população de Londres, que alcança os 9 milhões, ou, ainda a da Inglaterra, que passa dos 53 milhões (BBC, 2016). Ao passo dessa colossal diferença populacional, é de se esperar que, sem tomadas as devidas decisões de proporções de tamanhos populacionais — o que não é feito —, a Escócia chega a ficar sem voz para vários assuntos e questões pertinentes também ao seu próprio território.

A busca da herança escocesa estende-se até o último desdobramento aqui explorado, o sentimento de *longing* dos escoceses.

4. LONGING

Tratando agora do bucólico termo *longing*, traduzido para anseio, saudade, e ainda, nostalgia, introduzo a temática musical e os encontros comunitários, por estarem intimamente conectados. *Longing* seria a emoção que perpetra o imaginário e se materializa na relação comunitária, de modo tanto material quanto imaterial.

Nas localidades em que explorei pelas Terras-Altas e ilhas a oeste e norte, pude observar alguns elementos que congregam toda uma população para um local em comum, que incitam a sociabilidade, realizando uma confraternização local, geralmente semanal, nas sextas-feiras e finais de semana.

Quando falamos sobre identidade, estabelece-se como costume determiná-las como estáticas, homogêneas e exatas. Hall (1998) discute sobre identidade com suas descontinuidades, fragmentações, inconstâncias e rupturas, não havendo mais um centro único de poder ou referência, dando vazão a uma pluralidade deles. É nesta pluralidade que me apoio para construir o arcabouço que aqui desenvolvo. A partir desses conceitos, discuto sobre híbridos, fluxos identitários, mesclando-se, encontrando um denominador comum espacial entre estas diferenças; um local que carrega significados a partir de seus participantes, que o significam.

Apresentando sobre as *Highlands* e sobre meu percurso nestas terras altas, conheci inúmeras pessoas, muitas das quais conversei longamente, criei laços, trabalhei, bebi e partilhei músicas, passei tardes chuvosas tomando chá, e muitas outras que, fugazmente, cumprimentei e/ou troquei alguns minutos de conversa; as interações se diferenciaram em todos os níveis, e, claramente, as pessoas também. Considerando esta pluralidade, adentrar um local em que você perceba as diferenças postas de lado, e um momento que floresce em comum para os ali presentes, apesar de suas distintas identidades, é, no mínimo, impressionante.

Falo aqui dos famigerados *pubs*, mas estes não se sustentam sozinhos nesta afirmação. Abordo um conjunto de fatores, materiais e imateriais, que se explicitam nesses espaços. A música, as letras das mesmas, as *pints*, tradicionais canecas preenchidas de mais de meio litro de cerveja fresca, o aconchego do ambiente fechado, os grandes e volumosos cães circulando, o (recorrente) pouco espaço disponível, as conversas corriqueiras e as importantes, discussões sobre previsões de tempo — tudo tem espaço, ironicamente, nestes locais tão apertados.

Em uma medida, procuro interligar essas materialidades e imaterialidades a conceitos simbólicos e ritualísticos, como estes se encaixam na (con)vivência dos *pubs* das Terras-Altas escocesas, onde existem trocas que se classificariam muito mais amplamente do que apenas trocas

materiais, como afirma Mauss (1974); toca-se o intangível, o invisível das relações. Percuro este terreno para adentrar na relação ritualística presente nos *pubs*; mais precisamente, um rito social de coletividade, que abarca estas diferenças para chegar a um híbrido identitário coletivo, que representa partilha deste momento e desta espacialidade. Este híbrido, que seriam processos socioculturais em que estruturas e práticas, que antes existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos ou práticas, de acordo com Canclini (2014).

4.1 Redes comunitárias

As reuniões acontecem nos bares, os tradicionais *pubs*, construções aconchegantes (geralmente não muito espaçosas) e fechadas, devido ao clima frio e ventos constantes da região. Raramente, no verão, colocam-se poucas mesas de madeira em uma área externa, mas são poucas as pessoas que se aventuram ali; estas estão justamente procurando o conforto do *pub*, espremidas entre mesas, cadeiras, cachorros, garçons, músicos e o balcão de bebidas, bebendo geralmente uma cerveja fresca recém envasada no barril.

Antes de adentrar mais profundamente na discussão em questão, sinto-me compelida a explicar a razão da utilização da palavra *pub*. Esta difere do termo *bar*, como poderia talvez ser um equivalente na língua portuguesa, o que não acontece. Na língua inglesa, existe também a palavra *bar*, com significado similar ao nosso, e ambos diferem do termo *pub*. Primeiramente, *pub* deriva de *public place* (local público), um local onde não se paga para entrar em nenhuma hipótese (todos podem entrar) e, em seu interior, existe uma conotação implícita, não dita, de interação. Não consigo me lembrar de nenhum *pub* que adentrei que contasse com uma televisão em seu interior, ou longos corredores e extensas mesas, o que vi frequentemente em bares. Os *pubs* sempre são locais aconchegantemente restritos, sem televisores, com a invisível promessa de música ao vivo: as *music sessions*, *seisiún*, em gaélico, que serão exploradas adiante.

Enquanto os bares se estruturam muitas vezes com shows pré-programados de bandas formadas, os *pubs* dependem de informais encontros que começam a existir no momento em que pessoas chegam no local, podendo ser duas, dez, ou vinte pessoas na noite, sem um compromisso firmado previamente. Os encontros musicais podem tanto ocorrer de forma informal, espontânea, ou um *pub* acaba por “patrocinar” uma *session*, que passa a ocorrer com certa regularidade em seu interior, oferecendo cervejas gratuitas para os músicos, como um leve incentivo para a continuidade destes encontros. Essas são umas das nuances do imaterial, da troca atrelada e invisível que existe

nestes encontros, agenciadas primariamente pelo desejo do coletivo e da emoção (MALINOWSKI, 1988).

Esses encontros excedem em muito o consumo de bebidas alcoólicas em um local; eles estruturam a construção e a formação de uma identidade cultural, que não é em nenhuma hipótese fixa e/ou rígida, sempre transitando, fluida, alterando-se pelo tempo e circunstâncias, flexibilizando-se de acordo com quem a constitui, estando fortemente conectada com fatores culturais, temporais, políticos, entre outros. Retomando o conceito de Gluckman (2011) de que ritos (sociais) permitem a expressão de emoções que são reprimidas, deslocaria a afirmação não necessariamente para uma repressão de emoções, mas sim, para uma libertação, exploração, permissão de emoções que não são tão demonstradas no dia-a-dia. O álcool, como um fator catalisador para o relaxamento de categorias que antes podem se mostrar um pouco rígidas, coibidas a terem um papel menor na ‘normalidade’ — que seria um maior decoro para com as conversas, com o tom de voz ou com quem se conversa —, abre portas para intensificá-las durante estes rituais, quebrando algumas barreiras iniciais de timidez e contenção dos envolvidos.

Um dos fatores que corroboram para que estas categorias sejam menos rígidas seria o isolamento geográfico de muitas vilas e comunidades rurais, que nos encontros nos *pubs*, teriam referências de espaços que promovem a sociabilidade. Estes, geralmente dispostos em um local de intersecção entre várias vilas, afastadas umas das outras, cria uma grande e flexível rede, um ponto de encontro, comumente situado em um ponto médio de distância comum entre vários vilarejos próximos. Melucci (1996) demonstra como essas identidades culturais se estruturam e se constituem a partir de redes de apoio; redes que cultivam identidades culturais que se desprendem do individual e eludem o coletivo, trabalhando com o simbolismo atribuído ao social, o rito, de acordo com Malinowski (1988).

Latour (1994) também situa o contexto de rede como um conjunto de conexões definidas por agenciamentos internos plurais, e sem limites externos; iniciando-se como agentes internos e, não limitados a essa condição, transbordam e desmembram-se em outros fatores, coletivos, sem limitações, agindo em sua multiplicidade de determinações e dimensões que tocam um universo heterogêneo de relações sociais.

4.2 *Music Sessions*

Antes de adentrar ainda mais este território musical e de agregação social, sinto-me compelida a comentar de forma mais explícita o que seriam as *music sessions*, e como estas operam

nas Terras-Altas deste país úmido e frio. Para isto, utilizarei como auxílio tanto minhas vivências, conversas e experiências no trabalho de campo, quando registrei o funcionamento quase intuitivo das *sessions*, quanto a minha própria inserção nas mesmas, o que reitera a teoria de sociabilização presente nestes locais. Devido à escassez de bibliografia sobre o assunto, sendo a maioria das informações veiculadas informalmente, no boca-a-boca, apoio-me no livro de Barry Foy “*Field Guide to the Irish Music Session*” (2009) que, guardadas as devidas diferenças e proporções entre música tradicional escocesa e irlandesa, e todas as outras distinções e ressalvas entre os dois países vizinhos, aplica-se aqui com vários paralelos semelhantes e cruciais para compreender o formato de como as *music sessions* operam.

Geralmente, às sextas-feiras, as noites no *pub* acontecem, com uma presença quase certa de vários moradores locais. Estes, todos amontados em um pequeno espaço, que conta ainda com o balcão para bebidas, os barris de cerveja fresca por detrás do mesmo, e um espaço para os músicos, não se importam de se espremerem entre si entre pequenas mesas de madeira, para vivenciar este momento. Todos os *pubs* onde adentrei eram também amigáveis e permissivos para com os cães, o que se chamava *dog friendly*. Todos poderiam, então, em potencial, para não deixar o seu cão sozinho em casa, levá-lo para o *pub*, quando o felpudo faria novas amizades com outros cães que outros moradores certamente levariam até o *pub*. A mais agradável sensação instalava-se em dias chuvosos, quando todos adentravam o local, arrancando seus capotes e casacos encharcados, colocando-os de lado, e os cães sacudiriam lenta e gentilmente seus pêlos, espalhando água em todos do recinto, junto com notável aroma, uma mistura de lama, mato, umidade e pelos caninos. Chegava a ser cômico observar um local com tão pouco espaço contar ainda com enormes cães transitando entre as cadeiras e mesas, de forma tão natural e corriqueira, que ninguém parecia mais notar ou se importar.

Os músicos tocam em uma roda (quando o espaço não é limitante) e permitem a participação de todos e todas que se sentirem à vontade para tocar ou partilhar mais músicas com o círculo, que se abre e toca para todos os presentes. A proposta das *sessions* costuma ser uma reunião de músicos tradicionais com o propósito de celebrar seus interesses em comum na música, tocando conjuntamente em um ambiente relaxado, informal. Como Foy aborda (2009), existe, simultaneamente à *session*, o ambiente dos não-músicos, que partilham deste ambiente informal e relaxado com diversas conversas, interesses, ou apenas apreciando o contagiante som e saboreando sua bebida.

As canções sempre variam, revelando a imprevisibilidade destes encontros, explorando desde músicas tradicionais escocesas, músicas populares, música *folk*, e, quando estava lá, uma

(bem) pequena amostra de música brasileira também foi incluída no repertório local. Geralmente, os instrumentos que compõe a *session* são o violão, acordeão, violino, flautas, concertina, *bodhrán* (instrumento de percussão), banjo, mandolim, mas essa lista sempre está em aberto, dependendo de quem adentrasse.

A música, na cultura escocesa, forma-se como um meio importante para a expressão e expansão cultural. Muitas das canções evocam as belezas naturais do país, temas cotidianos vividos por eles, como o clima ou a vida no campo, e um sentimento de melancolia, reincidente sobre questões históricas ainda vívidas.

A música *per se*, definida como combinação harmoniosa e expressiva de sons, abarca, no caso das *music sessions*, uma expressão sem uma obrigatória bagagem técnica musical. Não são poucos os que tocam pelo famoso “*know it by heart*”, que seria tocar se guiando apenas pelos sons, acordes e combinações musicais, mas sem necessariamente conhecer a fundo partituras; muitas vezes sem nenhuma teoria musical. Segundo Foy (2008: 14), “nas *sessions* estrutura-se o momento em que a música respira e vive; onde flexiona seus acordes, cordas e sopros, e experimenta novos sons, sem a rigidez ou a expectativa da perfeição”.

A música tradicional escocesa tecnicamente precisa existe, mas o local onde é tocada não é nos *pubs*. Nestes locais, as pessoas tocam pela oralidade das músicas, muitas vezes sem saber ensiná-las por meios tradicionais ou por partituras. Nessas sessões musicais, nenhum músico lê as músicas, ninguém tem papéis em mãos ou luta para decorá-las, abrindo a oportunidade também para improvisos e solos, sobretudo quando se esquece determinada parte da música. Ou se sabe a música já decorada em seu coração, ou não se sabe. O ambiente descontraído seria completamente alterado se fossem adicionados papéis, partituras e referências musicais em meio às rodas comunitárias. Segundo Geertz (1983), a arte, seja esta musical ou não, não deve ser julgada apenas por sua técnica e rigidez de *performance*, mas também como demonstração da textura cultural de um povo, e também suas diferentes camadas.

No caso das *sessions*, adentro uma camada de sociabilidade que é acionada a também partir da musicalidade destes encontros, sendo os participantes músicos e/ou não. A flexibilidade e maleabilidade dos músicos ressalta a importância do encontro por si só, sem rigidez ou tensões; encontrando, assim, o momento semanal onde se relaxa, conversa, convive, trocam-se experiências e acontecimentos, fofocas (que se estendem por milhas e milhas...), sorrisos, eventuais paqueras, amizades, enfim, onde diversos e heterogêneos fluxos identitários tão distintos entre si se encontram e partilham suas diferenças, encontrando um denominador comum, naquele momento musical.

Em uma das camadas de interações existentes, compreende-se também a dinâmica operada nestes círculos musicais. Para ponto de partida, um dos músicos inicia uma *tune* — geralmente conhecida do repertório habitual, de uma maioria ou de todos — e todos ‘adentram’ nela, tocando em harmonia. A *tune* é termo referente a tudo que se toca, e *song*, a tudo que se canta e toca ao mesmo tempo, ambas geralmente se intercalam, com proeminência de *tunes*. Quando se toca uma *tune* geralmente se repete a mesma três vezes antes de prosseguir para a próxima (FOY, 2009), quando geralmente, sem muito aviso, mas com a silenciosa permissão de todos, outro músico inicia outra *tune* na sequência, e assim sucessivamente.

Não existe uma ordem de músicas a serem tocadas, ou quem as iniciará, mas isto aparece de forma natural e orgânica, fluindo de acordo com a noite, e nenhum músico parece se preocupar com isso. As pausas também ocorrem de modo semelhante, e indicam: “*a pause between bouts of playing is a sign of ease and confidence on the musician’s part. It’s their opportunity to catch their breath, have a drink of beer, light up a cigarette, chat with the person next door, tune up*²⁰ (...)” (FOY, 2009: 45). Foi durante essas pausas que conheci o termo ‘*tak’ a dram*’, que significa tomar uma dose de alguma bebida, geralmente uísque, mas que surgiu do *Drambuie*, especiaria escocesa, uma bebida altamente alcoólica que consiste de uma mistura entre uísque, mel e ervas finas, com a receita sendo um segredo de família, até hoje não revelado.

Estas pausas fazem parte da *session* como um todo, e são tão importantes quanto o momento em que a música se desenvolve. Como ressaltado, essas sessões musicais realizadas nos *pubs* não são acontecimentos puramente musicais, pelo contrário, marcam-se pela interação social, conversas e, em nenhuma hipótese trata-se de uma competição musical. Alguém que se glorifica tanto com sua própria música e técnicas, que não consegue nem olhar nos olhos dos outros músicos, perdeu já há muito, o propósito das *music sessions* (FOY, 2009).

Dito isso, o fato dos músicos estarem com instrumentos musicais no local não os impelem obrigatoriamente a tocá-los. Por vezes, podem livremente optar por não tocá-los, dependendo da música em questão, ou pelo simples bel-prazer de não o fazer, e apreciar sua *pint* e animadas conversas ao invés disso. O fato da *music session* ser um encontro flexível e informal não impõe a ninguém o dever de tocar, sendo suscetível tanto aos humores dos ali presentes, quanto aos seus desejos e vontades.

²⁰ “Uma pausa entre turnos de música é um sinal de relaxamento e confiança da parte dos músicos. É a oportunidade deles de recuperar o fôlego, tomar um gole de cerveja, acender um cigarro, conversar com a pessoa próxima, afinar os instrumentos...” Tradução livre da autora.

Por vezes, quando os músicos não são familiarizados com a nova música, estes observam o ritmo e a cadência da mesma e tocam acordes básicos, acompanhando-a, ou quem a iniciou a toca inteira e todos marcam apenas o ritmo no improvisado, de acordo com sua percepção, e, ao acabar, outro da roda inicia uma nova canção. Novas e antigas *tunes* e *songs* adentram no repertório, dependendo dos músicos, dos novos integrantes, convidados, e vontade dos presentes, não obedecendo a nenhuma regra (apesar de que, inevitavelmente, algumas músicas são sempre favoritas e, portanto, frequentemente requisitadas).

Entre diversas *tunes*, *songs*, intervalos, conversas, não há uma duração específica. Algumas noites, permanecia nos *pubs* até nos enxotarem de lá às duas da manhã, enquanto que, outras vezes, às onze da noite o *pub* já se esvaziava aos poucos, permanecendo apenas os mais entusiastas, mas que, aos poucos, também lentamente retornavam às suas casas.

Importante ressaltar que, ao encargo das *music sessions* está sempre disponível o grande montante de material que evoca a tradicionalidade escocesa, de músicas gravadas, reproduzidas e disseminadas no interior da Escócia e no exterior, e que trouxe notabilidade para o país, e também para estas regiões mais inóspitas. Um grande exemplo deste material que foi gravado e reproduzido é a *Taigh na Teud*²¹, uma instituição familiar situada na Ilha de *Skye* que escreveu, documentou, compilou e distribuiu inúmeros livros, impressos e digitais, sobre teoria e prática de música tradicional escocesa, que estavam presentes, intrínsecas, na oralidade, mas que não estavam documentadas a título de maior disseminação e alcance desses materiais.

A partir das *sessions* se estruturou por incontáveis anos até o presente um massivo registro de músicas tradicionais, que foi passando de geração a geração, por entre famílias, amigos, conhecidos e visitantes, músicas, melodias, *songs* e *tunes*, que muitas vezes se misturam por entre nomenclaturas, ou são ilustres desconhecidos sem nome, mas que todos lembram ao evocar os primeiros acordes e seu ritmo. Passou a ser um registro tanto sonoro quanto físico, que surge de um encontro de confraternização, sem regras fixas, mas com um respeito e familiaridade que acabam por estruturar todo o encontro — uma disciplina que surge naturalmente, da relação dos músicos com a música: uma familiaridade minuciosa e respeitosa para com a mesma (FOY, 2009), e que se estende ao ambiente do *pub* e aos que o frequentam: uma receita que funciona pela proximidade, troca, reciprocidade, de favores invisíveis, que tangenciam e moldam o social; essa rede que se estende em uníssono, apesar de heterogênea em seus participantes.

²¹ Disponível online em: <https://www.scotlandsmusic.com>

4.3 O acolhimento

Adentrei, inicialmente de forma tímida, juntamente com meu parceiro, nessa roda musical. Munidos de acordeão e o *bodhrán* — instrumento de percussão celta, arredondado, feito com couro de bode, já tocávamos e aprendíamos músicas tradicionais escocesas ainda no Brasil, devido ao nosso grande interesse pelas mesmas. Além disso, “ouvir e aprender a ouvir a sonoridade dos outros significa entendê-los melhor, da mesma forma que entender as sonoridades alheias vai fazer com que entendamos melhor o nosso meio ambiente sonoro também, reconhecendo e respeitando alteridades” (OLIVEIRA PINTO, 2001, p. 275). Ao deslocar minha percepção sonora para aquele ambiente, com aquelas pessoas, com aquele contexto, transitei entre alteridades, a minha e a deles, sem saber mais qual pertencia a quem. A entrega do momento vivido, experienciado e sentido, a afetação, a compreensão da maleabilidade, informalidade e importância daquela confraternização só se fez possível ao aprender a ouvir a sonoridade que me era apresentada.

Grandes são o respeito e deferência sentidos por mim em relação aos escoceses. Tocava as músicas com paixão e muitas vezes cantava as doloridas letras em plenos pulmões, como todos no recinto. Receber uma música com lágrimas e respeitá-la, com todo o envolvimento com a letra e seu mais profundo significado, aliado a um grupo de indivíduos que a considera especial e singular. Como cita Merriam (1964), “(...) *Music cannot be defined as a phenomenon of sound alone, for it involves the behavior of individuals and groups of individuals, and its particular organization demands the social concurrence of people who decide what it can and cannot be.*” (MERRIAM, 1964, p. 27).²² A música, portanto, se constrói como um fenômeno de interação social, feito de pessoas e para pessoas, coletivamente e popularmente, e estes próprios indivíduos determinam o que a música significa e/ou pode significar, ou não. Instala-se, então, um rito social apaziguador e unificador, pelos os próprios indivíduos que o constituem.

É, muitas vezes, ouvir o primeiro acorde de uma música e estremecer todo seu corpo, pelo significado que esta possui no ambiente em que se situa, e nas pessoas que a tocam e os que a acompanham. É estar ciente deste contexto e necessitar de mergulhar no mesmo, estremecer quando todos vibram em uníssono em um mesmo cômodo; quando uma melodia te toca de questões que você nem sabe quais sejam, e talvez nem sejam importantes, mas você aceita e debulha-se ao seu redor, com as companhias próximas a você.

²² “Música não pode ser definida como um fenômeno sonoro isolado, pois envolve o comportamento de indivíduos e de grupos de indivíduos, com sua particular organização que demanda socialmente decidir o que pode e o que não pode ser.” (MERRIAM, 1964) Tradução livre feita pela autora.

Há também uma dualidade nestes ambientes. Ao adentrar esses locais, que geralmente são frequentados pelas mesmas pessoas, eu era sempre logo identificada como o elemento novo dali. Depois de algumas conversas introdutórias e algumas músicas partilhadas e tocadas, alegrando o círculo musical, sempre me deparei com a seguinte questão: “*watcha would’ye like th’drink?*” (o que você gostaria de beber?). Essa pergunta, que já denota em seu questionamento uma afirmação do meu desejo de beber, se respondido com uma recusa, eu certamente assassinaría uma parte da cordialidade e hospitalidade escocesa. Como diz Geertz (1973), do mesmo modo como devemos diferenciar uma piscadela sutil de um piscar mecânico, constatei que os escoceses, ao me oferecerem uma bebida nos *pubs*, não a acompanhavam segundas intenções, e em nenhum momento me diferenciaram pelo meu gênero, pois perguntavam igualmente ao meu parceiro. Esse oferecimento concedia a mim e ao meu parceiro a “oficial” integração ao círculo de conversas, bebidas e músicas daquele local.

A hospitalidade, que transparece em costumes de bem-receber o outro em uma comunidade já existente, é um conjunto de leis muitas vezes invisíveis e não escritas, que aproxima pessoas e promove, assim, a reciprocidade (CAMARGO, 2004). Essa hospitalidade também pode ser interpretada a partir de uma filiação, como a consolidação de uma aliança (LEVI-STRAUSS, 1967), o que implica automaticamente em uma relação recíproca, que pode tanto ser demonstrada como uma receptividade de uma troca física ou uma permissão em um círculo social existente, oscilando entre reciprocidades materiais e imateriais, integrando socialmente quem chega e experimenta da mesma, como expresso por Mauss (1974).

Como um convite, esta hospitalidade, que fazia com que um ambiente distante e inicialmente estranho para mim se tornasse familiar e aconchegante, mostra de fato a hospitalidade com que era recebida. Esta gentil e inclusiva dinâmica me acompanhou por vários centros comunitários, com dinâmicas semelhantes, e *pubs* por onde adentrei: inevitavelmente, as vivências, as rodas musicais e o calor do momento encontram-se nesses locais, em conjunto com a hospitalidade. Adentrava os locais como uma forasteira e incluía-me à medida que a música e a roda de gentilezas se instalava; principalmente ao verem uma entusiasta das músicas escocesas, sempre cantadas com tanta paixão. A *music session* de *Fortingall*, nos arredores de *Loch Tay*, foi o local de sessões onde fui com mais assiduidade e constância, e pude perceber como a receptividade e carinho aumentavam, à medida também em que conhecia mais o repertório local, me aventurava mais a cantar e puxar novas canções, e me inteirava com frequência dos acontecimentos recentes, como carros que deslizaram da estrada, congestionamentos causados por ovelhas na estrada, previsões do tempo desastrosas, entre outros.

A recusa de cerveja não consta em minhas experiências, e fico feliz de ter sido questionada e sempre aceitada. Após esse informal convite, sentia-me integrada naquele círculo que se formava, que genuinamente se criava e expandia, incluindo-me sem pestanejar. Senti-me participante desses círculos de trocas invisíveis, esparsas e gentilezas inclusivas, e recusar seria renunciar a minha inserção nestes ambientes dadivosos, como diz Mauss (1974), em “Ensaio sobre a dádiva”.

Como um fio invisível, os *pubs* carregam uma denotação a todos que o habitam, naqueles momentos de sessão musical. Os integrantes que tocam as músicas, os que as ouvem, os que apenas partilham uma cerveja — a tradicional *pint*, 568 mililitros de cerveja fresca do barril —, naquele momento, escolhem partilhar as vivências. Seja para intermináveis discussões sobre o clima, e as próximas previsões de tempo — além das previsões pessoais —, como a horta está progredindo, como os animais estão, sobre a música em si... Todas essas conversas, no momento descompromissado de beber uma *pint*, recostar-se em uma cadeira no confortável ambiente, reforçam ainda mais esses laços, essa força que rege o espírito escocês e os mantém fortes e unidos, apesar das intempéries e dificuldades enfrentadas pelos mesmos. Apropriando-me dos conceitos de Durkheim (1989) relacionados à religião, associo a relação dos integrantes no *pub* com uma vinculação a um determinado grupo (os indivíduos que fazem parte destes encontros), ligando cada um deles com uma coletividade em comum.

Essa vivência e resistência que aqui descrevo — que acaba por confluir para a existência destes encontros —, o isolamento geográfico, pouca materialidade para se apoiar, a solidariedade e as trocas entre os vizinhos em locais tão inóspitos, o clima que por muitas vezes arruina plantações e o sustento daqueles que dependem dele; essa resistência que aflora e se perpetua pela reciprocidade silenciosa de atos, pelas confraternizações nos *pubs*, pela paixão pela música — não sempre pela música em si, mas pelo seu significado —, e por toda galocha, *wellies*, que todo escocês possui guardado em seu armário, pois sabe que, em algum momento, pode precisar.

Não importa o quão ruim o clima esteja, ou o quanto a semana passou e ocorreu de forma custosa ou desastrosa, o encontro nos *pubs* é sempre um momento e ambiente acolhedor, onde há relaxamento, diversão e sociabilidade; parte destas trocas invisíveis que permeiam o social.

Lembro-me de um dia de tempestade, onde pedalávamos, molhados, sentindo frio e cansaço extremos, já com mais de três dias pedalando e centenas de milhas nos acompanhando, retornávamos, após meses, à primeira comunidade rural que moramos, *Tombreck Farm*, em *Loch Tay*. Após mais de quatro meses estando fora, e sendo o berço de uma das *sessions* mais movimentadas e engajadas até madrugada fora, o quão largo foi o meu sorriso ao ser recebida no

pub com um “*Hello Ana, hello Ernie, you’re back!*”, uma *pint* e o pedido de uma *tune*, acho que nem preciso dizer.

4.4 Interações

Para discutir algo como a resistência escocesa, a partir do clima, do isolamento, e de outros fatores, também faz-se necessário um cunho histórico; o de dominação inglesa, que se estende até hoje, de modo mais sutil, com a falta de um poder centralizado governado, de escoceses para escoceses. Uma das chaves para esta dominação foi a dominação linguística — a Escócia, país que contava com o gaélico como língua nativa, vê-se forçada a, publicamente, abandonar a linguagem que constitui o pensamento e as suas próprias lógicas, segundo a discussão da teoria de Sapir-Whorf (HUSSEIN, 2012). Utilizada como dominação de um povo sobre outro, a dominação linguística impõe um modo de ver, observar e agir no mundo de um sobre o outro, anular ou buscar ao máximo essa anulação, o modo de pensar e agir do então dominado. Na Escócia, isto articula-se ainda hoje, com uma escassa população falante do idioma, apesar do gaélico ser ainda ensinado em escolas, mas seguindo cada vez mais como uma língua que desempenha um papel coadjuvante no dia-a-dia da nação, sendo desnecessário em termos oficiais ou empregatícios, relegada, então, a um estudo mais de enriquecimento cultural, mas que não se apresenta de forma ativa na conjuntura atual.

Apesar de toda essa modificação da utilização do gaélico no dia-a-dia escocês, muito significativo simbolicamente são as placas de trânsito. À medida em que transitamos para as Terras-Altas, começam a ter duas nomenclaturas para nomes de vilas, uma gaélico e outra em inglês; notoriamente, nas Terras-Altas, a denominação em gaélico aparece primeiro, e a em inglês em segundo. Assim como os valores de determinados termos diferentes muitas vezes dentro da própria língua são distintos, a língua precisa ser considerada como um todo para ser compreendida (RODRIGUEZ, 2008) e, negado ou interpelado esse processo, interrompe-se o processo de pensamentos a sons, e insere-se uma outra lógica no lugar, no caso da dominação. Relacionando também com o pensamento de Levi-Strauss (1967) acerca dos símbolos, ressalto seu conceito de que símbolos emergem a partir de relações; no caso, o gaélico não perde a sua teia de relações apenas por uma imposição política; pelo contrário, permanece no imaginário dos falantes e, ainda que o inglês vá a fazer parte destas relações, não se exclui o gaélico como o predominante, resistente, entre os nativos. Outro exemplo desta relação, mais aprofundada adiante, se dá em toda nomenclatura de lagos, montanhas e morros, todas, exclusivamente em gaélico, e sem tradução para o inglês.

Malinowski (1988) nos introduz a ideias que creio se encaixam no contexto que aqui descrevo; seria o motor da agência humana a emoção? Qual seria o papel dela na articulação de ritos sociais que aqui descrevo, cotidianos, e o simbolismo neles embutidos? Questiono-me sobre a questão do fato social total: não creio ser a confraternização nos *pubs* um fenômeno social de onde podemos ver fatores que explicam a cultura, mas sim, como um dos fatores fundamentais que constitui uma grande cadeia de pequenezas e nuances das comunidades onde vivi, sendo a música, as cervejas compartilhadas, as conversas atravessadas e a convivência nesse momento mais um dos fatores que geram e alimentam essa força escocesa do norte, de conviver com e não obstante clima, o isolamento e uma dominação ainda presente. Utilizo-me aqui de algumas dualidades de Malinowski, tais como entre o social e o indivíduo, na ideia de que o indivíduo constituiria a sociedade e a cultura em que vive, moldando-a com suas práticas, crenças, língua, e como que, assim como pensa Lévy-Bruhl (OLIVEIRA, 2002), o intermédio entre o objeto e o sujeito seria a emoção, a catalisadora, a faísca de onde se inicia essa interação. Considerando estas duas abordagens, o sujeito, que constitui a — si mesmo, e a uma fração da sociedade em que vive, ao mesmo tempo em que a constrói com a coletividade, a cultura que vive e experiencia, participam ambos — o sujeito e o coletivo, da ponte entre o objeto e a emoção, catalisada neste momento de interação nos *pubs*.

Na interação entre os indivíduos no *pub*, entremeadas de música, conversas, cachorros, instrumentos musicais, sorrisos e nuances, digo que o ambiente possui essa dinâmica por transbordar as emoções dos envolvidos, por serem todos afetados pelo ambiente, pelas músicas que, invariavelmente, muitos conhecem e cantam juntos, mesmo não sendo exímios cantores. Letras que enaltecem o país em que vivem, ou grandes poesias já escritas, ou novas poesias a serem formadas, música tradicional e música popular, músicas que iniciam-se a falar por si só, a partir dos instrumentos, que variam desde violino, flautas irlandesas, flautas doces, acordeão, violão, bandolim, mandolim, ukulele, saxofone, contrabaixo acústico, entre outros. São estes instrumentos que compõem esse rito social cotidiano, a partir de uma troca e desse encontro que promove trocas, tanto materiais quanto imateriais, que adquire novamente algumas nuances de Lévy-Bruhl — atingir o outro, física e etereamente. O seu “poder”, ou música, força, intensidade, sentimentos, se estende também até o outro, até os objetos são tocados, quase como uma concepção de “mana”²³.

A partir destas considerações sobre a interação, sociabilidade e espacialidade nos *pubs*, chamo atenção para um último ponto que merece nossa atenção: a localidade em si. Segundo

²³ Cito mana como o conceito de Mauss (1974), em que mana seria um catalisador invisível de vínculos sociais, uma força/energia invisível que se materializa em relações sociais.

Appadurai (2004), “o simbolismo espacial dos ritos tem talvez recebido menos atenção do que o seu simbolismo físico e social” (2004, p. 239). Os sujeitos locais produzem a materialidade e a localidade destes locais de ritos, no caso, ritos sociais. O *pub* poderia não ser nada mais do que uma casa, uma construção, e, desprovido de seu contexto, das interações movidas pelos sujeitos que ali frequentam, estaria despido de significados.

Cito, aqui, brevemente, para ilustrar a importância dessa espacialidade, o *pub* local da vila de *Newtonmore*, no coração das *Highlands* e no meio da grande reserva natural dos *Cairngorms*. Este *pub* era o epicentro da convivência de todas as pequenas comunidades e vilas que viviam em seus arredores, inclusive de uma fazenda que habitei. Roy, o proprietário, que criava o famoso *Highland cattle*, a espécie de bovinos com longos pelos e chifres, e que residia no local onde primeiro experienciei uma geada completa pela manhã, confidenciou que esse *pub* foi comprado dos donos locais por estrangeiros que, segundo ele, não sabiam administrar bem o local. Isso culminou no ponto em que todos os antes assíduos fregueses pararam de frequentar o local. E as comunidades e vilas, que antes se reuniam ali para partilhar a vida e acontecimentos da região, interesses em comum e socializar, pararam quase por completo de se encontrar, com o fracasso do *pub*, o que contribuiu para o afastamento dessas convivências, antes tão presentes, e necessárias, nessas áreas tão inóspitas.

Figura 15: A primeira geada do ano, em *Newtonmore*, *Highlands*.



Fonte: a autora.

Considerar a chave para compreender estes ritos sociais em suas diversas condições é considerar seus diversos alcances — sejam sociais, familiares, simbólicos, musicais, espaciais, recíprocos ou dadivosos. As relações sociais e tudo que as permeiam são constituídas de contexto e, a partir deste, tecemos a complexidade que envolve o rito, e compreendemos também o que pode interrompê-lo. Sem estas camadas de complexidade e envolvimento seríamos incapazes de (con)vivê-lo em sua plenitude.

4.5 Canções escocesas e natureza

Assim como os *pubs* e as *music sessions* abarcam parte desse complexo e multifacetado sentimento de *longing*, dessa saudade bucólica que remete muitas vezes a um passado histórico e poético inalcançáveis, mas que excedem as músicas e estão também presentes no imaginário e no dia-a-dia nas Terras-Altas, pois, inevitavelmente, ao viver nessas inóspitas áreas, seu contato com a natureza e seus elementos é mais direto e constante, ainda que não desejados, e ficam à flor da pele.

Andy, em *Tombreck*, foi o primeiro que me apresentou, informalmente e de forma fluida, a relação com a natureza, o clima, as montanhas e o mar, temas todos aqui bastante presentes. Ver sua visível paixão e apreço pelo ambiente em que vivia me foi incompreensível a princípio e, quando percebi, estava também envolta nesse contato, valorização e desejo de aprofundar-me mais. Como descrito anteriormente, nas ilhas de *Orkney*, *Skye* e nas *Highlands*, o clima é um tópico constante no dia-a-dia, e essa relação de *Strength* que se estabelece possui duas vias: tanto a vida nas Terras-Altas é condicionada e, eventualmente, restringida pelo clima, quanto se inspira nele próprio, na natureza que o compõe, em ações, carinho, músicas, caminhadas e sociabilidade. Esse clima austero e geografia local condicionam por muitas vezes as relações sociais e as tece, não dissociando nenhum dos elementos citados, como desenvolve também Mauss (1974).

Praticar canoagem no *Loch Tay* em sua extensão além de 23 quilômetros, provou-se uma tarefa tão imersiva quanto suas profundas águas. Ver os chamados *crannogs*²⁴ por debaixo da água, os assentamentos da Era de Bronze na Escócia, juntamente com majestosas árvores de carvalho que pendiam para o *loch*, de modo que podíamos tocar seus ramos, com suas folhas verdejantes; e ouvir a história de Andy sobre como aquela era sua árvore de carvalho favorita desde quando veio para a região, há 20 anos, e como a viu crescer e ramificar seus galhos.

²⁴ Uma antiga habitação fortificada construída em um lago ou pântano na Escócia ou na Irlanda.

Essa relação latente com a natureza foi se estreitando, e fui questionando a minha própria questão com a natureza, estranhando e me maravilhando com essa *consciência*, apreço constante da natureza e do que ela transmitia, do conhecimento de pássaros, de transições sutis de estações do ano, marcadas pelo aparecimento de determinada espécie, e, sobretudo, à nomeação de montanhas, lagos, morros (com também denominações distintas dependendo de seu tamanho), fendas e vales, sem exceção.

Percebi como esse carinho se estendia aos nomes e, com a totalidade, nomes em gaélico, como uma forma de manutenção da língua nativa e um resgate das heranças escocesas no presente. Apesar da dominação inglesa ter se dado em vários níveis e se fazer presente ainda hoje, sutilmente ou não, como vimos no capítulo anterior, os nomes dos elementos da natureza que rodeiam os escoceses permaneceu praticamente inalterados, na língua nativa, preservando um aspecto importante, tanto da língua, quanto desses elementos, expressões de força e resistência nas Terras-Altas.

As nomações mais icônicas com certeza se voltam para os *Munros*, as montanhas acima de 3000 pés (o equivalente a 914 metros de altitude). Os *Munros* totalizam 284 picos, com nomes que variam desde *Beinn Bhreac*, *Bidein a' Choire Sheasgaich*, *Buachaille Etive Beag*, *Meall Glas*, e a lista se estende. Há livros que enumeram, nominam e detalham por completo esses *Munros*, e funcionam como uma consulta obrigatória para quem pratica o chamado *Munro Bagging*, que consiste em alcançar o pico dessas montanhas. É considerada uma prática bastante usual essa 'coleção' de picos, nas quais montam-se inúmeros grupos, sejam entre amigos ou entre família, para escalá-los ou, ainda, de forma solo. O mais impressionante é a habilidade dos caminhantes de identificar, na distância, os inúmeros picos e topos, de acordo com sua localização, aparências, e lembranças do trajeto para escalá-lo.

“ . . . you can stand on your first Glencoe summit and look around at perhaps forty or fifty peaks, all fairly anonymous. Once you've climbed them, and you revisit that first hill, you stand at the top and you name them all. You often remember the walk up those hills by some of the most trivial things - sometimes it will be the view, other times it will be "the walk where I forgot my gloves", or "where I watched the ptarmigan" or "when you stayed over at my house and we

*left early". And so, working in tandem, a sense of direction and a personal collection grow with experience."*²⁵

(INGOLD & LEE VERGUNST, 2008, p. 191-192)

Figura 16: Trajeto, e caminho ao pico *Ben Lawers*, na região de *Loch Tay*.



Fonte: a autora.

O companheirismo e a coletividade, a memória desses momentos perduram e incitam outros. As subidas sempre contam com uma necessária consulta na previsão do tempo e interação entre grupos, caso haja uma mudança climática drástica ou repentina. Dependendo da montanha e da face que você escolhe subir, muitas vezes não há caminhos pré-determinados e o conhecimento de orientação na natureza, bússola, mapas, mochila e roupas à prova d'água são fundamentais. As estações do ano possuem um importante papel na escolha do tempo, provisões, vestimenta e profundo cuidado.

²⁵ “. . . você pode ficar no seu primeiro cume [da região de] *Glencoe* e dar uma olhada em talvez quarenta ou cinquenta picos, todos anônimos. Uma vez que você os escalou, e você revisitar a primeira colina, você fica no topo e nomeia todos eles. Você sempre se lembra da caminhada até as colinas por algumas das coisas mais triviais - às vezes será a vista, outras vezes será "a caminhada onde eu esqueci minhas luvas", ou "onde eu observei o *ptarmigan*" ou "quando você ficou na minha casa e saímos cedo." E assim, trabalhando em conjunto, um senso de direção e uma coleção pessoal crescem com a experiência.” Tradução livre da autora.

Mesmo tomando todos os cuidados possíveis, com roupas, provisões, estoque de água e consultas na previsão de tempo, o que você encara na caminhada não pode ser facilmente narrado. São subidas árduas, muitas vezes em terrenos repletos de pântanos e brejos, como dizem, *boggy*. Muitos trechos possuem caminhos delineados (feitos por guardas-florestais, mas que preservam ao máximo toda a flora e fauna ao seu redor), o que facilita o trajeto, mas não retira muito o fator de dificuldade de subir de forma íngreme e irregular, de caminhadas que podem variar de 2 a 12 horas, dependendo do pico almejado. A água acaba sendo o menor dos problemas, com inúmeras cachoeiras e nascentes desembocando no meio de seu trajeto, com seus finos e brilhantes fios de água se estendendo pela paisagem: a água mais fresca e deliciosa que já provei. A única preocupação, da qual nos alertaram, é encontrar eventuais carcaças de ovelhas no meio das nascentes, o que contamina a água, mas fomos sortudos nesse aspecto.

À medida em que se sobe, não apenas o pico que se sobe torna-se cada vez mais visível, mas também todos à sua volta; uma verdadeira cadeia de montanhas, entre fios luminosos dos rios que desembocam nos *lochs*. Lembremo-nos, estamos nas Terras-Altas. Vemos, então, um conjunto de montanhas que se sobrepõem e somem na distância, sem vermos seu fim. Estando no topo de um *Munro*, como quando estive no topo de *Ben Lawers* e *Ben Ghlas*, começo a compreender a força com que a natureza atua no imaginário individual e coletivo das Terras-Altas, e porque tantos elementos sempre remetem a ela. O conceito de ‘coleção’ de picos de montanhas muitas vezes se dissipa e traz no local uma coletânea de histórias, momentos e trivialidades, muitas das vezes em grupos, que reforçam laços e desejos em comum. (INGOLD & LEE VERGUNST, 2008, p. 196)

No topo das montanhas, os *Bens*, encontramos sempre os *cairns*, que é a denominação para pequenos montículos de pedras, formados lentamente por cada pessoa que chegou ao cume da montanha. É um silencioso costume de, ao iniciar uma subida, pegar do início da jornada uma pequena pedra de sua escolha, carregá-la por toda a subida, e colocá-la agrupada às demais, no cume da montanha, juntamente com as pedras de outros viajantes, que fizeram o mesmo exercício. Encaixo aqui uma silenciosa prática de coletividade, que se pauta em um ato individual e isolado, mas que se estende a um alcance mais amplo, ainda que silencioso, onde os *cairns* começam a se formar, e são continuados, nessa conexão tão próxima com a natureza, ora de forma melancólica, ora de forma a acionar a coletividade, independentemente das diferenças, e acabam por formar um dos diversos elementos que culminam em um plural e não-consensual fluxo identitário das Terras-Altas; fluxo justamente por fluírem e se diferenciarem de acordo com a espacialidade, tempo, circunstâncias e indivíduos— essas distintas experiências, mas com um cerne em comum.

*“Landscape features, perhaps visible only momentarily, interleave into past episodes of a life. From summits and ridges, a collected landscape is inspected according to different skylines. Thus, assemblies of memories, times and places, clear up or cloud over, according to the unique ‘event horizon’ of a visible-memorable landscape. (...) It is unsurprising, then, that for many walkers in Scotland, collecting mountaintops offers up a compelling personification of landscape.”*²⁶
(INGOLD & LEE VERGUNST, 2008, p. 192)

Essa natureza, que retoma esse conceito bucólico de *longing* que aqui destrincho um pouco, reincide também de forma vívida nas músicas, *songs* e *tunes* que aparecem, por sua vez, nas *music sessions* que aqui descrevo. Ao perguntar e identificar algumas *tunes*, melodias sem letras, sempre me surpreendi com seus nomes. Frequentemente evocam elementos da natureza escocesa, seja um local em específico, fauna e flora, ou composições que estão sempre presentes nessas paisagens, como os pântanos (*bogs* e *heath*), urzes (*heather*), lagos (*lochs*), montanhas (*ben*, ou *mountain*), cevada (*barley*), além de diversos outros, conectando-os com adjetivos enaltecendo, como *Bonnie* (belo, bonito) ou temas nostálgicos e/ou melancólicos, de cunho histórico ou desse sentimento de “resgate” de uma Escócia, talvez parte real, parte imaginada.

Acerca das *tunes*, seus nomes sempre variam com bastante criatividade, desde citando lagos e castelos, como *Loch Leven Castle*, pássaros locais, como *Lark in the Morning*, *The Hawk* e *The Pigeon on the Gate* a acontecimentos aparentemente mundanos, como *Moving Cloud*, *The Wind That Shakes the Barley*, *The Wind on the Heath* e *Scarce O’Tatties*. Lembro-me, também, da grande oralidade presente nas músicas tradicionais escocesas, e penso o quanto estas músicas se alteraram e se preservaram com o passar do tempo, e o que estes títulos suscitavam (e suscitam) em seus interlocutores.

Roderick Watson, em seu livro *“The Literature of Scotland”* (1984), discorre sobre a relação entre literatura, as músicas e composições escocesas, e como essas perpassaram o tempo e se encontram ainda hoje recitadas e performadas em sessões musicais. Watson também descreve como as músicas gaélicas escocesas tradicionais derivam das comunidades isoladas, baseadas em clãs e relacionadas fortemente com seus laços de família, existindo, portanto, inúmeras canções e melodias que celebram e evocam locais, sejam ilhas, montanhas ou favoritos cumes.

²⁶ “As características da paisagem, talvez visíveis apenas momentaneamente, se entrelaçam em episódios passados de uma vida. De topos e cumes, uma paisagem coletada é inspecionada de acordo com horizontes distintos. Assim, conjuntos de memórias, tempos e lugares, clarificam-se ou nublam-se, de acordo com os ‘eventos no horizonte’, únicos de uma paisagem visível e memorável. (...) Não surpreende, portanto, que para muitos caminhantes na Escócia, coletar montanhas, ofereça uma personificação convincente da paisagem.” (Tradução livre da autora)

Esse sentimento e laços que apresento, que tão frequentes foram, tocando sempre questões que elucidado também em *Strength* e *Struggle*, inevitavelmente conectadas, permeiam essas esferas de resistências e lutas, mas acho difícil definir em palavras o que me foi descrito, e experimentado. É algo invisível, palpável apenas nas relações pessoais, invocadas com sensações sensoriais, e que transpira de nossos corpos quando acionados nesses ambientes de celebração da coletividade, convivências e trocas, com o álcool mostrando-se necessário para saber e vivenciar esses códigos assaz profundos. Códigos que, por muitas vezes, não vêm à tona de forma tão peremptória em situações de sobriedade. Creio me aventurar também em uma relação sensorial e emocional, inevitável ao sentir essa natureza e esse sentimento de regresso a uma Escócia talvez utópica, talvez presente, ou, ao menos, evocá-la, por meio de músicas e canções, como *Far Frae Home*, e *Farewell to Ayrshire*²⁷, além de outros inúmeros exemplos de conotações bucólicas ou melancólicas em relação ao pertencimento da Escócia ou de algumas de suas regiões.

Dentre várias músicas, *songs*, escutadas, aprendidas e recitadas, escolho aqui algumas canções que retratam bem esse sentimento nostálgico que vivi nas Terras-Altas com seus conterrâneos, o *Longing*, de retornar à sua amada terra e frios ventos, mesmo que muitas vezes já esteja fisicamente nela.

Descrevo aqui breves trechos da música chamada *Caledonia*, o que é uma mesma denominação para Escócia, atribuída pelos romanos, escrita e interpretada por Dougie MacLean (1983/Craigie Dhu):

*I don't know if you can see the changes that have come over me
In these last few days I've been afraid that I might drift away
So I've been telling old stories, singing songs, that make me think about where I come from
That's the reason why I seem so far away today*

*Let me tell you that I love you and I think about you all the time
Caledonia you're calling me and now I'm going home
But if I should become a stranger you know that it would make me more than sad
Caledonia's been everything I've ever had*

²⁷ Na sequência em que aparecem, “Castelo do lago *Leven*”, “Cotovia no amanhecer”, “O Gavião”, “O pombo no portão”, “Nuvens em movimento”, “O vento que mexe o trigo”, “O vento no pântano”, “Escassez de Batatas”, “Longe de casa” e “Adeus a *Ayrshire* [região das Terras-Altas]”. Tradução livre da autora, a título de compreensão do nome das *tunes*.

(Eu não sei se você consegue perceber, as mudanças que aparecem em mim
Nesses últimos dias, tive medo de me afastar e me perder
Desde então contei velhas histórias, cantei canções, que me fazem pensar de onde eu venho
Essa é a razão de eu parecer tão distante hoje

Deixe-me dizer que te amo, e que penso em você todo o tempo
Caledonia, você me chama e eu estou indo para casa
Mas, se eu me virar em um estranho, saiba que isso me deixaria mais do que triste
Caledonia é tudo que eu já tive)
(tradução livre, feita pela autora)

A partir da construção dessa música, exalto o carinhoso cuidado com o reconhecimento da *Caledonia* — Escócia — como terra natal, como local de origem e de regresso, expressos na música. Diversas outras canções também exaltam a condição da Escócia como terra-natal de vários viajantes, sejam estes residentes nela ou não, mas que se sintam como pertencentes à mesma, com uma herança sanguínea escocesa ou apenas como orgulhosos da herança cultural que abraçaram como sua.

Um comercial da cerveja *Tennent's Lager* (1990), marca bastante popular no Reino Unido, parou de veicular nas televisões, pois envolvia, como tema musical de fundo, a música *Caledonia*. Um grande número de relatos de regressos de escoceses ou de pessoas com descendência escocesa que moravam em países estrangeiros, voltaram ao seu local de origem, em números massivos; um comercial que atingiu de forma profunda várias pessoas que o viram pela televisão, quase como um hino, um chamado à *Caledonia*, também com certa melancolia. A música também ativa categorias adormecidas que florescem ao seu chamamento, ativados pela melodia e pela letra, pelo forte conteúdo das mesmas.

Inúmeras outras músicas também ressaltam a natureza e a melancolia, juntamente com os resultados do levante da independência, como *The Bonny Banks of Loch Lomond*, que foi escrita por um anônimo homem do clã MacGregor — mas considerada como do repertório popular escocês, sendo o autor original desconhecido — que foi aprisionado e condenado por apoiar o *Bonnie Prince Charlie*, o rei escocês do Levante de 1745, como visto no capítulo *Struggle*. Este integrante do clã, condenado à morte, escreve para seu amigo uma música:

*By yon bonnie banks and by yon bonnie braes
Where the sun shines bright on Loch Lomond
Me and my true love were ever wont to gae
On the bonny, bonny banks of Loch Lomond*

*Ye'll tak' the high road and I'll tak the low road
And I'll be in Scotland afore ye
But me and my true love will never meet again
On the bonny, bonny banks of Loch Lomond*

(Pelas suas belas costas e belas montanhas
Onde o sol brilha no lago Lomond
Eu e meu verdadeiro amor não iremos lá novamente
Nas belas, belas margens do lago Lomond

Você irá pela estrada e eu, pela baixa-estrada
E eu estarei na Escócia antes de você
Mas eu e meu verdadeiro amor não nos encontraremos novamente
Nas belas belas margens, do lago Lomond)
(tradução livre, feita pela autora)

Na música, a descrição do *Loch Lomond*, situado no berço da revolução e resistência histórica escocesa, exalta a beleza da natureza do local, juntamente com o desejo de ir lá novamente, além da melancolia do autor de não rever mais seu verdadeiro amor ou seu amigo. Ao tratar de *high road* e *low road*, não existindo uma tradução adequada, aqui explico a existência de um mito celta que, quando um escocês morre fora de sua terra natal, este percorre as *low roads* até retornar à sua *Caledonia*; por isso seu amigo, ainda em vida, percorrerá as *high roads*, as estradas feitas para os vivos, e o autor tomará as *low roads* até seu destino final.

As canções tradicionais escocesas — na maioria das vezes sem nome autoral, são apenas passadas de gerações por gerações, recitadas e eventualmente escritas pelo povo e para o povo, de uma roda musical até uma próxima, entre *Cèilidhs*, *music sessions* e assim por diante — tratam de muitos temas da saudade da terra natal, apesar, de muitas vezes, ela estar bem ao seu alcance físico e/ou visual.

Para exemplificar, um dia, em um pequeno *pub* onde, em uma noite de *music session*, cantaram *Wild Mountain Thyme*, que, em sua letra, enaltece as flores referidas como urzes, que crescem no topo das montanhas, muito frequentemente naquela região, e um senhor gritou, apontando para a janela — E aqui eis a montanha *Balquhiddar*, citada na música, bem à nossa frente! — que carrega a mesma alcunha.

Essa relação da natureza, além do tempo e clima como condicionantes de vários fatores no dia-a-dia neste país celta acabam por delinear um perfil musical que remete a esse sentimento de *Longing* já descrito anteriormente. A nostalgia, a saudade de algo que já passou, apesar de isto não ser verdade, e muitas vezes a letra da música personifica-se através das vidraças das janelas das casas, mantêm-se no canto, na força, no senso de perceber a identidade escocesa que sobrepuja a música, mas que também se manifesta através dela.

É, além de tudo, sobretudo com as *Highland bagpipes*, a gaita-de-fole escocesa, considerado o instrumento musical típico escocês, utilizado em conjunto com o *kilt* e a vestimenta completa, ser tocada no alto de uma montanha, ecoar por vales e rios, e aquele som, muitas vezes agudo, estridente, agradável, melodioso e poderoso, adentrando nossos seres e dando calafrios.

Ainda citando Watson, “*As though reflecting the fiercer side of the Highland sensibility in the isolation of the Highlands, however, pipe-music continued to develop well into the nineteenth century, and thrives today in marches and dances (strathspeys, reels and jigs) as well as the more melodic slow airs*”²⁸ (1984, p. 111-112). Lembro-me, na pequena vila de *Strathpeffer*, perto da capital das Terras-Altas, *Inverness*, de assistir uma banda composta pelos moradores locais, do chamado *pipes and drums*, literalmente, gaita-de-fole e bateria, um formato de grupo muito frequente nas *Highlands*, que ensaiava toda quarta-feira na praça principal da vila, até descer a rua principal, onde várias pessoas regularmente compareciam. Assistir esse grupo tocando inúmeras gaitas-de-fole, em uníssono e perfeita sincronia, além da batida dos bumbos, conferia ao grupo uma aura poderosa, uma energia que se materializava na forma de som, e que nos cativava e hipnotizava também pelas suas vestimentas formais e tradicionais, com o traje completo do *kilt* e a força, significado, dedicação e honra das *tunes* que tocavam.

²⁸ ²⁸ “Como se refletindo o lado mais feroz da sensibilidade das Terras-Altas no isolamento deste local, no entanto, a música de gaita-de-fole continuou a se desenvolver no século XIX, e hoje prospera em marchas e danças (*strathspeys, reels and jigs*, estilos musicais tradicionais) tanto quanto mais lentamente, de modo mais melódico”. Tradução livre da autora.

Figura 17: Banda de *pipes and drums*, em *Strathpeffer*.



Fonte: a autora.

Por fim, o que escutamos é muito além daquele(s) instrumento(s) naquele instante — escutamos a gaita-de-foles, desde formas rudimentares, fabricadas há centenas de anos atrás, com o intuito de incentivar tropas a tomar a linha de frente e lutar pela sua pátria e independência, lutar pelos direitos de exercer seus ofícios, de falar sua língua, de dançar suas danças e cantar suas canções.

O que escutamos é o ribombar dos antepassados que fizeram as trilhas que ainda hoje são utilizadas pelos escoceses e escocesas.

A música aqui funciona como uma língua universal que não foi possível de ser apagada — pelo contrário, angariou mais força do vento que tentou extingui-la. Seja através de letras tradicionais, músicas populares, que tratem da independência, da natureza escocesa, do clima, de temas improváveis — o senso de unidade e força que essa categoria atribui aos seus praticantes e ouvintes — *Strength* — atravessa barreiras invisíveis e se instala, não importando a distância.

Os registros de saudade de sua terra-natal — retorno dela em seu esplendor, ou à existência da mesma? —, da força não-verbalizada contida nas tarefas realizadas no dia-a-dia, da luta contra uma dominação que já foi e, segundo alguns, ainda existe, são alguns fatores dessa força acionada por *Strength*, e sentida por *Longing*. Lembro-me de um senhor escocês, que em um dia chuvoso me

dando carona e, em algum momento da conversa, me confidenciou: “Todos os escoceses e escocesas, em seu sangue, têm uma rixa contra os ingleses”. Os seus sentimentos mais profundos para chegar a essa conclusão eu desconheço, mas marcou-me com essa frase, e seguiu o seu caminho.

Viajando pelas Terras-Altas de norte a sul, leste a oeste, a música, seu ambiente de sociabilidade e historicidades únicas, de formas diferentes, claro, mas de modo atuante e constantemente presente, tem um importante papel na vida dos escoceses nas Terras-Altas, ainda que com agências e sentimentos distintos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da mesma forma como iniciei este trabalho, também o encerro — ou melhor, deixo aberturas, diálogos, lacunas e sementes a serem cultivadas. Durante estas páginas, busquei retratar e costurar retalhos que, inevitavelmente, apresentam várias interpretações, sobreposições, harmonias e eventuais contradições.

Os fragmentos das espacialidades onde vivi foram distintos e diversos, e procurei agregar estas experiências tão distintas, com seus múltiplos pontos em comum, além dos também dissonantes, que me foram apresentados, discutidos, sentidos. Falo da afetação e da sensorialidade com certa frequência pois estas constantemente permearam meu trabalho de campo, nas vivências e, agora, também na escrita, reativando o campo; e o labor contido no ofício de tentar exprimir em palavras inteligíveis assuntos, conceitos, conversas e sensações intangíveis, acaba por ser demasiado minucioso.

Essa tríade de categorias de emoção com a qual trabalhei e delineei o trabalho, *Strength*, *Struggle* e *Longing*, muitas vezes se sobrepõe, e não é claro para mim onde uma parte se inicia ou onde a outra termina. Por muitas vezes, debati internamente a sequência dos capítulos deste trabalho, por referir-me sempre a essa composição, sem início nem fim, com três elementos, que não existem e operam com conceitos isolados um do outro. Considero essa a chave dessa “unidade não-consensual”, essa identidade das Terras-Altas, que resiste e reside em suas diferenças, na sua heterogeneidade, e em seus indivíduos, que não necessariamente se encontram fisicamente (ANDERSON, 2008), como comunidades imaginadas, mas muitas vezes silenciosamente, como a lenta construção dos *cairns* no topo das montanhas, os *Munros*, e as várias *music sessions* espalhadas pelos *pubs* e regiões esparsas e inóspitas nas Terras-Altas.

Ao mesmo tempo dialogo com a existência dessas resistências e força escocesa das *Highlands*, conto também com os espaços e relações de sociabilidade, ajuda mútua, trocas e reciprocidades, não dissociando nenhum desses elementos do contexto histórico, que embebe as relações políticas, históricas e sociais por onde estive. Em nenhum momento desejo segregar estas trocas, relações e contextos, sejam materiais e/ou simbólicas. Além disso, como vimos, a sobreposição, sem limites definidos entre esses elementos, experiências e sentimentos é inclusive necessária para a existência dos mesmos, por mais paradoxal possa parecer.

Seguindo os tracejados nos mapas dispostos neste trabalho, por entre as ilhas de *Orkney* e *Skye*, além das Terras-Altas da parte “continental”, como nas proximidades do *Loch Tay*, *Newtonmore* e *Black Isle*, alguns dos quais não pude me aprofundar tanto quanto gostaria, espero ter

conduzido o leitor à rica espacialidade contida nas *Highlands* escocesas. O fato de percorrê-las com a *tandem* foi um fator crucial para compreender como o clima e a geografia montanhosa atuam nessas regiões e afetam seus moradores, de forma bem crua, enquanto pedalava e acampava na natureza.

Além desse fator, é importante frisar como esta espacialidade opera fluidamente, com texturas, direções e fluxos distintos, desembocando em um mesmo caudaloso rio, se permitida a licença poética. Não são todos os escoceses das Terras-Altas que são afetados ou querem se afetar pelas músicas, eventos e costumes tradicionais, nem todos apreciam bebidas alcoólicas e muito menos todos coexistem em um utópico perfeito equilíbrio de trocas e reciprocidades constantes, sem rusgas, discussões, reatamentos, brigas e amizades. Mas, enfim, estamos tratando de seres humanos; e o quão contraditórios podemos ser conosco mesmos, ou em nossas várias coletividades, o quanto erramos, acertamos, experienciamos e aprendemos, no dia-a-dia.

Meu trabalho aqui limita-se a apresentar belos fragmentos que tive a honra de partilhar, com essas pessoas, quando apreciei mais ouvir do que falar, e aprendi longamente sobre o tempo e virada das marés, o formato das nuvens e como prevenir-se (um pouco) contra as rápidas mudanças climáticas, as estações do ano e seus respectivos vegetais, o tempo da natureza e o tempo do homem, a aproveitar dias de ‘clima bom’, tomar chá com leite, conhecer e tocar músicas que nos fazem sorrir e músicas que nos fazem chorar, danças que sacodem até antigos pulôveres do armário, línguas nativas que desconhecia e que desejo tão fortemente aprender, poemas e histórias antigas, declamados tanto para os presentes quanto para os que já foram, por vezes ainda residentes de ruínas que perduram nas paisagens. Aprendi novos termos para montanhas, ovelhas, nuvens, chuva, ferramentas, batatas, cervejas, danças, instrumentos musicais e flores. Conheci um novo bioma climático, pautado pela umidade, chuva, ventos, atolados, pântanos e vegetação arroxeadada, rasteira, nos revelando cadeias de montanhas praticamente nuas, que se se estendem até estarem camufladas por nuvens.

E, confesso, ao mesmo tempo em que escutei, conheci, e participei desses fragmentos, uma parte de mim acabou por tomar um pouco deles como meus também, assim como minhas peculiaridades; falta de tato em alguns momentos, conversas e partilhas foram também notadas e, talvez, absorvidas por alguns; pois somos seres humanos, envoltos em várias coletividades, simultâneas e isoladas, e este contato que nos toca, seja sensorialmente, emocionalmente ou academicamente, ou ainda, todas as opções anteriores, também toca o outro, e assim nos transformamos, às vezes de forma perceptível, às vezes de forma sutil.

Partindo, então, destes tão diversos conhecimentos adquiridos e contatos partilhados e alterados, como poderia caminhar para um registro uno, solitário, em busca de *uma* identidade cultural, social, política ou histórica essencial? Não a vi quando habitei e pedalei a vastidão das Terras-Altas escocesas, e ainda não a vejo por estas páginas, e, por sinal, nem a procuro. Como alternativa, ofereço essa miscelânea de sentimentos, relações pessoais, individuais e coletivas, resgates sensoriais, ruínas históricas indeléveis, localidades e mobilidades distintas, diferentes hortas e produções, criações de animais, múltiplos *pubs* espalhados pelo território, com suas respectivas *music sessions*, e a constante garoa que, impreterivelmente, nos faz colocar gorros, casacos à prova d'água e as *wellies*, como uma amostra da vasta gama de microrrelações conectadas por emoções, e como estas são sentidas e transmitidas (COELHO, 2010).

Discuto, ainda, uma teia identitária, tão fluida quanto diversa, que talvez se constitua como tal justamente pelas incontáveis experiências, vivências, tanto individuais como coletivas, que a compõem. Que talvez este bastião, *Strength, Struggle e Longing* — que mais se estrutura como um rizoma, uma raiz que parte de um ponto em comum, e inicia suas diversas ramificações, para galhos e frutos distintos, que às vezes se entrelaçam e às vezes se distanciam — abarque um pouco dessa extensa teia. Esta, que parte de pressupostos em comum, como a resistência necessária para conviver com este duro e volátil clima, a necessária articulação de troca e reciprocidade entre vizinhos e familiares, a força e constante luta, ainda que silenciosa, contra dominações históricas e costumes tradicionais reprimidos, e o melancólico e latente sentimento nostálgico evocado em *music sessions* e em suas músicas, na e com a natureza, que também corroboram para a sociabilidade local. Esta tríade, que possivelmente seja porosa em seus conceitos justamente por referir-se indubitavelmente a esse entrelace, relações pessoais e sociais, com suas devidas proporções e diferenças, chega ao cume máximo do que posso me referir como uma suposta identidade das Terras-Altas, onde sua singularidade passaria pelo entendimento de valores próprios compartilhados em círculos de relação e convívio comunitário (BARTH, 1998).

Para finalizar este trabalho, gostaria de apresentar a história da flor nacional da Escócia, a *thistle*, aqui conhecido como cardo. O cardo conta com grandes e afiados espinhos nas extremidades de suas folhas para proteger-lhe, apesar da bela composição arroxeadada de sua flor, em formato de jarro. Lendas populares, que se arrastaram desde o século XI, através da oralidade, até os dias de hoje contam que quando os nórdicos fizeram uma tentativa de invadir a Escócia, no período noturno, na tentativa de apanhá-los desprevenidos, um dos soldados inimigos pisou acidentalmente em um cardo, e teve seu pé atravessado por espinhos, gritando de dor, o que acabou por alertar os escoceses da invasão, que conseguiram vencer. Desde então, conta-se popularmente que a *thistle*,

cardo, segue como símbolo nacional da Escócia. O cardo, uma bela flor, desabrocha aos poucos, na defensiva, e conta com uma grande resistência para com o clima frio, florescendo até nos maiores picos das montanhas pelas Terras-Altas, e acaba por carregar um significado de bravura, resistência, força e determinação. Suas pétalas finas e arroxeadas desabrocham lentamente de um pequeno miolo da planta, como um dente-de-leão, e florescem em incontáveis pequenos fiapos, vívidos, frágeis, porém vistosos, belos e únicos, que em muito se assemelham a essa pluralidade identitária, fluida, dinâmica e rica das *Highlands* escocesas.

GLOSSÁRIO

Ben: denominação escocesa para ‘montanha’.

Bodhrán: instrumento musical de origem celta, com um tambor em formato arredondado feito com pele de animais e um pequeno batedor de madeira.

Bonnie: denominação escocesa para ‘belo’.

Bonnie Prince Charlie: pretendente ao trono da Escócia no século XVIII, que liderou o Levante Jacobita pela independência escocesa, que acabou fracassando no campo de batalha em *Culloden*.

Border Collie: espécie canina muito utilizada pelo pastoreio para a contenção e deslocamento de ovelhas de um espaço para outro.

Brexit: processo votado em 2016 no Reino Unido pela saída do mesmo do bloco União Europeia.

Cairn: denominação escocesa para o topo das montanhas, e também para o nome do montículo de pedras trazidas pelos escaladores ao seu topo.

Caledonia: denominação dada pelos romanos para ‘Escócia’.

Cèilidh: festa tradicional escocesa que conta com dança, música, recital de poemas e histórias, além da sociabilização.

Clã: a sociedade tradicional escocesa até o século XVIII funcionava em modo de clãs, por pessoas que são unidas por parentesco, linhagem.

Crannog: uma antiga habitação fortificada construída em um lago ou pântano na Escócia ou na Irlanda. São comuns encontrarem vestígios destas habitações no fundo dos lagos, *lochs*. A região do *Loch Tay* conta com uma reconstrução de um *crannog*, aberta para visitação e mediação.

Cuillin Hills: conjunto de montanhas situadas na ilha de Skye, famosas pela sua beleza natural.

Dunvegan: maior vila da parte leste da ilha de Skye, com menos de mil habitantes, famosa pelo castelo de mesmo nome.

Flapjack: doce t pico escocês, que envolve sobretudo aveia e mel em seu preparo.

Greenhouse: estufa de vidro feita para cultivar vegetais, em seu interior, que não suportem frio e vento.

Highlands: traduzido literalmente como “Terras-Altas”.  rea do centro-norte da Escócia, tida como isolada e montanhosa, com poucos residentes.

Highland bagpipes: instrumento de sopro tradicional escocês.

Highland charge: temível ataque no campo de batalha realizado por *Highlanders*, consistindo em uma investida em grande velocidade e força para perfurar e desestruturar as linhas de soldados inimigas.

Highlanders: denominação dada aos soldados escoceses das terras-altas.

Highland clearances: acontecimento histórico ocorrido nas Terras-Altas escocesas, entre os séculos XVII e XVIII, onde comunidades, vilarejos e famílias rurais foram destituídas de suas propriedades e sustento para o cultivo de ovelhas, mais rentável na época, entre outras razões.

Kilt: traje típico escocês, de corte similar a uma saia, representando o *tartan* de cada clã.

Know it by heart: saber de cor, tocar sem partitura, muito praticado nas *music sessions*.

Loch: denominação escocesa para ‘lago’.

Longing: verbo em inglês, traduzido para anseio, desejo, saudade.

Lowlands: denominação das terras-baixas escocesas.

Mac(...): presente no início de alguns sobrenomes escoceses, atribui-se o significado de ‘filho de’. Assim, Paul MacDonald seria o ‘filho do Donald’.

Midgies: pequenos silenciosos mosquitos que invadem o verão escocês em centenas; são facilmente levados pelo vento, mas levam pessoas a usarem cremes repelentes e protetores de cabeça, além de mangas compridas.

Munro: É uma montanha, na Escócia, com uma altura superior a 3000 pés (914 metros). Foram assim denominados pelo Sir Hugh Munro, que listou e catalogou, pela primeira vez, as montanhas na Escócia.

Munro Bagging: conhecido como a prática de colecionar (escalar) picos das montanhas, *Munros*, na Escócia.

Music sessions: do inglês, sessões musicais. Praticadas em rodas e patrulhamento entre músicos e ouvintes.

Nettles: urtiga.

Outlander: série televisiva de 2015 até o presente momento, situada no revolta histórico escocês, conhecido como o Levante dos Jacobitas. Baseada em coleção de livros de Diana Gabaldon, romancista ficcional.

Passing places: pequenos laterais locais de passagem entre veículos, situados nas estradas com espaço para passagem de apenas um carro.

Pint: unidade de medida equivalente a 568 ml, geralmente servida em uma caneca ou copo de vidro, contendo bebida alcoólica de baixo teor alcoólico, como cerveja ou cidra.

Plaid: pano grande inteiriço xadrez, amplamente utilizado no século XVIII e antes, feito dobraduras no tecido e geralmente utilizado como o *kilt*.

Polytunnel: estrutura plástica semi-cilíndrica de polietileno que simula um efeito estufa em seu interior, adequado climaticamente ao cultivo de várias plantas.

Pub: do inglês, ‘bar’, ‘cervejaria’. Ainda, *pub* pode ter a conotação de ‘local público’.

Quad: apelido para *quadbike*, o quadriciclo.

Redcoats: denominação dada aos soldados ingleses na época dos levantes jacobitas, referenciando sua vestimenta. Traduzido literalmente, ‘casacos vermelhos’.

Settlement: do inglês, assentamento.

Single track roads: típica estrada escocesa, que permite a passagem de apenas um carro por vez. Usual nas Terras-Altas.

Songs: músicas tocadas nas *music sessions*, que incluem necessariamente o canto em conjunto com o instrumento musical.

Strength: do inglês, força, robustez, energia.

Struggle: do inglês luta, contenda, grande esforço.

Struggling: verbo em inglês, traduzido para procurar libertar-se, debater-se.

Tandem: longa bicicleta com duplo assento, que possibilita duas pessoas pedalarem, compartilhando a força de pedalar.

Tartan: tecido axadrezado com padrões distintos adotados para cada clã escocês.

Tennent’s Lager: marca de cerveja escocesa.

Tunes: músicas tocadas nas *music sessions*, que são necessariamente apenas instrumentais.

Union: nome dado à união dos quatro membros do Reino Unido; aqui, especificamente, se tratando da união da Escócia e da Inglaterra.

Union Jack: nome designado para a bandeira oficial do Reino Unido.

United Kingdom: do inglês, Reino Unido.

Wellies: denominação carinhosa dada para galocha de cano alto amplamente utilizada na Escócia, devido a constante chuvas e áreas alagadas.

WWOOFing: literalmente, sigla de oportunidades globais em fazendas orgânicas, organização de trabalho voluntário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edição 70. 2008.

APPADURAI, Arjun. “A produção da localidade”. In: *Dimensões Culturais da Globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema, 2004.

_____. *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: *Tomke Lask (Org.)*. O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2000.

BBC: EU Referendum Results. Disponível em: https://www.bbc.com/news/politics/eu_referendum/results Acessado em: 27 de junho de 2018.

BBC: The Jacobite Cause. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/history/british/civil_war_revolution/scotland_jacobites_01.shtml Acessado em: 23 de junho de 2018.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BLOCH, M. & PARRY, J. Money and the morality of Exchange (introduction). CUP, 1989. (Helgason, Agnar and Palsson, Gisli. *Contested Commodities: The Moral Landscape of Modernist Regimes*. The Journal of the Royal Anthropological Institute; Vol. 3, No. 3 (Sep., 1997).

BOURDIEU, P. A economia dos bens simbólicos. In: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Ed. Papirus. 1996.

_____. Cap. V – A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: *O Poder Simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro ; Lisboa, Portugal : Bertrand Brasil : DIFEL, 1989, p. 107-132.

BUELTMANN, Tanja; HINSON, Andrew; MORTON, Graeme. *The Scottish Diaspora*. Edinburgh University Press, Edinburgh, 2013.

CAMARGO, L. O. L. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. Edusp, São Paulo. 2014.

- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac e Naify (Capítulo XI: “A sociedade Contra o Estado”). 2003.
- COOKE, Anthony. *Modern Scottish History: 1707 to the present*, vol. 1, The Transformation of Scotland, 1707–1850, (East Linton, 1998).
- DAMATTA, Roberto. *O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”*. In NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens – para uma antropologia do consumo*. Parte I. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2004.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. Ser afetado. *Cadernos de campo*. 13, 155-161. 1990.
- FOUCAULT, M. “A Governamentalidade”. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal. 2002.
- FOY, Barry. *Field Guide to the Irish Music Session*. Frogchart Press, Seattle (EUA), 2009.
- FOYSTER, Elizabeth; WHATLEY, Christopher A. *A History of Everyday Life in Scotland, 1600 to 1800*. Edinburgh, Edinburgh University Press, 2010.
- FREUD, Sigmund, *Luto e Melancolia*. São Paulo, Cosac Naify. 2011 [1917].
- FRY SOMERSET, Peter & Fiona. *The History of Scotland*. Routledge Taylor and Francis Group. 2005.
- GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*, Nova York; Basic Books, 1973.
- _____. 1983. *Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology*. New York: Basic Books.
- GLUCKMAN, MAX. Brasília, 2011. *Rituais de Rebelião no Sudeste da África*. Universidade de Brasília. Departamento de Antropologia. Brasília, 2011.
- GOFFMAN, E., *The presentation of self in everyday life*. (Trad. Bras. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2005, 13ª Edição). EUA, Anchor Books Edition, 1959.
- GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. “Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença”. In: *O espaço da diferença*. Antônio A. Arantes (org.). Capinas, SP: Papyrus, 2000.
- HALL, S. A Identidade em questão. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

HISTORIC UK, *History of Scotland: The Highland Clearances*. Disponível em: <https://www.historic-uk.com/HistoryUK/HistoryofScotland/The-Highland-Clearances/> Acessado em: 19 de junho de 2018.

HUSSEIN, Basel Al-Sheikh. *The Sapir-Whorf Hypothesis Today*. Department of English Language and Literature Academy Publisher, 2012.

INGOLD, T. & VERGUNST, J. (eds.) *Ways of Walking: Ethnography and Practice on Foot*. Ashgate, Aldershot, 2008.

JIMENO, Myriam, “Emoções e política: a vítima e a construção de comunidades emocionais”. *Mana* 16 (1), pp. 99-121, 2010.

LATOUR, Bruno, “Pragmatogonies: A Mythical Account of How Humans and Nonhumans Swap Properties”, *American Behavioral Scientist* 37 (6), pp. 791 – 808, 1994.

LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social kachin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A Eficácia Simbólica”. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

MACKENZIE, Donald Angus. *Wonder Tales from Scottish Myth and Legend*. Glasgow: Blackie and Son Limited, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MANNHEIM, Karl. *O Pensamento Conservador*. In: Introdução Crítica à Sociologia Rural. 2a ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

MARX, Karl. *The Poverty of Philosophy*, in Karl Marx and Frederick Engels, Collected Works, vol. 6, London, 1976. (1847).

_____: ‘Expropriation of Agricultural Population’, *Capital*, vol. 1, in Karl Marx and Frederick Engels, Collected Works, vol. 35 (London, 1996).

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo : Edusp. 1974 [1923-24].

_____: “Ensaio sobre as variações sazoneiras das sociedades Esquimós”. In: *Sociologia e Antropologia*. Vol. II. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA/EDUSP. 1974.

MEDRAS, Henri. *Sociedades Camponesas*, ZAHAR editores, Rio de Janeiro. 1978.

- MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva – Pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MERRIAM, A. P. *The Anthropology of Music*, Evanston, Northwestern University Press. 1964.
- MOORE, David W. *The other British Isles: A History of Shetland, Orkney, the Hebrides, Isle of Man, Anglesey, Scilly, Isle of Wight and the Channel Islands*. North Carolina, McFarland & Company, 2005.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de, *Razão e Afetividade - o Pensamento de Lucien Lévy-Bruhl*.- Editora UNB, 2002.
- PINTO, Tiago de Oliveira. *Som e música*. Questões de uma antropologia sonora. Revista de Antropologia, vol. 44, no. 1, p. 222- 286, 2001.
- POLANYI, Karl. “Sociedades e sistemas econômicos” In: *A Grande Transformação – As origens da nossa época*. Editora Campos. Rio de Janeiro. 1980.
- PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- REZENDE, Claudia Bacellos e COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2010.
- REZENDE, Patrick Arley de. *Corpos sem nome, nomes sem corpos: desconhecidos, desaparecidos e a constituição da pessoa*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia — PPGAN/UFMG. 2012.
- RICHARDS, Eric. *A History of the Highland Clearances*, vol. 1, London, 1982.
- _____. *Debating the Highland Clearances*. Edinburgh University Press: Scotland, 2007.
- RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. *Saussure e a definição da língua como objeto de estudos*. ReVEL. Edição especial n. 2, 2008.
- SAHLINS, Marshall D. “Economia tribal”. In: *Sociedades Tribais*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1974.
- SCOTTISH SONGS. The Gresham Publishing Company Ltd. Glasgow, Scotland. Waverley Books, 2014.
- SOUSA, Leticia Pulcides, Cooperativismo: conceitos e desafios à implantação da economia solidária, *Vitrine da Conjuntura*, Curitiba, v.2, n.2, abril 2009.

TENNENT'S LAGER "Caledonia" Advert. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TX9h558Tz1E> Acessado em: 29 de novembro de 2017.

THE LIST UK. "Was *Outlander's* UK release delayed because of the independence referendum?" Disponível em: <https://www.list.co.uk/article/70248-was-outlanders-uk-release-delayed-because-of-the-independence-referendum/> Acessado em: 01 de dezembro de 2017.

TONIAL, Tiago, *Dança e sociabilidade: o Dois-um em Rondonópolis*. 2007. Monografia apresentada em Graduação em História. – ICHS/CUR, UFMT, Rondonópolis, 2007.

TOREN, Christina. 2012. "Antropologia e Psicologia". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 27 número 80, pp. 21-36, outubro/2012.

VISION OF BRITAIN, Orkney Islands. Disponível em: http://www.visionofbritain.org.uk/unit_page.jsp?u_id=10197247 Acessado em 11 de novembro de 2017.

WATSON, Roderick. *The Literature of Scotland*. Macmillan Publishers, London, 1984.

WEBER, Max. Os tipos de dominação: In: *Economia e Sociedade*, vol. 1. Brasília: Editora da UnB, 1999.

WHYTE, Ian D. *Scotland's Society and Economy in Transition c.1500—c.1760*. London, Macmillan Press Ltd, 1997.

WOLF, E. Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar. In: FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO, G. (Org.). *Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf*. São Paulo: Ed. Universidade de Brasília: Editora Unicamp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. p. 117-144.

WOORTMANN, K. Com parente não se negueia. *O campesinato como ordem moral*. Brasília: Editora Universitária de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990. (Anuário Antropológico/87).

WORMALD, Jenny. *Scotland: A History*. London, Oxford University Press, 2005.

ZIMMERMANN, Doron. *The Jacobite Movement in Scotland and in Exile, 1746-1759*. Palgrave Macmillan, Hampshire, 2003.